

THE AULT & WIBORG BRAZIL COMPANY

Rua dos Ourives, 103

Rio de Janeiro

Fabricantes de:

TINTAS E VERNIZES

— PARA —

LITOGRAPHIA E TYPOGRAPHIA

PAPEIS CARBONO, FITAS, PARA MACHINAS,

MASSA PARA ROLOS

Papeis cartão e Cartolina de toda classe

Machinas e Artigos em geral

para as Artes Graphicas

Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes Estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhados com todos os aperfeiçoamentos modernos para quaesquer trabalhos de reparação e construção naval.

Extenso caes accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios.

Lage Irmãos

Commissões e Consignações

Grandes depositos de carvão Inglez e Americano de 1.^a qualidade.

Carvão Nacional das Minas de Lauro Muller e Cresciuma, em Santa Catharina.

Beneficiamento de sal por processos modernos.

Secções de café e Exportação e Importação de quaesquer artigos.

Escriptorios: AVENIDA RODRIGUES ALVES, 303-31



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias

Depositarios : PLINIO CAVALCANTI & Cia.

Rua da Alfandega, 147

Rio de Janeiro.

ARVORE NOVA

ARVORE NOVA

Revista do Movimento Cultural do Brasil

Redacção e Administração

Rua Sachet, 18-Sobrado

Teleph. Central 5685

Director-Gerente : SYLVIO PEIXOTO

Assignaturas:

NO BRASIL:

Anno 18\$000
Semestre 9\$000
Numero avulso . 1\$500
Num. atrasado . 2\$000

NO EXTERIOR:

Anno 24\$000
Semestre 12\$000
Numero avulso . 2\$000

Annuncios e demais publicações mediante prévia combinação

Arvore Nova só publica ineditos

Companhia Fiação e Tecidos

"SÃO JOÃO"

Fabrica em Atibaia — S. Paulo

ESCRITORIO : — RIO DE JANEIRO

Caixa Postal 466

Telephone, 3602 N.

End Telegr.: LOURDES

Companhia de Fiação e Tecidos São João

ATIBAIA — SÃO PAULO

ARVORE NOVA

ANNO I

DIRECTORES:

Rocha de Andrade e Tasso da Silveira

NUM. III

A EVOLUÇÃO RELIGIOSA NO BRAZIL

I

Já vae longe o seculo de Anchieta e de Nobrega, como em nossa historia podemos chamar, do ponto de vista religioso, sobretudo, ao seculo XVI, em que raiou para a civilisação o Brazil e com elle todo o continente Sul-Americano.

Anchieta e Nobrega, este pela sua excepcional capacidade organisadora e solida virtude apostolica, aquelle porque, verdadeiro poeta da acção, transfigurou num sonho de bondade e de caridade heroicas o plano administrativo do egregio provincial, impressionaram para sempre a Terra de Santa Cruz, cuja alma, por esse modo, plasmou-se consubstanciando aquellas duas grandes almas, que ainda vibram lá no intimo da nossa psyche actual.

Elles fizeram mais: prolificos, foram os creadores de todo o systema de cathese propriamente dita que prevaleceu, não só aqui, mas tambem na America do Sul hespanhola, inteira, em contraposição ao barbaro systema das *encomiendas*, pois não só despacharam do Brazil os missionarios, seus irmãos, que foram lançar as primeiras sementes da grande obra futura para aquelle outro lado do Prata, como forneceram o exemplo, o systema que já se tinha desenvolvido aqui. Foi a experiencia de Nobrega e Anchieta, segundo Southey, que aproveitaram os jesuitas na creação da propria republica theocratica do Guayra, Paraná e Uruguay, — a obra prima do systema de educação e organização social por elles concebido, com todas as qualidades e os defeitos que lhe são proprios.

No Brazil propriamente dito foi o zelo desses dous grandes apostolos que estimulou a metropole fazendo-lhe ver bem visto o perigo que corria a nascente colonia em consentir-se no socego com que Villegaignon ia procurando irradiar para o continente o dominio que estabelecera inicialmente num ponto da Guanabara, com o

sonho que trouxera de crear uma França antarctica. Elles é que deram mão forte ao sizudo e prestante Mem de Sá para expulsar da primeira vez o delegado que afinal deixara aqui o bulhento e talvez obnubilado almirante, após os primeiros episodios hereticos que entre elle e os seus hospedes calvinistas se passaram. Elles é que finalmente, ainda uma vez, integraram com o seu auxilio material e moral, tão poderoso, os recursos necessarios para a segunda e decisiva expulsão de taes intrusos. Elles ambos, ainda, é que, no sublime rasgo em que importaram as negociações de Iperoig, salvaram talvez a colonia inteira do grande risco em que esteve de ser arrasada, como se ceifa um broto, pela acção temerosa cujo plano já se assentara entre os confederados tamoyos.

O odio que na alma ingenua e feroz do selvagem se implantara, entretanto, contra os portuguezes, e que assim congregava as numerosas tribus para uma obra commum de exicio, era fructo, em grande parte, da propaganda que os expulsos do forte de Coligny, entranhando-se nas selvas, tinham podido estender até que refluísse ao litoral, na sede, tão comprehensivel, de vindicta que lhes abrazava e envenenava o animo.

Não era esta apenas uma paixão interesseira, por motivo da perda material que tinham soffrido os francezes, mas sim tambem paixão religiosa, sectaria, em muitos delles, que a procuravam incutir no incola, doutrinando este a seu modo, na costa inteira, mandando até meninos dos gentios «aprender ao mesmo Calvino», segundo narra o proprio Anchieta, para depois serem mestres dos seus.

Por tal modo nesses tempos andava exaltado o sentimento protestante, que o infeliz João de Bolés ou talvez João Cointa, indo a S. Vicente, e embora offerecendo-se até para combater os seus, de que se apartara, antes de serem expulsos do

Rio, começou, passados muitos dias, *a regoldar-se*, isto é, a dizer, também segundo Anchieta, «muitas cousas sobre as imagens dos Santos, das Indulgencias e outras muitas que adubava com certo sal de graça, de maneira que as palavras ao povo ignorante não só não pareciam amargas, mas mesmo doces».

Não se sabe ao certo que fim teve este João de Bolés, ou João Cointa, pois é muito contestavel ter sido elle enforcado aqui e haver o padre Anchieta ajudado «piedosamente» o carrasco na occasião para encurtar ao paciente seus transe, conforme a versão mais propalada. É bem possivel que houvesse duramente acabado seus dias, mas na metropole ou em alguma das outras possessões.

O que se vê, comtudo, de tal historia é a confirmação da propaganda heretica já então iniciada no Brazil e da predisposição para escutal-a pelo menos com grande tolerancia que neste horizonte desde ahi se pronunciava.

Depois dos «hospedes» de Villegaignon e mesmo antes dos hollandezes na Bahia e em Pernambuco, o contacto do incola com os hereticos continuou, coalhando estes, como flibusteiros e contrabandistas, de mistura com os francezes, as costas do sul e do extremo norte.

Não tarda muito, desde que passou Portugal para o dominio da Hespanha, de que os hollandezes e inglezes eram então extremos inimigos, a propria população da colonia menina conhece novamente de perto os oppositores á sua fé, embora para só combatel-os e repellil-os desesperadamente, não vindo elles com outras intenções sinão com as de matar e roubar por barbaro espirito de hostilidade e de lucro. Edwards Fenton, procurando atacar Santos em 1583; Roberto Withrington, poucos annos depois, surprehendendo a Bahia, onde apresa os navios que se achavam no porto; Cavendish e Cook, salteando em 1591 as villas de S. Vicente e Santos; em 1595 Lancaster e Venner entrando no Recife, onde fazem riquissima presa: estes e outros põem á prova a blindagem em cuja textura figurava, sobretudo, a primeira geração de mamelucos que o cruzamento já produzira e a nuvem de indios bem doutrinados ou ainda catechumenos, sahidos das mãos dos heroicos loyolas.

O maior dentre estes que depois do primeiro seculo já conheceu o Brazil, Antonio Vieira, escreveria no seculo seguinte affirmando, a proposito das misérias do norte, que «em 40 annos mataram-se por

esta costa e sertões *mais de dous milhões* de indios, e mais de quinhentas povoações».

Não foi muito menor, talvez, com o correr dos dias, o sacrificio e mártirio aqui no sul, desde a acção tremenda do ferreo Christovão de Barros, delegado de Antonio Salema, que escravisa dez mil infelizes tamoyos pelo crime de se entenderem estes com os entrelopos de Cabo Frio, até as enormes e demoradas devastações dos sequiosos bandeirantes, que vão pegando indio até se encontrarem com os hespanhões em Ciudad Real e Villa Rica, também por elles insolentemente arrasadas.

Nem tudo isto obsta, como vimos, que muito antes de incorporar-se violentamente o esforço barbaro, mas fecundo, sem duvida, e bondoso, do braço negro á obra de organização e defeza do ecumeno, o indio seja o nervo de resistencia, muito em parte, que se pode oppor, quer no sul, quer para o norte, durante o primeiro século, ás tentativas que de um lado e d'outro fazem os europeus rivaes de Portugal e de Hespanha nos mares por arrancar-lhes ás mãos este prodigioso dominio.

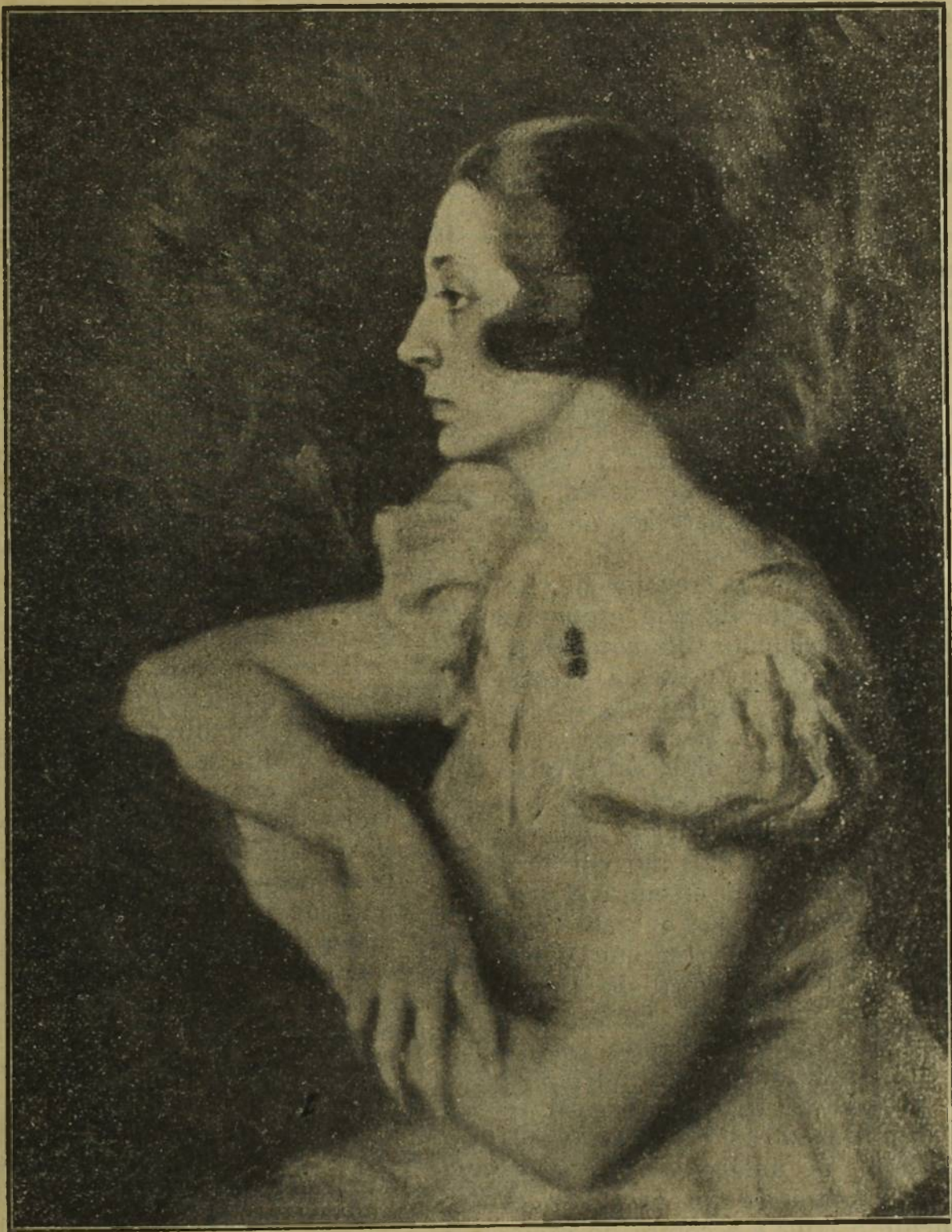
Assim foi porque o pobre selvagem poz todas as suas tremendas provações abaixo do religioso respeito, da seducção indominavel que sente pelos jesuitas, tendo-os experimentado com desconfiança a principio, mas não podendo jamais sorprehendel-os em perfida mancommunicação contra si.

Seriam inuteis, conseguintemente, os esforços do aventureiro adverso, em contacto com elle, por se collocar acima do prestigio que lhe mereciam os padres da Companhia e chamal-o a abraçar definitivamente outras crenças desprovidas do apparatus exterior e da malleabilidade no methodo catechista de que o catholicismo dispõe. Si, pelo contrario, a barbaria do colono não houvesse impedido fazer-se a assimilação do incola em escala muito maior do que se fez, este, sob a pedagogia jesuitica, pode que houvesse reproduzido aqui, em ponto gigantesco, algo como aquelle Paraguay, que nas mãos de Solano Lopes foi o bravo, mas passivo instrumento, por fanatismo, da sua selvagem, ambiciosa arrogancia. Não o reproduzira de todo, porque só os nossos vastos horizontes e os nossos climas, geralmente muito mais saos, mais sedativos, que os dessas zonas visinhas, haviam por força de modificar sensivelmente para melhor as nossas condições.

Esses mesmos factores; as condições de egressos de toda disciplina que offere-

cem na maior parte os primeiros a vir povoar a colonia; a relaxação em que, desde quasi o descobrimento, cae o clero secular; a luta cada vez mais accesa da parte do colono por utilizar o indio, que o jesuita defende, mas por utilisal-o como se

minuada a guerra hollandeza, repellidos para sempre os filhos de Luthero, que por tantos annos avassallaram uma parte do paiz, aliás com muito menos tolerancia religiosa do que ao entrarem prometteram; só depois disso é que se começam a mani-



PENSATIVA — De *Leopoldo Gotuzzo*

capta uma força bruta qualquer da natureza: tudo isso, muito mais do que a influencia do contacto com a gente catholica, impede o branco e o mameluco de darem ao gentio o exemplo da submissão e docilidade ao catechista que foi arrancal-o das selvas.

Pelo contrario, só depois de 1654, ter-

festar patentes os signaes de sensivel dissimelhança entre o espirito de crença aqui e o espirito da metropole. A propaganda que fazem os hollandezes de sua religião, até entre os indios, nada lhes adianta e antes os prejudica nos seus interesses praticos, dando mais uma razão aos opprimidos para se levantarem contra elles na

rebellião decisiva que acabou por atiral-os para longe destas plagas.

Uma vez, porém, que se ficou livre do estrangeiro, já não se trata apenas de tolerancia e frouxidão, ou, siquer, de uma resistencia cuja responsabilidade se puzesse ás costas dos barbaros ou semi-barbaros, como quando a gente de João Ramalho esteve prestes a ir de Piratininga atacar o recente collegio de S. Paulo, que os jesuitas tinham fundado.

Agora é a população do Rio de Janeiro e a de S. Paulo, não tarda muito é a do Maranhão, chefiada, ao norte e ao sul, por caudilhos escravagistas, predominantes em toda parte, que se levanta contra os roupetas ainda, animada, tal gente, por membros de outras congregações religiosas, emulas da poderosa Companhia. Levantam-se e maltratam-nos, expulsam-nos, sem que soffram por isso maiores consequências, vendo-se a metropole obrigada, pelo contrario, a condescender, a fechar os olhos diante de taes impiedades, até que seja possível uma reparação, ou uma conciliação, quando menos.

Até, annos depois, a revolta de Beckman, primeiro indicio de que espontava no dominio o sentimento de autonomia, provinha em grande parte dessa mesma quisilia contra os mais ardentes soldados da fé que houve após a Renascença, embora sempre por motivos alheios á religião propriamente dita.

Nem mesmo quando chega ao auge o tetrico «serviço» da Inquisição em Portugal, faz-se elle por modo memoravel sentir no Brazil, apesar de ser o Santo Officio extensivo ás colonias. Do que Warnhagen pôde ver nos archivos de Portugal, a negregada instituição persegue o Brazil de 1704 a 1767, parecendo-lhe que o numero de condemnações no tribunal de Lisboa, de pessoas aqui residentes, chegará por 540, tratando-se em quasi todos os casos, todavia, de judeus ou descendentes de judeus, contra os quaes se voltava particularmente o odio e a cobiça do reino.

A politica solerte, mas por isso mesmo cautelosa, prudente, que Portugal sempre observou com o Brazil até os tempos de D. José I, mas graças á qual, de tão longe e com recursos de coerção tão escasos, pôde aqui manter sua soberania, pelo menos nas grandes linhas indispensaveis; tal politica permittiu-nos ficar quasi que a salvo da acção deprimente que o jesuita esterilizador e o dominicano inquisitorial exerceram na alma da península, tirando

ao reino, drenando-lhe o melhor da sua força vital.

Quando vem o periodo pombalino, si os dragões e os representantes da justiça, ou antes do fisco, esmagam-nos com todo o peso de leis draconianas, raspando para a Europa o nosso ouro, com mais perfeita exacção ainda do que o fizera D. João V, em todo caso a guerra do poderoso marquez aos jesuitas e seu espirito de «liberalismo despotico» não poderiam modificar para peor, como não modificaram, as condições favoraveis á nossa liberdade de consciencia que as circumstancias tinham creado, havendo-nos permittido manter-nos voluntariamente, sinceramente, mas com certo desassombro, no quadro da catholicidade.

II

Dá-se afinal aquelle terremoto que foi a Revolução Franceza. Acaba esta por produzir Napoleão, o qual veio aparentemente trahil-a, mas de facto propagal-a, impol-a ao mundo inteiro no que ella tinha de mais essencial.

Não tarda, integra-se então de facio o Brazil, pelo menos economicamente, ao mundo, pois que D. João VI, atirado para aqui, com intelligente comprehensão de seus interesses politicos, declara abertos para a civilização os portos do «novo imperio» que vinha crear para este outro lado do Atlantico.

Essa creação, agora realmente forçosa, tinha de arrastal-o, no entanto, a outras reformas profundas e analogas, pelas quaes se tornasse na verdade fecundo o programma que os tempos e a situação lhe impunham.

Desde 1810 que oficialmente é declarada abolida a Inquisição para o Brazil, no primeiro tratado que o principe regente fez com a Inglaterra, datando dahi o estabelecimento de muitas casas de negocio estrangeiras nos nossos principaes emporios, sobretudo de inglezes. Em consequencia, por 1819 lançavam estes no Rio a pedra fundamental do primeiro templo protestante na America do Sul.

Não era, porém, necessario que o acatholico advena viesse estabelecer aqui o seu culto para termos nisso a prova de que a nossa mentalidade religiosa pelo menos não servia de obstaculo a desenvolver-se nestas novas plagas o espirito liberal.

Desde a guerra dos mascates, em 1710, que Bernardo Vieira de Mello er-

gueu a voz falando em republica com governo proprio, «como a de Hollanda ou de Veneza».

Facto mais notavel ainda, do ponto de vista que nos preoccupa, é que houvessem participado da Inconfidencia até

das ou quasi todas tiveram a collaboração de representantes da igreja, bastando citar-se Alencar, o padre Roma, frei Caneca, Feijó (este suspeito até de heterodoxia), para ver-se logo a importancia de tal contingente na organização politica do Bra-



MOLEQUE TRISTE — De Leopoldo Gotuzzo

varios padres, Mascarenhas, Toledo e Mello, Vieira da Silva, Rodrigues da Costa, Rollim, Lopes de Oliveira.

A revolução de Pernambuco, em 1817, tem até o heroico e tão sympathico sacerdote João Ribeiro como um dos seus chefes.

Quantas outras revoluções ocorreram, na independencia e durante o imperio, to-

zila e na formação do nosso espirito liberal.

Nada poderia demonstrar melhor do que isso a indole do nosso povo, ao qual andou identificado sempre o padre brasileiro secular, não só nas lutas dos primeiros annos da independencia, como o reconhece Armitage, mas até a proclamação da Republica.

Assim, pode-se dizer que a constituição outorgada em 1824 por D. Pedro I estava de facto em correspondencia com as nossas tendencias no concernente á preocupação religiosa, sendo embora muito mais liberal sob esse aspecto do que as constituições de quasi todas as republicas latino-americanas, até as decretadas em periodo mais recente, pelo que informa o Sr. J. C. Rodrigues.

Foi mais facil, em todo caso, garantir-se por esse modo a nossa tolerancia em materia de crença, facto para que certamente correu a maçonaria, por aquelle tempo tão activa e prestigiosa no Brazil, do que conseguirem triumphar os que se bateram depois pelo desenvolvimento de tal principio. A elegibilidade acatholica á Assembleia Geral e a dispensa do juramento parlamentar, no caso de escrupulo de consciencia, convertem-se em lei afinal; mas o projecto sobre a liberdade de cultos alcançou completa votação apenas no Senado, e só em 1888, um anno antes, consequentemente, da proclamação da Republica.

Não faz mal houvesse um *lontano* no rythmo com que proseguíamos em nossa acção reformista. Tanto mais que com o 15 de Novembro se rompe completamente o dique assim opposto á immigração, já encetada, em todo caso, desde o governo de D. Pedro I, das raças acatholicas, que sem isso não poderiam sentir-se bem á vontade aqui.

Tambem era tempo. A nossa nacionalidade já se achava consolidada sufficientemente para se não receiar da absorpção só com o facto de offerermos ao immigrante perfeitas garantias de liberdade religiosa. Fizera-se a Abolição, que foi a causa occasional maior por que a Monarchia baqueou. Tinha-se necessidade, consequentemente, de attrahir em maiores ondas do que até esse momento os trabalhadores brancos, que viessem offerecer-nos possibilidades para reorganisar o nosso abalado systema de producção.

Foi-se, no entanto, ao extremo, separando-se logo a igreja do Estado e até inserindo-se em nova bandeira, que se decretou, uma legenda sectaria, vinda lá de fóra em importação recente e de todo antipathica por sua forma prosaica.

Não havia muitos annos começara a fazer-se quasi que unicamente no Rio a propaganda do positivismo integral, isto é, com o complemento religioso que Augusto Comte lhe additou já para o fim da sua carreira de philosopho. E o facto

de se tornarem predominantes os propagandistas de tal doutrina nas primeiras horas do novo regimen, é que determinou ambas essas decisões, tão sérias.

A nova bandeira quasi que só teve como consequencia levar o mundo a olharmos com certa curiosidade maliciosa, confirmando com isso ainda melhor, de si para si, a idéa que elle faz do que vem a ser na America do Sul o que se deve chamar propriamente cultura... Quasi todos os brasileiros que olham para o nosso pavilhão abstrahem-se desse distico como si elle lá não se achasse de facto...

Quanto á separação da igreja e do Estado, todos vemos que, feita do modo por que se fez, ella tornou ainda mais escassa a vocação do sacerdocio secular aqui, por conseguinte reduziu o nosso clero, já pequeno para a extensão do nosso territorio, e levou-o a desconfiar da Republica, deixando de concorrer assim para que o povo nella confie. Emquanto isso, o clero estrangeiro, o das ordens professantes, sobretudo, vae invadindo por toda parte o paiz, apoderando-se do nosso ensino primario e secundario, e dando ás cousas religiosas a orientação que em Roma se lhe prescreve. Tambem reanimam-se os conventos, a que o Imperio vedara o noviciado e negava o direito do patrimonio de mão morta. Graças á intensa propaganda nas igrejas e nos lares, numerosissimas vocações se pronunciam, mormente para freiras e irmãs de caridade.

Vistas as cousas a essa luz, consequentemente, a Republica deu mão forte ao catholicismo mais do que si houvesse mantido as congruas, mas com ellas o direito do padroado, por que o Imperio sempre foi tão zeloso.

Tudo isso, não obstante, é aceitavel por aquelles que são firmes e consequentes partidarios da liberdade de consciencia, uma vez que não venha por fim ameaçar a propria integridade do paiz, como pode acontecer, si deixamos quasi desamparada de soccorro espirital, como está, toda essa massa que pelo Brazil inteiro continua a ser catholica, mas necessitada de viver em contacto com pastores que a entendam e sejam por ella entendidos, o que não se dá, talvez felizmente, com o clero estrangeiro.

Antes um pouco da separação da igreja e do Estado tinhamos, ainda no fim da Monarchia, o registro civil mais a secularisação dos cemiterios, e com a separação tivemos o casamento civil, reformas porque se vinham batendo ha annos os espi-

ritos liberaes. Somente o facto de se não impôr a precedencia do casamento civil á cerimonia religiosa tem sido grave motivo de damno entre a gente ignorante, para as mulheres, pela nullidade civil do sacramento sem contracto legal.

Apenas o divorcio, consequencia logica, — é forçoso reconhecê-lo, — do casamento perante o juiz, ainda não é permitido entre nós, e devemos fazer voto por que demore a chegar. Nesse ponto os positivistas têm sido um elemento de ordem, conjugando seus esforços aos dos representantes de Estados onde o catholicismo tem-se opposto vivamente a que deitemos abaixo entre nós essa ultima barreira á liberalidade em questões desta ordem. Na hora turva que atravessamos, hora de cega imitação, sempre pejorativa, a costumes estranhos e de povos organizados tão differentemente do nosso, faz-se muito mais necessaria uma reacção do que um avanço maior nesse terreno.

Si estendermos a vista para fóra da grande sociedade catholica, reconheceremos que, com as reformas radicaes do novo regimen e a inquietação espiritual da hora presente, o catholicismo tem toda a razão, com verdade, no Brazil, para despertar da confiante sinão apathica tranquillidade em que a Republica veio encontral-o, ainda após a famosa questão dos bispos que para o fim do reinado alvoroçara, mas passageiramente, o alto clero.

Sabe-se que elle entrou nesta phase de grande animação não só aqui, mas em todo o mundo, desde antes da guerra. Si, porém, nos paizes acatholicos, como na Inglaterra, na Allemanha e nos Estados-Unidos, assim lhe aconteceu em consequencia de espontanea e consideravel fluctuação em seu favor, cousa que vem tão em contrario aos calculos da opinião geral; aqui no Brazil viu elle e está vendo, em vez disso, cada vez mais estender-se a acção dos protestantes e outras seitas, como nunca.

Anglicanos, lutheranos, methodistas, presbyterianos, maronitas, schismaticos, catholicos do rito oriental, druzes, judeus desenvolvem-se cada vez mais aqui, fundando templos, estabelecendo escolas, os protestantes procurando com ardor crescente fazer proselytismo intensivo, os orientaes satisfazendo as necessidades de espirito de suas differentes colonias. Só quem busque informações mais precisas a este respeito, como as que se encontram no trabalhado livrinho «Religiões Acatolicas», do Sr. J. C. Rodrigues, de que tanto me utiliso neste rapido esboço, é que pode ver

a consideravel importancia de tal movimento e bem medir a penetração que por todo o paiz se vae fazendo das doutrinas christãs, sobretudo, que se afastam da orthodoxia catholica.

Alem disso, si vae o positivismo pouco a pouco esmorecendo com a morte ou o declinar da idade dos seus corypheus entre nós, o espiritismo alastra sem descontinuar por todas as nossas cidades e até por centros demographicos menores. Da população urbana propriamente dita talvez que um terço esteja hoje mais ou menos contagiado por essa doutrina.

Em varias capitaes outras crenças mysticas, mormente o theosophismo, que está fazendo moda agora na sociedade elegante do Rio de mistura com os desportos, agravam a situação, para os olhos catholicos, e aos do pensador accentuam aqui cada vez mais os caracteristicos do momento espiritual, demonstram a inquietação religiosa, que vae por todo o mundo civilisado.

É, pois, inteiramente fundamentada a solicitude, cada vez maior, com que a igreja catholica, não só assimila no Brazil essas levadas de congregados estrangeiros que frequentemente nos chegam, como procura desdobrar-se em prelazias, conseguindo um cardinalato brasileiro, derramando arcebispadados e bispados na proporção e ás vezes alem da proporção do desenvolvimento demographico do paiz, erigindo numerosissimos templos novos, procurando uma symbiose officiosa cada vez maior com os governos da Republica, embora sempre mal humorada com esta, conquistando até na alta classe intellectual jovens e valiosos adeptos, conseguindo mesmo, em boa parte nas proprias escolas militares crear um novo estado de espirito em seu favor, como fizeram os positivistas, quando se preparava o 15 de Novembro.

Pode-se dizer que só os sertanejos é que ainda se acham estranhos a essa agitação espiritual no Brazil, emquanto, comtudo, pelo menos a gente da roça, aquella que é intermediaria entre elles e a população urbana, já se resente por modo bem sensivel ao menos da indisciplina social, que traz a desorganisação do trabalho, e que se vem pronunciando parallela ao movimento de ordem religiosa. O phenomeno de Canudos, porém, ainda não esquecido, o daquelle monge do Tibagy, e das guerrilhas no Contestado, como essas incursões cada vez mais frequentes dos jagunços e cangaceiros sobre os povoados e as proprias cidades do norte; tudo reve-

la que o Brazil é um só, e que, si o pode ser para nosso bem, poder ser também para nosso mal.

Esta ebulição religiosa que vae pela orla do paiz não é impossivel repercute amanhã no seu amago sob a forma de um fanatismo grosseiro, correspondente ao estado rudimentar de cultura em que se acham esses nossos patricios até aqui, elles, entretanto, que representam o cerne da nacionalidade.

Si assim, porém, se desse, não seria estranho avivar-se tal sentimento casando-se com outros, subversivos, de caracter social, incutidos e explorados por caudilhos que, com o apoio de outros Antonio Conselheiros e outros Monges, se tornassem rivaes do coronel.

Taes cabecilhas hem poderiam evidenciar aos olhos dessa gente simples a burla que para ella tem sido a Republica, sobretudo no que respeita á justiça, está muito peor agora, — é innegavel, — depen-

dendo, scissipara, dos presidentes e governadores, do que quando lhes ia do imperador, cuja sombra e cujo nome, ainda na hora actual, é o que elles mais respeitam e veneram, porque muitos e muitos, por emquanto não ouviram falar, siquer, de um presidente da Republica.

Caso tal cousa acontecesse, nesse dia pode que o Brazil viesse a conhecer o que quer que é lembrando uma Russia antartica castigada por bolchevismo bastardo.

Neste momento em que se commemora o centenario da nossa independencia politica, façamos votos por que esta terra, que de tantos e tão graves perigos se tem livrado, continue sua evolução religiosa sem embates capazes de tirar ao nosso aspecto em tal sentido a amenidade, vagamente parecida com a doçura confuciana, que até aqui nos tem sido propria.

NESTOR VICTOR.

UNA ÓPERA ARGENTINA EN EL BRASIL

Muchos hay, aún entre aquellos que conocen la variedad y riqueza de nuestra música nacional, que, pese a los ejemplos



FELIPE BOERO

habidos, no creen o no quieren creer en que pueda hacerse una buena ópera con la materia prima existente, y llegan en su incredulidad hasta negar la posibilidad de su realización.

Habituados a la música y a los argu-

mentos ya conocidos, una y mil veces repetidos — y a los cuales no negamos su valor real — poco se empeñan en estudiar, en penetrar el valor artístico de las obras de nuestros músicos, siquiera fuera para renovar una emoción de arte.

Bien es cierto que las empresas líricas dan una o dos representaciones de las óperas nacionales que por contrato tienen que estrenar y... como las presentan! sin cariño, sin estudio, sin el menor entusiasmo, solo para salir del paso con la cláusula del convenio...

De ese modo ¿quién puede gustar, paladear, compenetrarse en fin de una obra, si solamente se la escucha una o dos veces? Se tropieza con toda clase de inconvenientes, desde el desinterés artístico con que los empresarios toman la obra, hasta el poco empeño y falta de esmero con que los artistas estudian sus partes, resistiendo otro idioma que no sean los clásicos conocidos. Por ello cada vez es más necesario, si deseamos tener éxito, la fundación de un conservatorio nacional que forme o perfeccione artistas, para que las obras de nuestros autores no sean maltratadas y podamos escuchar alguna vez una ópera argentina cantada por artistas nuestros en nuestro propio idioma.

*
* *
*

Felipe Boero, el talentoso e incansable compositor joven de nuestro país — a quien pertenece «Raquela» de la que voy a ocuparme enseguida — marcha al frente de la valiosa pléyade de músicos argentinos, después de haber gozado de los triunfos justicieros que le reportara «Tucumán» y «Ariana y Dionisio», dos óperas vigorosas y de alto mérito musical, sobre todo «Tucumán» que, después de seis representaciones (una excepción de la regla) en nuestro Colón, ha cosechado palmas y ovaciones en el Constanzi de Roma.

Felipe Boero es un predestinado a glorificar el nombre del arte argentino a través de los tiempos dentro y fuera de nuestras fronteras — quizás con más razón lejos del terruño por la verdad dolorosa de aquel proverbio de que «nadie es profeta en su tierra».

*
* *

Para septiembre del corriente año, tiene el propósito de estrenar en el «Theatro Municipal», de Rio de Janeiro, su última ópera «Raquela», ofrecida al Brasil progresista y amigo, en ocasión del Centenario de su Independencia, más que como un homenaje a su glorioso aniversario secular, como un acto de confraternidad artística — si es que cabe el término — dado aquello de que el arte, como el amor, como la ciencia, no conoce fronteras ni se aviene a los límites territoriales no obstante llevar impresos muchas veces, el sello, el timbre, la modalidad o el sentimiento característico de determinadas regiones.

Ambiente nacional, asunto nacional, música nacional.

Desde el panorama grandioso de la pampa inmensa, — cuadro inicial — hasta el final trágico de la obra, pasan y se entrelazan diversos cuadros de ambiente: la siega, la fiesta, el baile, la serenata, etc. con situaciones varias, algunas de intensa emoción dramática, y se desenvuelven en medio de escenas campestres, que no por ser nuestras dejan de pertenecer a esta América Ibérica identificada en el mismo plasma filofógico, en el origen de la raza, en más de una de sus modalidades y hasta en su propio e íntimo sentimiento, y todo ello va pasando, mientras la orquesta, desde las más leves hasta las más heroicas

melodías, no olvida ni por un instante el motivo nacional que la inspira y la gobierna según las circunstancias.

Así como la Musa gaucha, con sus trovas sencillas, sus coplas fáciles y sentidas nació en la soledad de los campos, la música de Boero ha buscado en esa fuente inagotable, los motivos esenciales de inspiración en que descansa su obra, motivos que él agrupa, entrelaza y combina con una facilidad y habilidad maravillosas, formando de ese conjunto de motivos dispersos de música popular, un nexo orgánico, sólido y armónico, que revela todo el sabor que tienen las cosas antiguas y locales, cosas del terruño que deben venerarse con el respeto que se guarda a la tradición, desde que constituyen verdaderos documentos de la historia musical y el folklore argentino.

*
* *

Al levantarse el telón, aparece en la escena, frente al clásico rancho, la visión de la pampa. La orquesta insinúa el amanecer con suavidades apenas perceptibles que van animándose paulatinamente, con nuevas imágenes musicales, a medida que la luz vá venciendo a la penumbra.

Se escucha perdido entre las notas, el silvido del boyero. La claridad vá haciéndose en la escena y la música adquiere un aire más solemne, dibujándose en el fondo el estilo de una canción.

Aumenta la sonoridad y la vibración de las cuerdas con varios temas que se entrelazan y, respondiendo a la plenitud de las cuerdas intervienen las trompas con sus sonidos característicos, distinguiéndose extraordinariamente por su altura los timbres de las trompetas.

El crescendo se hace, finalmente, más solemne aún, entrando a actuar los trombones que, llegando al *máximo* con la total intervención de la orquesta, termina en forma heroica y triunfal como gran apoteosis cuando el esplendor del sol aparece sobre la llanura. Como un complemento, el coro, que forma igualmente parte de este preludio — elogio de la naturaleza — constituye el primer solo, percibiéndose un diálogo de guitarras, el canto de los pájaros — que baja a manera de murmullos — y tantas de esas voces que animan la soledad de los amaneceres. El coro digo, va tomando cuerpo, y se escucha una canción popular típica de nuestros campos:

«Como un resplandor de incendio
«Se anuncia ya el nuevo día
«Y las aves en concierto
«Cantan del sol la alegría.»

En este preludio — eminentemente descripto — no se encuentra una sola frase musical que no tenga carácter nacional; diríase que es una fusión de notas sometidas en un todo al carácter popular, siendo de notar el gran papel que juegan las cuerdas, dado que el instrumento popular de la llanura, es por excelencia la guitarra. Así el elogio de la naturaleza tiene una interpretación fidelísima, ya con la claridad diáfana y pura de los violines — a quienes también está confiado la interpretación del viento, el gorgceo de los pájaros y hasta el silbido clásico del boyero que pasa con su carreta — ya con la melodía dulce de las guitarras que tienen tan hondo sentimiento.

*

* *

Aparece Raquela — personaje central de la obra, concienzudamente estudiado a través de escenas fuertes y emotivas trazadas con admirable naturalidad — joven de veinte años, hija de don Lucio, mayordomo de la estancia donde se desarrolla el episodio en la época de 1880. De ella están enamorados Honorio y Servando, peones de la estancia.

Aparece Raquela en la escena y contemplando distraídamente la llanura, apoyada en una «tranquera» que se divisa en el fondo, sintiendo la belleza del panorama, canta este sólo elegíaco con unas notas de fresca melodía, llena de tristeza, que traducen su presentimiento pesimista — motivo que forma el nervio de la frase, con que los violines terminan el acto final de la obra:

«Cielo como eres bello...
«Oh, sol, como eres bello...
«Grano, como eres bello...
«Oh, flor, como eres bella...
«Cual presagio feliz
«Todo canta en el llano
«En el llano todo es luz
«Pero conturba mi alma
«La sombra fatal de una tristeza...»

Don Lucio — padre de Raquela — que se siente feliz, quiere que la fiesta que ha organizado celebrando un año fecundo, sea digna de sus afanes y «nei dintorni si camenti».

De ahí que su entrada, dé lugar a un scherzo, pequeña escena que delinea el

personaje alegre, jocosos; tejido sobre el tema del «cielito», danza popular sobre la que descansa toda esta parte, en la que también aparece hábilmente enlazado otro asunto de danza popular.

La noticia de la imprevista llegada de Servando — antiguo amante de Raquela — llena a ésta de súbita inquietud, haciéndole sentir más cercano su presentimiento; lo que traduce la orquesta característicamente y revelando con la aparición de Honorio y el movimiento de los protagonistas, seguridad técnica en el manejo de la escena y de los personajes.

La entrada de Honorio proporciona la ocasión de un duo que lo constituye un breve diálogo dramático de intensa emoción, sobre todo en la frase amorosa:

«Ah, cómo el alma se inunda
«De tu mirada al destello
«Cómo desmiente su lumbre
«De tu labio el cruel acento.»

que se basa en un tema popular.

La despedida de Honorio provoca un bello trozo teatral en Raquela, mientras la orquesta describe, «algo ansioso», distinguiéndose una frase de plegaria que termina con una imploración apasionada.

Sigue a esto otro duo entre Raquela y Servando cuya llegada, pinta la orquesta imitando el rumor de un galope que se acentúa cada vez más, al tiempo que bulle una especie de tormenta, queriendo reflejar el estado espiritual de Raquela, reapareciendo el duo dramático sobre el tema popular de una canción amorosa. Raquela estalla indignada ante la decisión de Servando de revelar sus pasados amores, lo que es interpretado fielmente por la música con frases cortantes y sonoras de gran belleza emotiva.

*

* *

Llega el momento de la fiesta. Se escuchan canciones populares que comienzan con voces aisladas que a medida que se aproximan van aumentando sus perfiles. La orquesta sobre el tema de «la huella», teje un estilo. Hay bordoneos de guitarra que separan las estrofas del coro, bordoneos que, dice un canto popular, constituyen un elogio de la llanura. Luego de un aire alegre, cuyo acompañamiento es a base del «triumfo», reunido ya el paisanaje anunciado momentos antes por don Lucio cuando dice:

«Raquela ya se aproxima
 «El paisanaje alegre!
 «Vienen los mozos trayendo
 «En ancas de briosos fletes,
 «Todo un enjambre parlero
 «De mozas que es un primor.»

el coro interno sobre la canción popular de la «huella» canta:

«En tus cabellos negros
 «Linda morocha
 «Qué bien luce un pimpollo
 «De fresca rosa!
 «De tus ojos morena
 «Una mirada
 «Hasta el alma me quema
 «Como una llama!

DON LUCIO:

«Bien haiga» la alegre gente
 «Que así sus penas desecha!
 «Vayan pues armando un Gato
 «Para empezar la jarana.»

Y el Gato, ese baile tan nuestro, tan sentido, con su ritmo elegantísimo lleno de fuego a la vez que tan delicado, comienza mientras el coro canta:

«Para bailar el Gato
 «Se necesitan
 «Dos muchachas bonitas
 «Dos mozos guapos
 «Cuatro pies tiene el gato
 «cuatro la zorra,
 «cuatro la lagartija
 «dos mi paloma.»

Y la «relación» que es uno de los componentes de la pieza, se prepara.

Servando y Raquela frente a frente se encuentran, junto con las pasiones que bullen en su interior. Amoroso Servando insiste en su amor:

—Yo no sé porqué mis ruegos
 tan indiferente te hallan,
 si es porque ya no me quieres
 dímelo prenda de mi alma.

Las situaciones están bien combinadas y la orquesta las sigue atentamente, acompañando las exclamaciones del paisanaje dando una sensación de bullicio y alegría a través de la declaración, que Raquela responde en forma dramática:

—Mató un pichón de torcáz
 el frío del crudo invierno,
 el frío de una traición
 mi corazón ha muerto.

La música que continúa con el baile, no deja de traducir la sorpresa, la incomodidad que la respuesta de Raquela ha pro-

ducido en la concurrencia, que sigue bailando el «Gato» un tanto silenciosamente.

*
 *
 *

Segundo momento.

El segundo momento es dramático por excelencia, pues allí reside el desenlace de la obra.

Así como el preludio es una vigorosa descripción del amanecer; el interludio describe el declinar del día — esa tristeza de los crepúsculos que tanto coincide con el estado de espíritu de Raquela; como si el triste presentimiento que desde el comienzo se cierne fatal sobre su destino, pareciera próximo a cumplirse.

La música tiene un carácter netamente emotivo, suave, cadencioso. Oyese a lo lejos la voz de Honorio que viene por la llanura cantando una serenata, de una dulzura profundamente sentida — que Boero explota inteligentemente — sirviéndole de pretexto para insertar un «triste» de auténtica estructura criolla y de gran belleza emotiva.

La serenata de Honorio, que lo constituye un andante, descansa sobre una melodía dolorosa, (idea melódica de la que se encarga el «oboe» tan apropiado para el caso), y el sólo, es acompañado por la orquesta, con una cierta agitación oportuna al momento.

Ella lo reconoce. Siente su amor verdadero y le confiesa el suyo, lo que da lugar a un duo brillante:

RAQUELA:

«Pues bien sí! he mentido...
 Te amo Honorio! Por tí solo
 Palpita en mi pecho la llama
 Del amor... dulce amor!

Dúo que al unísono cantan, ya resueltos a huir por la pampa grandiosa con el azul del cielo por techo y entre el perfume de la hierba.... Pero la escena termina en forma dramática con la brusca aparición de Servando, que dá un alto a la pareja.

—Quien es este hombre, Raquela?—y Servando le responde: — Su amante. — Mientes, canalla, replica Raquela y su novio Honorio reclama venganza a la ofensa inferida.

La lucha entre los rivales — que sobreviene al instante y que la orquesta traduce en una forma agitada y vibrante, revela que Boero posee recursos múltiples y co-

noce los secretos íntimos de la composición y orquestación.

Cuando Raquela cae herida por Servando, a raíz de haberse interpuesto entre los contendores, la orquesta estalla, — si cabe el término — resolviéndose en una serie de frases musicales que simulan el galope del caballo en que huye el cobarde asesino.

Con vida aún Raquela llama a Honorio. El padre, que aparece en ese momento, pregunta quien la ha herido: — «Ninguno, padre; yo misma» y abrazándose a Honorio, le dice:

«Honorio, escúchame: le amé
por mi daño un día...
y él me engañó... le perdono,
así mi culpa redimo...
Más, en este supremo instante
Bien mío, cerca de la muerte,
Ahora Honorio que muero,
Puedo decirte: Te amo...»

Así termina esta obra que se escucha respirando un auténtico perfume de argentinidad, obra de la cual ya se ha ocupado el talentoso escritor brasileño Ildefonso Falcão en una de sus inolvidables crónicas «Desde Buenos Aires» y que la popular «Careta» difundiera entre los lectores cariocas.

El libreto, en verso, pertenece al eminente educacionista y publicista argentino D. Victor Mercante, y el decorado, — obra de uno de nuestros más brillantes pintores jóvenes: D. Héctor Basaldúa — es una obra de mérito artístico y de gran carácter, pues Basaldúa, es un conocedor profundo de nuestras cosas de tierra adentro. De ahí que sus figuras, las actitudes y vestimentas de los personajes — desde los protagonistas hasta los figurantes, mozas y mozos, viejas y gauchos, — estén caracterizados con singular acierto.

Finalmente, la notable soprano Gilda Dalla Rizza, — que ha escuchado «Raquela» en cenáculo de artistas y críticos de arte — se ha manifestado entusiasmada ante la posibilidad de crear en Rio de Janeiro el personaje de Raquela como un homenaje a ambos países, donde tantas simpatías y aplausos tiene conquistados.

Tengo informaciones que muy en breve, en la residencia del distinguido diplomático Dr. Pedro de Toledo, en Buenos Aires, el Sr. Felipe Boero dará una audición privada de su ópera, lo que motivará una memorable reunión artística y social.

ENRIQUE LOUDET.



A BANDEIRA VERMELHA

Libertas quæ sera tamen

HYMNO de praça publica! Semelha
A luz, mas quando a luz se faz violenta;
A luz do incendio em vasto lumaréo,
Alumiando o fragor de uma tormenta;
Linguas de fogo a tremular no espaço
Em petalas ardentes para o céu.
A bandeira vermelha!

A luz do incendio é a morbida revolta
Do fogo, preso á inercia da materia:
Um dia rompe a grade e as azas solta,
E o que éra opaco explende na scentelha,
Como o carbonho que se faz diamante.

Em brazas de ouro funde-se a miseria
Do corpo anonymo, e fatal, radiante,
Do sólo ardendo em fulvas alamedas
Satan desfralda, chammejante e doudo,
O seu manto franjado em labaredas.
A bandeira vermelha!

É assim a flammula da côr do sangue,
Mas o sangue vermelho, côr da vida,
Que alvorece em rubor e não intangue
Tuberculoso a carne desvalida.

Do sangue quente, a estuar de orgulho humano;
Agua lustral jorrando de alvoradas
Que sobem, como sóes, das barricadas
Em que a peleja heroica se aparelha

Para reunir na mesma cova raza
O que rouba de um throno e é soberano,
Ao que furtou e é apenas um ladrão.
Ó flor flammante da revolução,
A bandeira vermelha!

Mas quando na dalmática rebrilha
Dos dias claros, amplos de esplendor,
A luz — seiva dos astros — maravilha
Da synthese da vida, que é o calor,

A luz, é o hymno do deslumbramento;
O canto real dos mundos sobre a terra;
Que exalta o Cósmos, como o pensamento
Accende em gloria o genio que o descerra.

Canta no espaço em azas multicores,
No coleio das aguas, no areal;
E na muzica aromatica das flores,
Porque a flor é um gorgueio vegetal.

A bandeira da Paz, na bandeira da Patria,
É como a luz serena desfraldada
Acenando ao Azul. A bandeira, idolatre-a
Quem pelo amor tenha a alma em luz transfigurada.

Quando um povo, uma raça, o mundo inteiro
Geme calcado pela omnipotencia
E um dia explode contra os salteadores
Embuçados na lei, ou fóra d'ella,
A bandeira da Patria é como o poente
Que assiste ao ultimo prestito da luz;

Torna-se rubra e tremula proclama
O macabro *ça-irá* do desespero,
E a Bastilha desanda e o throno russo
Rola convulso em meio um cataclysmo,
Como a sanie de Roma aos pés da Cruz.

Mas o normal da vida não é a febre;
E vencida a hora tragica, a bandeira
Volte ao candor da luz e a paz celebre
N'um BRAVO! erguido á humanidade inteira.

DE UM POEMA DE AMOR

XIV

MARCHA NUPCIAL

ERA a hora suave, em que a diuturna faina,
o esforço vão, serena como um mar...
No espaço a enlanguescer fluctuava a paina
do crepúsculo, leve, leve... E ardia
a cidade em tumulto, na alegria
de ter a noite para, enfim, sonhar...

(É teu olhar, que via?
— o automovel que, celere, corria,
e o meu olhar perdido em teu olhar...)

Passavam ruas... praças... avenidas...
vertiginosamente, a arfar, a arfar...
Cortejos longos de arvores despidas,
palacios, multidões indefinidas,
clarões e sombras, resonancias no ar...

(E o teu olhar, que via?
— a febre, a gloria, a fantasmagoria
de sonho, reflectida em meu olhar...)

Havia o ouro das lampadas... Havia
o ruido immenso da urbs a offegar...
E o occaso em pompa... E a bruma fugidia...
E longe, longe, na amplidão vasia,
Um perfil de montanha, que se erguia
Como a torre longinqua de um solar...

(E o teu olhar, que via?
— a afflicção, a agonia,
o delirio de amor, em meu olhar!)

XV

DUETTO FINAL

— Tão abatida! Coitadinha...
São duas horas... — E o doutor?
Não chega nunca! — Disse que vinha...
— Filha! -- Filhinha... meu amor...
Calou-se! — Ainda ha pouco gemia...
-- Que agitação! — Tem falta de ar...

(Lá-fora, a noite é uma agonia...
Lá-fora, a noite, fria, fria,
e as coisas todas a sonhar...)

Acho-a peor! A febre augmenta!
— Põe o thermometro... — Ergue-a... Assim...
Prompto! — Baixou? — Quasi quarenta!
Oh! esta noite não tem fim!
Nossa senhora, olhae por ella!

(Lá-fora o céu todo se estrélla...
Ha solidão... silencio... luar...)

— Nossa Senhora! levo uma véla
p'ra minha filha se curar!...

TASSO DA SILVEIRA.

FLAGELLUM DEI

SÓ, no horror da procella, Attila-o abutre-pensa.
Pensa. Arde o ceo. Soturno e barbaro, o seu vulto
Vacilla, entre os clarões rubros da noite immensa,
No lugubre esplendor da tempestade occulto.

Em seu craneo, onde raiva um temporal medonho,
Turbilhonam visões como aguias infernaes,
— Aurora de azas, torvo exercito do Sonho —
Filhas do abysmo eril da alma dos temporaes.

Resfolga, respirando as musicas violentas
Do raio. E treme todo: o tigre acorda! Olhai-o:
O chacal sente o odor do sangue nas tormentas,
O abutre sente o odor da carniça no raio!

Um dia, longe, quando os primeiros instinctos
Brotaram no seu craneo, assim tremeu tambem;
E, logo, o coração do irmão nos dedos tintos
De sangue, despedaça, em supremo desdem.

Eil-o, de novo, a arfar em delirios ferozes...
Sonha! Sonha prender o Mundo nos seus braços,
Partindo-o num fremir de turbidas nevroses,
Lançando aos pés de Deus os negros estilhaços.

Vê-se, entre os Hunos, como espectros da ballada
 Onde os negros corceis de Uhland e Barger vão
 Transpondo os vendavaes, na ancia desencadeada,
 Prendendo á aza da noite o estrondo do trovão.

Tu, procella de fogo, e vós, raios sangrentos,
 Trevas! Não sereis mais que blandicias e affagos,
 Quando elle, em torvelhinho, apavorar os ventos,
 E os deuses abalar em seus templos aziagos!

Ouves? Esse clamor, que agita os ceos, é o Rheno
 Que treme e chora! São as sylphides em flor:
 Lá desertam do bosque, onde o Edelweis sereno
 Fecha os elfos do luar num carcere, de amor...

E elle passa! E atropella as sombrias edades,
 Relampago a rolar num rio de trovões —
 Onde elle pousa o pé rebentam tempestades,
 Onde desfralda o grito, erguem-se as maldicções...

Rugem humanos chaos num vortice profundo:
 Os Barbaros! Lá vão — cadeia de igneas tramas.
 E os ceos, lividos, vêm, sobre a fronte do Mundo,
 A grinalda infernal das cidades em chammas.

E o Tempo clama, vendo o incendio que se eleva,
 Enchendo o velho azul de um bramido cruel:
 — Tremei, soes! Rugi, ceos! Eil-o, a escorren de treva.
 Eil-o, a abalar a terra! Eil-o, o irmão de Lusbel!

E quando elle, excidindo as cathedraes e os cultos,
 Crispa as mãos, assombrando e apavorando o Eterno,
 Na dextra, esmaga os ceos e seus deuses inultos,
 Na sinistra, levanta, alcandorado, o Inferno.

Ah! Como a aguia fatal ha-de invadir a altura,
 Numa escada avernal de tormentas de luz!
 E Attila, a arder de sonho atroz, se transfigura;
 E num gesto flammante abre os braços em cruz...

Deus, porém, que lhe ouvira o sonho, entre a nortada,
 No infinito o esquadrão dos ventos aquartella;
 E ergue na vasta mão, tímida e immaculada,
 A estrella d'alva sobre as ruinas da procella....

E ante os seus olhos vis-duplo abysmo de assombros —
 No gesto resplendente e immenso do arrebol,
 Deus sorri levantando a alvorada nos hombros...
 E o sorriso de Deus flammeja... Surge o sol.

MOACYR DE ALMEIDA.



AUGUSTO DOS ANJOS E A SUA OBRA POETICA

Quando, ha tempos, em terras patricias do norte, fui apresentado a Augusto dos Anjos, o malaventurado poeta que se finou ha sete annos, numa hemoptyse traiçoeira, força é confessar que tive um sentimento mixto de pena e decepção, deante o seu magrissimo todo e a palidez doentia de seu semblante.

Era assim. Ninguem diria, vendo-lhe o corpo esguio e o rosto tristemente allumiado por uns olhos mortiços e pensativos, que naquella debilissima estructura physica vibrava uma individualidade psychica das mais pujantes e admiraveis.

E, mais ainda que a sua organização de enfermiço, escondiam-lhe a grandeza da personalidade consciente, a modestia que lhe era peculiar e a timidez illogica do seu espirito.

Quando falava, porém, transfigurava-se inteiramente: — a cabeça oblonga e pequenina começava de mover-se em decompasso com todo o corpo; brilhavam-lhe os olhos de um modo novo e o rosto macilento de tysico, tendo bruscas mutações physionomicas, illuminava-se de um fulgor quasi mystico. E, emquanto lhe fluíam torrencialmente as palavras, com as mãos magrissimas, impacientemente tremulas, descrevia, no ar, successivas parabolás, gestos de nervosismos estranhos, como se tentasse moldar o pensamento, delinear as imagens, corporizar as idéas mais abstractas, — toda uma anciedade torturante de plasmar um mundo subjectivo de emoções bizarras e doentias...

O que ora, porém, me proponho dizer da sua individualidade literaria não póde ser, por força de amizade confessa e entusiastica admiração pelas suas virtudes supérstites, um trabalho de critica mas, simplesmente, uma palestra referta de sinceridade nos juizos e reverencia postuma ao seu espirito illuminado e fraterno.

Motivos omnimodos poder-me-iam levar a desenhar-lhe, em perfil literario, a curiosa individualidade psychica.

Certo, porém, do curto alcance de vista introspectiva, que devo á minha indubitavel myopia de psychologo, fujo, prudentemente, aos ris-

cos de tão complexo estudo, limitando-me a anotar, apenas, a obra e os seus pendores artisticos.

Claro é, no entanto, que não cabe nos moldes carlyleanos desta pagina zurzir defeitos inevitaveis, porque inherentes á natureza do homem, mas, unicamente, exalçar meritos inconcussos, e virtudes, por via de regra, menos contradicções.

Possuidor de rara intelligencia, servida por illustração copiosa, e de character severo e triste, como seu proprio estylo, tinha Augusto dos Anjos, quanto ás letras, uma clara visão de arte, mas de arte integral e sincera, que allia a profundeza da idéa á impecabilidade da forma, e não é, apenas, malabarismo de phrases, ou symbolismo de caixa alta e taxinomia esoterica...

Porque a poesia, para elle, como para todos os que bem a comprehendem, visiona um fim mais util e social, que não o de agradar, com vocabulos esdruxulos e empregos germanicos de alphabeto maiusculo, a auditiva morbida de uns e a visualidade mais ou menos caprichosa de outros.

Com os conhecimentos polymathicos, que bebêra, a longos haustos, em fontes de sciencia legitima, e a amplitude de vistas philosophicas, que possuia, não lhe seria possivel stranger a actividade mental ao serviço de intuitos aberratorios e nullos.

Desejava, antes, subordinal-a a fins mais elevados e humanos, e, movendo-a por interesses mais nobres, crear uma poesia illuminada, como os dramas de Ibsen e as novellas de Dostoevsky, pelas fulgurações da sciencia.

Organização nervosa, prêsas de sensibilidades doentias e entusiasmos artisticos, procurando realizar semelhante objectivo de esthetica, força era revelar, em tudo quanto escrevesse, a predominancia do influxo individual, o modo de ser de um temperamento exquisitamente

vibratil. Razão por que todos os seus poemas são uma projecção do seu *eu*, alguma coisa como um feixe de luz decomposto pelo prisma cristalino do seu espirito.

É especialmente, neste facto idiosyncrático que se devem encontrar, portanto, as determinantes da sua feição de poetar, daquella maneira de sentir e descrever os phenomenos que lhe affectavam a emotividade, exagerada pelo desastre de economia biologica, que o levou á tísica pulmonar, como o poderia ter levado á loucura, para a qual — é bem que affirmemos em discreta passagem — não lhe faltariam sequer antecedentes hereditarios... Pelo que ficou dito, depreheende-se que a sua poesia, incontestavelmente malsana, por motivos que pretendemos suggerir no decurso desta tertulia, não visava, apenas, comunicar emoções, mas, sobretudo, extravasar idéas, que lhe nasciam de pertinaz e dolorosa reflexão sobre os infortúnios do ser e daquillo que elle chamava a «noumenalidade do não ser».

Assim, poderemos affirmar de Augusto dos Anjos, como Oliveira Martins, do autor das *Odes Modernas*, que «nelle o espirito do philosopho reagia sempre sobre o temperamento do poeta».

Ninguém queira ver, portanto, nas suas estrophes, aliás lavradas sempre com muita paciencia e carinho, chinêzices de fórma, nem a obsessão demoniaca do parentheyrs e dos 24 quilates, no ouro tilintante da rima.

Tampouco devem esperar-lhe da musa, votada a assumptos mais dignos, dithyrambos eroticos e pieguismos idyllicos onde, em noites de luar de romance, gemem suspiros e estalam beijos intermitentes, sob jasmineiros em flor...

Ao contrario. Sua arte tem quasi sempre as côres da verdade sombria e a preocupação do sinistro; é um jacto de luz projectado sobre o inferno da vida, sobre as desgraças humanas, alguma coisa que lembra uma noite de tempestade, cheia de relampagos, de miseria e de crimes!

Como que nella surge, victoriosa, a conspiração dos elementos externos, desencadeando sobre o misero homem todas as fatalidades do meio cosmico e social.

Ademais é um grito tragico de independencia, erguido em meio do servilismo contemporaneo da nossa literatura, lamentavelmente reduzida a copias inexpressivas e ineditismos insulsos, quando não symptomaticos de degenerescencia mental.

De feito, Augusto dos Anjos não foi um influenciado directo de individualidade e escolas, de modo que se possa affirmar haver pertencido ás hostes militantes desse ou daquelle, estandar-te içado nos arraiaes literarios.

Pertencia-se a si proprio, ao seu genio, á sua originalidade creadora. Tudo quanto escreveu tem a marca de um inconfundivel artista, o cunho indelevel de um individuo á parte, fugindo á promiscuidade dos belletristas indigenas.

E foi attendendo, por certo, a essas razões inconcussas que baptizou o seu livro de *Eu*, affirmando assim, desde logo, o personalismo que o extremava nas letras, no portico daquella obra, que, — diga-se de passagem — não obteve mais largo exito, porque não correspondia ao futilismo literario da epoca e não fôra escripta para o «profanum vulgo», que ainda hoje, como no aureo seculo de Augusto, faz jús ao despreso vindicador dos Horacios.

Pesar disto, conseguiu impôr-se á admiração dos que lêem, e venceu a chamada «conspiração do silencio» esse conluio immoral com que, tacitamente, a mediocridade dos escrevinhadores de minguido valor, medrosa de offuscações infalliveis, procura fazer penumbra em torno ás obras e aos nomes de rutilancia evidente.

Do caracter literario do *Eu*, disse alguém, num artigo de critica, «que a theoria do subjectivismo da arte, sustentada entre outros, por Eugéne Veron, no *L'Esthetique*, não poderia encontrar mais solidario apoio, que naquella obra, que é quasi todo um trabalho de auto-psychologia inconsciente, de onde, por isto mesmo, decorrem o seu maior interesse e o seu merecimento maior». Não ha negal-o.

... Se, porém, fosse mistér descobrir influenciadores na formação do espirito, na soturna feição da poesia philosophico-subjectiva, de Augusto dos Anjos, certo, definidos, encontraríamos, apenas, juntos ao de Schopenhauer, os nomes daquelles que, como Spencer e Haeckel, faziam e fazem ainda no momento actual, a mais elevada synthese dos conhecimentos humanos.

Vem dahi censurarem-lhe muitos o peccado venial de eruditar as estrophes com termos scientificos, que adquirira, sobretudo, nas largas leituras naturalistas, a que se dera, desde os primeiros esplendores do seu talento.

Em que pese, porém, aos apregoadores da poesia puramente emocional, ás organizações governadas exclusivamente pela espinhal medulla, e cujas consciencias, na phrase de Nordau «jamais chegam a ver senão imagens semi-obscuras e vagas, que lhes determinam excitações indistinctas e desejos inexpressivos», consideramos uma das virtudes literarias de Augusto dos Anjos, justamente a pericia com que fazia, nos versos, a intromissão, a proposito, de termos technicos, interpretes de idéas só reveladas pelos que se entregam ao exercicio apostolar da sciencia.

Acoimavam-no outros de excessivamente te-

trico e pessimista. E, em verdade, elle o era. Mas, para a lugubridade da sua musa, que arrasta crepes viuvos e entôa estrophes, como esta:

«Melancholia: Estende-me a tua aza!

És a arvore em que devo reclinar-me.

de, psychialgia, mas, ainda, porque a analyse perspicua do philosopho, nelle existente, o levava a descobrir em tudo, e por toda a parte, a contingencia da dor, a que estão congenitamente ligados os principios de vitalidade da especie.

Demos-lhe, a esse respeito, a palavra. Que elle se explique a si proprio compensando, des'ar-



SEVILHANA. — De Leopoldo Gotuzzo
(Adquirido pelo Governo para a Escola de Bellas-Artes, do Rio)

— Se algum dia o Prazer viér procurar-me,
Dize a este monstro que eu fugi de casa!

encontramos sobejas desculpas, não só em razões physio-psychologicas, visto como, além de victima de incuravel molestia, era o poeta, com aggravantes hereditarias, um caso curiosissimo

te, com o vigor de phrase que lhe sobra, o encanto de estylo, que nos falta:

HOMO INFIMUS

Homem, carne sem luz, creatura cega,
Realidade geographica infeliz,

O Universo, calado, te renega
E tua própria bocca te maldiz!

O noumeno, e o phenomeno, o al p'ra e o ctnéga
Amarguram-te. Hebdomadas hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos, e, entretanto, ris!

Fructo injustificavel dentre os fructos,
Montão de estercoraria argila preta,
Excrescencia de terra singular,

Deixa a tua alegria aos sêres brutos,
Porque, na superficie do planeta,
Tu só tens um direito: — o de chorar!

Por seu turno, a dynamica extraordinaria
da vida assombrava-o, com a inexorabilidade das
suas leis, indifferentes ao destino do homem!
E a sua consciencia de pensador não soffria o
determinismo obscuro, que vinha impellindo, atra-
vez de seculos sem conta, milhares de gerações
infelizes para o cadinho das penas e a chi-
mica transformista dos cemiterios!...

Diante de uma caveira, não lhe entreabria
os labios um sorriso de ironia á Voltaire, mas um
nefasto soliloquio de Hamleto!

Doia-lhe, por isto, raciocinar. A verdade
desta asserção, que transparece em muitos ver-
sos do poeta, surge, flagrante, da textura
destas quadras avulsas:

«Raciocinar! Aziaga contingencia!
Ser quadrupede! Andar de quatro pés,
É mais do que ser Christo e ser Moysés,
Porque é ser animal, sem ter consciencia!

«Porque Jeovah, maior do que Laplace,
Não fez cahir o tumulto de Plinio
Por sobre todo o meu raciocinio,
Para que eu nunca mais raciocinasse?!»

É que a reflexão o arrastava, ineluctavelmen-
te, para as ancias de um pessimismo inaudito,
que lhe fazia sentir, como elle proprio o dis-
sera,

«a solidariedade subjectiva
De todas as especies soffredoras!»

acordando-lhe no coração, o desejo altruista de
diminuir, pelo proprio esforço, o secular mar-
tyrio da humanidade.

Para documentar estes factos bastam-nos as
seguintes estrophes:

«Barulho de mandibulas e abdomens!
E vem-me, como um desprezo por tudo isto,
Uma vontade absurda de ser Chisto,
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana
Ambição de construir para o homem uma
Região, onde não cuspa lingua alguma
O oleo rançoso da saliva humana!

Cutras constellações e outros espaços
Em que, no agudo grão da ultima crise,
O braço do ladrão se paralyse
E a mão da meretriz caia aos pedaços!»

E, em geral, é sempre assim o poeta: con-
densam-lhe os versos uma longa e dolorosa me-
ditação, as angastias de uma vida moral intensa.

Pesar disto, nem só estancias com travor
pessimista cantava o seu estro; o pantheismo
era-lhe tambem feição notavel da lyra.

Arraigados amores á natureza motivaram-
lhe odes hylozoistas, acordaram-lhe desejos de
ser druida, suggeriram-lhe, até, impulsos den-
drolaticos, como o que traduziu nestes versos:

A ARVORE DA SERRA

— As arvores, meu filho, não têm alma!
E esta arvore me serve de impecilho...
É preciso cortal-a, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pae, porque sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôz almas nos cedros... no junquillo...
Esta arvore, meu pae, possue minha alma!...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:
«Não mate a arvore, pae, para que eu viva!»
E quando a arvore, olhando a patria serra,

Cahiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!...

E o amor que elle votava ao velho tama-
rindo do «Engenho»:

No tempo de meu pae, sobre estes galhos,
Como uma vela funebre de cêra,
Chorei billiões de vezes com a canceira
De inexorabilissimos trabalhos!

Hoje, esta arvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da flora brasileira
E a paleontologia dos carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrologios
Gritar nos noticiarios que eu morri,

Voltando á patria da homogeneidade,
Abraçada com a propria eternidade
A minha sombra ha de ficar aqui!»

Era o seu «tropismo ancestral para o infortunio», era aquella «necessidade de horroroso», que lhe arrancava a alma dos paizes do sonho para a escuridade dos realismos tetricos, assim como lhe movia os passos, por escarpamentos e pedregulhos, aos esplendores do sol meridio, cahindo em campos virgilianos, para as ruínas



MOLEQUE DO BALÃO — De *Leopoldo Gotuzzo*

Ha nestes versos vivacidade e força de imaginação, brilho de idéas, doçura de sentimento, elegancia despretenciosa de phrase.

Evidencia-se, comtudo, pelo seu epilogo de morte, que ainda nelles não pôde o poeta fugir ao pendor pelo tragico e deixar de imprimir-lhes o sello fatidico, o sinete negro, com que marcava as produções authenticas da sua lavra.

da casa do finado «Tôca», out:ora florida, quando a habitava ainda o homem simples, «que carregava cannas para o engenho», mas onde mais tarde, reduzida a escombros, apenas,

«O lodo obscuro trepa-se nas portas
E, amontoadas em grossos feixes rijos,
As lagartixas dos esconderijos
Estão olhando aquellas coisas mortas»!

Não é que lhe faltassem meritos literarios e pendoros espirituaes para outro genero de poesia. Vejamos, por exemplo, o vigor das suas faculdades descriptivas nessa inspirada composição melancholica, que é «Uma noite no Cairo:

UMA NOITE NO CAIRO

Noite do Egypto. O céu claro e profundo
Fulgura. A rua é triste. A lua cheia
Está sinistra, e, sobre a paz do mundo,
A alma dos pharaós anda e vagueia.

Os mastins negros vão ladrando á lua...
O Cairo é de uma formosura archaica.
No angulo mais recondito da rua
Passa cantando uma mulher hebraica.

O Egypto é sempre assim quando anoitece!
Às vezes das pyramides o quêdo
E atro perfil, exposto ao luar, parece
Uma sombria interjeição de medo!

Como um contraste áquelles miseréres,
Num kiosque em festa a alegre turba grita
E dentro dançam homens e mulheres,
Numa aglomeração cosmopolita.

Tonto do vinho, um saltimbanco da Asia,
Convulso e roto, no apogeu da furia,
Executando evoluções de *razzia*
Solta um brado epiléptico de injuria!

Em derredor duma ampla mesa preta
— Ultima nota do connubio infando —
Vêem-se dez jogadores de roleta
Fumando, discutindo, conversando.

Resplandece a celeste superficie,
Dorme soturna a natureza sábia...
Em baixo, na mais proxima planicie,
Pasta um cavallo esplendido da Arabia.

Vaga no espaço um sylpho solitario.
Troam kinnors! Depois, tudo é tranquillo...
Apenas, como um velho stradivario,
Soluça toda a noite a agua do Nilo!

Soffrera immenso!...

E é por isto, tambem, por esta como affinidade psychica pela dor, que a maioria das suas produções literarias representa quadros de horror dantesco, com pinceladas fortes e effeitos de claro-escuro a Rembrandt; e que no estuario da sua arte desembocam todos os rios do pranto, estrugindo em uivos de condemna-

dos, gemer de doentes e imprecações de opprimidos.

A garganta maldita da sua musa sabia bem a escala chromatica dos soluços e dos gemidos humanos!

E aquella mesma «faculdade visualistica» extraordinaria, que fez que o poeta descobrisse, numa noite de allucinações geniaes, «a falta de unidade na materia» revelou-lhe, tambem, com Schopenhauer, que «só a dôr é positiva no mundo!» e que o mais longo momento de felicidade não compensa a duração de um gemido...

Assim, se lhe antolhava que a arte, com ser o espelho magico da vida, devia reflectir em si mesma, nos seus crystaes rutilantes, menos o minuto de alegria fugace, que a eterna hora de martyrio da humanidade.

Foi, por certo, graças á tristeza do mundo, e a essa entranhada convicção philosophica, que o poeta entoou, um dia, com uma volupia de martyr e um orgulho de heroe, o seguinte

HYMNO A DOR

Dór, saúde dos sêres que se fanam,
Riqueza da alma, psychico thesouro,
Alegria das glandulas do chôro
De onde todas as lagrimas emanam...

És suprema! Os meus átomos se ufanam
De pertencer-te, oh! Dôr, ancoradouro
Dos desgraçados, sol do cerebro, ouro
De que as proprias desgraças se engalanam!

Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstracto.
Com os corpusculos magicos do tacto
Prendo a orchestra de chammas que executas...

E, assim, sem convulsão que me alvorece,
Minha maior ventura é estar de posse
De tuas claridades absolutas!

Notavam-lhe algures, em raras composições, certa nebulosidade de expressão, certo vago de phrase, que indefinia o sentido, esboçando, apenas, entre nevoeiros, a idéa.

Mas, isto, que, levado a exagero, redundava em imperdoavel defeito, nelle, dado o commedimento e a arte, com que o empregava, não só merece desculpa, como, até, póde, a muitos, parecer virtude, porque representa, «aquella quantidade de espirito suggestivo, alguma coisa como a corrente subterranea do pensamento, invisivel e indefinido», a que allude Edgard Poe, e que é o sonhado recurso dos symbolistas modernos.

No que diz exclusivo respeito á sua technica literaria, entre outras virtudes, apregoavam, uni-

sonamente, que lhe saíam os versos escoreitos e pulchros, com forte e reboante ondulação rhytmica e a imponencia plastica que convinha á grandeza do plano architectural das estrophes. Esforçava-se pela consecução da phrase vernacula, esculpida na propriedade dos termos e no emprego rigoroso dos adjectivos; revelava disciplina orthographica e conhecimentos prosodicos, de que se valeu, com exito, para a sonoridade dos versos e onomatopaicos effectos.

Escrevendo, tinha força de descripção, arrojado de antitheses, imprevistas imagens, em geral scientificas, facilidade de se elevar ao sublime, e, sobretudo, segurança e habilidade em manejar o vocabulario opulento e sonoro de que dispunha, o que lhe permittia, sem carencia de amputações prejudiciaes á integridade do pensamento, ajustar as idéas ao leito de Procusto do Verso.

Dominavam-lhe, além disto, o espirito, a ancianidade do ineditismo e o horror do logar commum. Dahi, mesmo quando tocado pelos impulsos mais affectivos e humanos, ao envéz de expandir-se em carmes lamartinistas e explorar com arrepios hystericos e borbulhos de lagrimas, o inexgotavel filão do sentimento piegas, preferir cantar em poesia raciocinada, como Luiz Ackermann, aquellos phenomenos emotivos que, vistos á luz da philosophia biologica, revelam um lado novo do seu encanto.

Conservava-se, deste modo, sempre fiel ao apostolado da sciencia e adstricto, quanto era possivel, á verdade das suas leis e seus principios eternos.

E ainda, coherente com este credo pessoal, já nas proximidades da morte, quando o grande mysterio commove e abala, em geral, as mais solidas convicções philosophicas, escreveu estes versos que são, a um tempo, canto de cysne do amor paterno e epinicio entoado pelo individuo, que morre, á victoria da vida, que continua na especie.

AOS MEUS FILHOS

Da intermitencia da vital canceira,
Sois vós que sustentais (Força Alta exige-o...)
Com o vosso catalytico prestigio,
Meu fantasma de carne passageira!

O vulcão da biochimica fogueira
Destruiu-me todo o organico fastigio...
Dai-me azas, pois, para o ultimo remigio,
Dai-me alma, pois, para a hora derradeira!

Culminancias humanas ainda obscuras,
Expressões do universo radio-activo,
Lons emanados do meu proprio ideal

Bemditos vós, que, em epocas futuras,
Haveis de ser, no mundo subjectivo,
Minha continuidade emocional!

São, igualmente, dos seus ultimos dias, os dois sonetos, que transcreveremos, em pouco, e nos quaes sua musa, apesar dos nevoeiros da morte, que já previa, conserva a mesma largueza de vistas e elevação de idéas, que sempre teve:

MEU NIRVANA

No alheamento da obscura fôrma humana,
De que, pensando, me desencarcerou,
Foi que eu, num grito de emoção sincero,
Encontrei afinal o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhaureana,
Onde a vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na immanencia da idéa soberana!

Destruída a sensação que oriunda fôra
Do tacto — intima antena aferidora
Destas tegumentarias mãos plebéas —

Goso o prazer que os annos não consomem,
De haver trocado a minha fôrma de homem,
Pela immortalidade das idéas.

VOX VICTIMAE

Morto! Consciencia quieta haja o assassino
Que me acabou, dando-me ao corpo vão
Esta volupia de ficar no chão
Fruindo na tabidez sabôr divino!

Espiando o meu cadaver resupino,
No mar da humana proliferação,
Outras cabeças apparecerão
Para compartilhar do meu destino!...

Na festa genethliaca do Nada,
Abraço-me com a terra atormentada
Em contubernio convulsionador...

E ai! como é bôa esta volupia obscura
Que une os ossos cansados da creatura
Ao corpo ubiquitario do Creador!

A resignação pantheista destes versos, revela a calma espiritual com que o poeta espera attender, em breve, ao «pedido da cellula cansada» e gosar a volupia transformista da materia, dispersa pela totalidade das coisas ou vi-

vendo como elle o sonhara, «na universalidade do carbono».

Damos, agora, á acurada esthesia dos leitores tres sonetos, como os ha bem poucos na lingua portugueza, e que são, no genero, as melhores producções publicadas pelo poeta admiravel do *Eu*.

LAMENTO DAS COUSAS

Triste a escutar, pancada por pancada,
A successividade dos segundos,
Ouço em sons subterraneos do orbe oriundos,
O choro da energia abandonada!

É a dôr da força desaproveitada!
É o cantochão dos dynamos profundos,
Que podendo mover milhões de mundos
Jazem ainda na Estatica do nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa:
É a transcendencia que se não realisa:
É a luz que não chegou a ser lampêjo;

É, em summa — o sub-consciente ai formidando
Da natureza, que parou, chorando,
No rudimentarismo do desêjo!...»

ETERNA MAGUA

O homem por sobre quem cahiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os seculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada ha que traga
Consolo á Magua, a que só elle assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe augmenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que soffre, mas o que não sabe
É que essa magua infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa magua infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;
E quando esse homem se transforma em verne
É essa magua que o acompanha ainda!

CANTO DE OMNIPOTENCIA

Clotho, Stropos, Typhon, Lachésis, Siva...
E acima delles, como um astro, a arder
Na hyper-culminação definitiva
O meu supremo e extraordinario Sêr!

Na minha sobrehumana retentiva
Brilhavam, como a luz do amanhecer,
A perfeição virtual tornada viva
E o embrião do que podia acontecer!

Por antecipação devinatória,
Eu, projectado muito além da Historia,
Sentia dos phenomenos o fim...

A coisa em si movia-se aos meus brados
E os acontecimentos subjugados
Olhavam, como escravos, para mim!

Em summa, Augusto dos Anjos foi unico entre nós e por muito tempo sel-o-á ainda, porque só conseguirão imital-o os que possuirem, a par de disciplinado saber, uma imaginação hoffmanica alliada á tristeza de Leopardi e á sensibilidade morbida, ao pensamento dolorido de Amiel.

Ultrapassou o seu tempo e, por isto, tornou-se quasi incomprehendido, mas o futuro ha de reivindicar-lhe os direitos de immortalidade e de gloria, mostrando que elle foi, por certo, um dos mais nobres precursores daquella evolução de arte, augurada por Enrico Ferri «como inevitavel, porque corresponde ás necessidades da multidão desejosa de uma regenerescencia esthetica, pairando acima das banalidades eroticas ou das bizarrrias vans da maior parte das obras contemporaneas».

RAUL MACHADO.

ARTE NOVA

Seria possível dizer «arte nova», se fôra permitido falar-se de uma «belleza nova».

Expressão da beleza, que é eterna e immutável, a arte tem variações, que o poder interpretativo dos seus «virtuosos» accentúa, mas nunca originalidades, no sentido do seu fundamento esthetico.

O substractum da beleza não varia; muda a forma, por elle animada.

O «fiat» que esculpturou os blocos de Carrara, trabalhados por Phidias, plasmou o Apollo de Belvédère e dirigiu o escopo de Miguel Angelo na humanisação milagrosa dos marmores da Renascença.

Dizer-se «arte nova» é, nos dominios da esthetica, o que seria nos da chimica, falar-se de oxigenio novo.

Elemento simples de composição da athmosphera, o oxigenio é um principio invariavel, como a beleza é a essencia animadôra da arte.

Nunca existira, pois, uma arte que não fôra expoente de beleza.

Só as fórmulas, em que a emoção se corporifica, variam, adquirem aspectos bizarros, caprichosos, modelados muitas vezes pelo gosto das exteriorisações exóticas.

Mas isto representa, apenas, um anseio de realisação «preciosa»; uma manifestação de apuro, um surto artificial, que compromette a beleza, cuja expressão soberana é a simplicidade.

Ha, effectivamente, suggestões mesologicas, que actúam na sensibilidade dos artistas, determinando-lhes movimentos de reforma, de tal força renovadôra, que dão a idéa de ser a propria arte, que se modifica.

Passam, porém, essas suggestões com os temperamentos, que as recebem e dellas se utilizam, interpretando-as mais ou menos elegante e paradoxalmente.

Não deixam sulcos na imaginação, nem têm o poder de uniformisar as suas manifestações.

O impressionismo na pintura, de que Lessing se teria aproveitado para tirar effeitos literarios com a sua conhecida theoria da expressão vocabular, consistiu num ensaio, em que havia maior força de artificio do que beleza de interpretação e de expontaneidade.

Ha sempre no fundo dessas creações uma finalidade subjectiva: a satisfação de um goso espiritual, ou antes a projecção da propria *mens* creadôra na obra vivida pelo sentimento.

Quando um grande poeta compõe uns versos, verdadeiramente bellos, o que nelles se nota á primeira vista, é o accento de individuação alarmante, que o distingue dos outros, por isso mesmo que são bellos.

Dá-se, por assim dizer, na concepção da obra d'arte uma especie de epicurismo mental, que é, aliás, um pronunciamento da inclinação do espirito creador para os gosos ephemeros.

A beleza, propriamente dita, — principio e fim de todos os surtos artisticos da humanidade, expressa-se polymorphicamente, de accordo com os temperamentos que a sentem e em cuja vibração emocional o segredo esthetico da arte encontra a sua decifração.

Nunca a beleza em si soffre mudanças.

Quando se enxerta a um tronco um galho qualquer, a florescencia que brota desse galho é a sua propria, mas a seiva, que lhe dá a vida, o velludo da petala, o matiz e o perfume da corolla, sua razão de ser vegetal promana do tronco, que suga a terra para a gloria anonyma de enverdecer a copa e de sabê-la florida...

A forma d'arte, aproveitando-nos da imagem referida, é a *chlorophylla* da beleza, a fronde copiosa, o rebento em flor.

Não pode, pois, haver uma «arte nova», no sentido absoluto da originalidade.

Ha estylos novos e ha formas novas: *estylo*, como projecção da personalidade e *forma*, como expressão plastica, esculptural, da idéa ou do sentimento.

O impressionismo não é mais do que uma derivação do estylo, emquanto o «preciosismo» é um cacoete da forma.

Um escriptor latino-americano confessava em obra, mais ou menos recente, que se elle não possúe uma «arte pessoal», tem sido sempre «pessoal» na sua arte.

Eis ahi um conceito que esclarece a confusão da originalidade, nos dominios das letras, como nos das artes, em geral.

Sempre o escriptor ou o artista é «original», quando é «pessoal» na sua obra.

Não quer isto dizer, entretanto, que a actualização da personalidade seja um facto determinado por modificações de fim consciente ou preestabelecido.

Os modernos movimentos literarios, em prol de uma renovação do espirito dominante, visam ampliar a liberdade dos escriptores, abolindo todo o captivo das leis, dogmas e padrões, que possa constringer a espontaneidade dos surtos mentaes.

Este apostolado não é, porém, tolerante, como devêra ser.

Erige-se em guerra ao passado, prega a demolição dos monumentos classicos da belleza, num arremesso de irreverencia iconoclastica e sacrilega.

Henry Barbusse, em collaboração especial para *La Razon*, de Buenos Ayres, escrevia, outro dia, sobre o assumpto, umas considerações providas de elevado senso e seguro ponto de vista intellectual.

O brilhante escriptor francez alludia ás innovações ultra-modernistas do actual momento literario e artistico, referindo-lhe os exaggeros, os modismos paradoxaes, as preciosidades, desde a sua implacabilidade demolidôra, que nasceu com Marinetti, «o theorico do futurismo» ao seu odio ao passado, que «tem algo de frenetica loucura».

Querem os arautos desses movimentos distinguir entre a obra ficticia de uma dada epoca,

que tem os seus caracteristicos especiaes, com o prestigio faccioso da *camouflage* e do *sno-bismo*, e a arte em si, que é um principio universal e immutavel, em torno do qual giram todos os anseios humanos de perfeição.

Não é possivel confundi-las.

A arte é uma divindade. Mudam os seus adoradôres do ritual; desatam-se as suas preces em humildade e ternura; transfiguram-se os votos, sob a irradiação protectôra de sua luz perenne e propiciatoria, mas a divindade se conserva a mesma fonte inesgotavel de clarões e rutilancias.

Pondo de parte os exaggeros, o movimento é salutar, porque é uma renovação da forma em que se gravam os pensamentos ou se materialisa a emoção.

Assente-se, porém, no bom sentido do justo conhecimento que não ha, por ahi, entre cubistas e dadaistas, nenhum representante de «arte nova».

Ha, quando muito, «espiritos novos», como queria Guilherme Apollinaire, bezuntados na sua maioria da credence frivola de que são «virtuosos» de uma arte superior, que ainda não floresceu sobre a terra...

Produzirá isso algum dezar?

Nenhum absolutamente.

São, apenas, mais extravagancias que se perpetram e mais beatificos eleitos, que ganham o reino do céu!

POVINA CAVALCANTI.

UM PENSADOR

O sr. Jackson de Figueiredo, incapaz da representação verbal de todas as cambiantes sensitivas, pensa cousas bellas, profundas e musicas, mas titubeia, zonzia, quando, nostalgica do universo visivel, tenta dar um valor de forma ás suas poderosas impressões subjectivas.

Abstrusa, como um syllogismo truncado, a sua phrase, quasi sempre, faz pensar num *et coetera*...

Sente-se, todavia, uma «alma» procurando revelar-se. É um coração hallucinado a debater-se, febril, como uma ave encarcerada.

Os quarto-escripturarios da literatura indigena, senhores nédios e honestos, nunca lhe perdoarão a anomalia total deste sacrilegio: — ter talento e sacrificar despreoccupadamente o vernaculo.

Um conhecido senador das letras, que ostenta uniforme de genio, chegou mesmo a in-

sultar epilepticamente o auctor de «Pascal e a Inquietação», por ser um «menino pedante com a extravagancia de philosopho...»

Ah! Bielinsky, meu amado! tú, lucido analysta de obras soberbas, que, abysmado de como um adolescente tivesse o espirito tão largo para crear um mundo inédito de fantasmas e de emoções, de suavidades homericas e de milagres, exclamaste para Dostoiewsky:

— «Não sabes, joven, a maravilha das cousas que affirmas» — como sorririas, meu excentrico Bielinsky, á ancianidade d'esse sombrio «manqué» de minha terra!

Graças a Deus, a critica é uma simples mãe de familia, com o seu adulteriozinho, que não féde nem cheira, o seu parto de vez em quando, a febre puerperal, os desejos...

Que vale o juizo d'ella, se a gloria e a immortalidade são simples convenções humanas?

Se toda a gloria, e toda a immortalidade, e todo o applauso são, afinal de contas, a multidão?

Entre um moço doente de idealismo, entre um amanhecer de ansias, de vida, de possibilidades, e a pálpebra somnolenta de um crepusculo, tismado de baba ignobil e de veneno, nem um poeta satânico estabelecerá termo de comparação...

Quem sabe, ademais, se o philosopho perfeito não é aquelle que, como um menino ou como um santo, tem a religião bella e pagã das cousas, aquelle que, a alma penetrada de bailados e de cantigas, existe como um átomo turbulento da enorme belleza pantheistica, aberta, á maneira de um leque polycôr, em torno d'elle?

«Quisiera ser grande, muy grande, tanto que pudiera contemplar el mundo con ojos de niño», cantava Salvador Albert, o poeta mais sensível e mais intenso da nova Catalunha.

«Pascal e a Inquietação moderna» é um trabalho de illuminismo interior, defeituoso e admiravel, a um só tempo.

A falha das mulheres muito bellas e dos volumes muito bem feitos é justamente que não incendeiam os nervos, são a Ogygia da monotonia, não bólem nos sentidos de ninguem, porque não possuem esse vago imponderavel que se chama «humanidade».

O ultimo livro de Jackson de Figueiredo estimula e commove talvez porque, nas suas páginas, como num espelho mágico, a inextinguivel fraqueza humana se reflète, o espirito, lacerado de pungentes duvidas, se dóbra, como um escravo, ansiando por explicar o enigma e a inutilidade que todos somos: — é o peregrino do barathro de todas as theorias philosophicas, golpeado de luctas e roído de intimas feridas, que, finalmente, á bençã larga do Christianismo, encontra a miragem bôa de um socego espiritual, a calma de um oasis, a confiança numa finalidade. Quando se abandona um erro, succede, de ordinario, que se cãe, durante muito tempo, no erro opposto...

Hoje em dia, o grito lancinante de impossibilidade, formulado, como um gemido, pelos sabios de bôa fé, ante o Incognoscivel, precipita ao lado da Revelação uma pleiade de espiritos juvenis, que, convictos de que não «saberão» jamais, cubiçam, ao menos, «crer». Engano. O espirito, este Ashaverus, que grita como um doido, não póde, não hade descansar nunca...

Jakson, cuja sensualidade imaginativa se complicou e requintou prematuramente, antes da experiencia, é, a um tempo, muito novo e muito velho, entusiasta e desanimado, tem esse cansaço das almas para as quaes toda realidade não será que grosseira e incompleta, em relação ás mil e uma noites do seu ideal.

Mas, então, a viagem do espirito tem limites? Deixemos, porém, de lado, estas puras questões de metaphysica...

É preciso que os nuncios apostolicos da literatura tenham isto em mente, como um «cliché»: — a nova geração brasileira possui coragem, sabe, sem apostrophes e sem odios, arrotar com as vicissitudes e as refregas, possui, acima de tudo isto, — cultura.

Dialôga com os genios, faz philosophia sem solemnidade, ama o «footing», toma banho e até colloca bem os pronomes...

O sol dos Horacios nacionaes, que moiam, como num moinho de café, as paráphrases monorythmicas de Vieira, dos genios que, sorvendo rapé, recitavam quinhentistamente as raizes latinas, o pobre sol passadista vae alto, galvanoplastizando, no poente, os estertores laooconicos da agonia longa, mesquinha, gradual...

As idéas, agora, escreveu já um senhor de nome complicado, são como João da Ega, digo, como certos pomos exóticos: — dão-se de vez.

A phrase deve «dizer», não apenas «soar». O vaso é artistico, é Sèvres, é Shangai?

— Com este mirrado braço, apenas habituado a manejar a caneta, partamol-o escandalosamente para que derrame o conteúdo...

JOSÉ MARIA LOPES.

MARIO DE ANDRADE

Acaba de vir à publicidade um livro que vai escandalizar o meio literário carioca assim como, ainda inédito, já havia suscitado a indesignação da Paulicéa Convencional: é a *Paulicéa Desvairada*. O nome já tinha chegado ao Rio há mais de um ano. Dizia-se que o sr. Monteiro Lobato não a tinha querido editar, com receio de falência. Houvera lá muita murmuração, descomposturas pelos jornais, brigas e

bofetadas líricas no Trianon...

Estou curioso de ouvir o que dirão aqui os «Orientalismos Convencionais». É sabido que também amam, como em São Paulo:

*Nas architecturas renascença gálica;
na música Verdi; na escultura Fidias;
Corot na pintura; nos versos Leconte;
na prosa Macedo, D'Annunzio e Bourget!*

Dirão uns que este poeta é um louco. Os que já cheiraram Cocteau e outros modernos, dá-lo hão de plagiário de franceses «futuristas, dadaístas, cubistas e outras bobagens em ista».

No entanto que não pensariam eles se se lhes dissesse que esta *Paulicea Desvairada* é já um livro passadista no conceito do autor, que se sente hoje tão longe dele! O Mário de Andrade actual está todo naquela admirável *Noite de São Pedro* que os que se interessam pela poesia nova poderão encontrar na *Klaxon*, n.º 5.

A *Paulicea Desvairada* é um livro impressionista. O desvairismo é escrever sem pensar tudo o que o inconsciente grita quando explode o acesso lírico. Os românticos escreviam assim. Foi assim também que Rimbaud escreveu as *Iluminações*. Rimbaud, — avô de Blaise Cendrars! Ora, Mário de Andrade evoluiu para o simultaneismo e para o verticalismo. Isso pede algumas explicações. Ofereço-as aos espiritos de boa vontade.

Em vez de fazer o verso como uma melodia simples, serve-se o poeta de palavras soltas, de frases soltas, que, por isso mesmo que são desconexas, ficam vibrando em nossa ima-

ginação, que as compõe depois numa síntese harmônica. É o verso harmônico. Foi, meus caros passadistas, uma aspiração de Victor Hugo. É claro que essa harmonia poética não tem lugar nos sentimentos como a harmonia musical e sim na inteligência. É toda subjectiva. O simultaneismo domina toda a arte moderna, na poesia pelo verticalismo das imagens, nas artes plasticas pela interpenetração dos planos e dos volumes.

A *Paulicea Desvairada* não é um livro que tenha sido composto na intenção de ser moderno. Nem mesmo na sujeição de qualquer sistema tecnico. São poemas impressionistas, intuitivistas, desvairistas. Numa grande comoção de ternura e sarcasmo, o poeta cantou, chorou, riu e berrou, como confessa no *Prefácio Interessantíssimo*. Em suma — viveu os seus poemas. A diferença dos poetas modernos é que eles amam e confessam amar a sua época, com os aeroplanos, os automóveis, o cinema, o asfalto, — tudo aquilo enfim que para os falsos poetas é banal e prosaico. A vulgaridade e o prosaismo são outra cousa. A sua, por exemplo.

Mário de Andrade é moderno. E desabafando com sinceridade a sua impulsão lírica, fez este livro extranho e delicioso, tão brasileiro, e até tão paulista que em muitos pontos se torna incompreensível a quem desconhece o ambiente de São Paulo. O *Nocturno*, todavia, é amplamente sugestivo:

*Luzes do Cambuci pelas noites de crime!...
Calor... E as nuvens baixas muito grossas,
feitas de corpos de mariposas,
rumorejando na epiderme das árvores...
Um mulato côr de ouro,
Com uma cabeleira feita de alianças polidas...
Violão! «Quando eu morrer...» Um cheiro pesado
[de baunilhas
oscila, tomba e rola no chão...
Ondula no ar a nostalgia das Baías...
E os bondes passam como um fogo de artifício,
sapateando nos trilhos,
ferindo um orifício na treva côr de cal...
— Batata assat'ô furnn!...*

Faço mal em citar um fragmento. A arte de Mário de Andrade é de uma unidade inatacável. É preciso ler e sentir em bloco todos os poemas deste livro.

Para muita gente a arte moderna não passa de uma enorme mistificação. Sem dúvida aqui, como em todos os movimentos, e nem só os artísticos, há os aproveitadores, os adesistas, os débeis, os Camille Mauclair, que mais tarde viram a casaca de empréstimo com que a princípio acompanhavam a procissão. Guillaume Apollinaire, porém, sugeriu que não se conhece em toda a história das artes um só exemplo de mistificação colectiva. Esse corajoso movimento que

alastrou toda a Europa e agora suscita em São Paulo um grupo de artistas como Brécheret, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Rubens de Moraes, Sérgio Buarque e tantos outros (leiam a *Klaxon!*) não é uma mistificação efêmera, mas a integração definitiva na consciência artística de uma porção de cousas que antes oscilavam pesadamente e penosamente nos limbos do instinto. E que alegria ver refletido na arte o momento que vivemos!

*A passiflora! o espanto! a loucura! o desejo!
Cravos! mais cravos para a nossa cruz!*

MANUEL BANDEIRA.

RODOLPHO THEOPHILO, O BOM

Acostumei-me a amar Rodolpho Theophilo, o Bom, ainda na infancia, pela leitura de «Os Brilhantes». Agradado do escriptor, procurei conhecer o homem, e soube então que, sobre praticar o bom nacionalismo, elle possui uma alma grande como os soffrimentos da terra em que vive.

Rodolpho Theophilo — disseram-me — é um verdadeiro apostolo do bem, um philantropo sincero. Montado num burrico, nas grandes epidemias que flagellam o Ceará, elle percorre sózinho os incultos sertões a vaccinar a população com soro da sua propria industria, recebendo em troca as benções dos homens e dos céos. Os poderes publicos nunca lhe galhardoaram esses serviços, mas elle jamais teve um lamentamento ou pronunciou uma censura. Parece até que isso lhe augmenta o zelo, porque, quando chegam os dias dantescos das crises climaticas, elle esquece por completo os seus livros e a sua chimica medica. Percorre todos os subúrbios da capital, entrando em cada casebre, de bolsa aberta e riso amargo nos labios. Visita os campos de concentração dos retirantes, aconselha, consola, organiza bandos precatorios. Na sua alma de santo os desgraçados derramam as

suas lagrimas rudes. Os seus cabellos venerandos protegem a honra das donzellas infelizes. Fermentam os odios humanos nas lutas politicas, e logo se vê Rodolpho Theophilo ao lado dos fracos contra os potentados.

Os campos floriram e as arvores dão fructo; reina a paz entre os homens. Rodolpho Theophilo senta-se á mesa de estudioso e escreve. Elle clama misericordia e pede justiça, não para si, mas para a multidão anonyma, para os humildes.

É desse genero o seu trabalho recentemente editado pela casa Monteiro Lobato & Cia. Elle o denominou significativamente «A sedição do Joazeiro» e nelle denuncia á civilização os assassinios, os estupros e as pilhagens sem conta praticados na sua terra, com a tolerancia senão a mando do governo da Republica. É um escripto que se recommenda pela honestidade do autor, e por elle saberão os posteros que não ficou sem protesto o maior crime politico jamais praticado em terras brasileiras. Leiam-n'o os de bôa-fé e o meditem, que elle contém as maiores lições moraes.

ODILON JUCÁ.

CRITICANDO UM CRITICO

No meio do inexgotável chorrilho de livros inodoros, insípidos, incolores, com que a mediocridade intellectual contemporânea ha muito tempo vem abarrotando as prateleiras das livrarias nacionaes, «Esthetica da Vida», de Graça Aranha surgiu como uma reacção salutar e uma demonstração exuberante dum espirito de pensador equilibrado, attico, sereno. É uma serra al-tissima a avultar sobre os cabeços ondulosos de milhares de outeiros agachados, confundidos...

Tudo neste livro é admiravel: o fulgor das ideas, a elevação do pensamento, a frescura da linguagem, a harmonia do estylo.

Encantado pela melodia da musica verbal, que resoa naquellas paginas escandidas e tersas, o leitor vae insensivelmente concordando com certos argumentos fragilimos e acceitando algumas conclusões arrojadas, que, si lhe apparecessem despidas dos atavios da forma, na crueza da sua simplicidade, seriam repellidas como grosseiros sophismas. Com ser uma obra aparentemente optimista e religiosamente esthetica, a proclamar a cada instante — «a unidade do Todo», todavia, sob as galas duma roupagem pantheista, reponta uma philosophia amarga, desconsoladora, haurida quasi toda nas paginas de fogo e de fel escriptas por Nietzsche.

Dissecar, por uma analyse fria, aquelle emmaranhamento de concepções plausiveis e absurdos flagrantes, de axiomas e erros, de syllogismos e incoherencias, é tarefa ingente e ingrata, cuja aridez não seduz.

Angelo Guido, em seu livro «Illusão», propriamente não fez uma refutação systematica, teimosa, desabrida ao trabalho de Graça Aranha. Sabendo que toda critica honesta, si deseja forrar-se de injustiças lamentaveis, de preconceitos restrictivos e parciaes, si deseja mostrar defeitos, escoimar equivocos, deve antes de tudo ser benevola, sympathica, um quasi nada en-

thusiastica, o opponente de Graça Aranha esforçou-se para realizar e nos offerece um trabalho que é mais synthetico do que analytico, expõe mais theorias proprias do que desfaz raciocinios alheios.

Dividido em varios capitulos curtos, incisivos e leves, é um livro que se lê sem cansaço, num continuo vislumbrar de imagens luminosas, sem que a mente, fascinada pela diaphana limpidez dos periodos redondos, fique vacillante, detida pela profundeza de certas verdades. É curioso notar que, deslouvando-se das theorias fundamentais do autor de «Esthetica da Vida», Angelo Guido é o primeiro a se deixar influenciar por algumas das opiniões daquelle e, em suas linhas geraes, a se revelar o mais genuino discipulo, não só literario como philosophico, do illustre academico...

Talvez «Illusão» não seja um livro de molde a se recomendar ao sabor de muitas pessoas exigentes, que, posto desestimem a frivolidade da literatura dos nossos dias, recuam, desanimadas, ante a transcendentalidade, o ineditismo de certas obras especulativas. É possivel que haja ali, alguns postulados, cuja evidencia não resalte ao primeiro relance, e que até pareçam nebulos, incompreensiveis para os que se não familiarizaram com a tecnologia de varias escolas scientifico-philosophicas diversamente denominadas — gnosticos, neo-platonicos, neo-espiritualistas, occultistas, theosophistas, etc.

Porque existe no mundo inteiro, em todos os paizes, em todas as linguas, parallelamente com a terminologia vulgar, uma verdadeira literatura á parte, usada desde Platão até Emerson, desde Plotino até Ruys Broeck, o Admiravel, uma literatura que é um verdadeiro edificio cosmogonico, encontrada, sob o veo dos symbolos e mysterios ou com a nitidez desassombrada duma revelação, nas obras de Paulo, o Apostolo, Origines, Santo Agostinho, Rosenkreutz, Novalis, até Schuré, até Mae-

terlinck, em nossos dias. Elles, na sua maior parte, falam cousas que soam extranhamente aos ouvidos do grande publico amante de tafularias ou eivado de preconceitos dogmaticos — mundo interno, Eu — superior, Consciencia Universal, Christo Mystico, reino de Deus, Unidade absoluta, etc.

Para entendel-os, apanhar-lhes as idéas abstractas que, num vôo fugitivo, adejam subtilmente sobre nós expressas em vocabulos cuja reunião parece abstrusa, não é nos caminhos ordinarios, trilhados pelo espirito humano, que o conseguimos, porém pondo em movimento certas faculdades quasi sempre adormecidas — a intuição por exemplo.

«Infelizes seríamos — disse Carlyle algures — si não tivessemos em nós sinão o que podemos exprimir e fazer vêr». Só um espirito estreito, de pequeno alcance de visão, pode exigir que se manifestem e se digam, em phrases claras, idéas concretas, palpaveis, tangiveis. Nos recessos mais impenetraveis da consciencia humana agitam-se concepções vagas, subjectivas, relampejam esplendores ineffaveis, symphonizam orquestras, intraduziveis, que o misero cerebro de carne é impotente para comunicar, pela palavra escripta ou falada, á intelligencia dos seus semelhantes.

Para os objectivistas, portanto, que na sua indolencia mental adoram apenas a literatura emotiva ou artistica, o palavreado que pinta ou que canta, «Illusão» será um livro inacessivel; em certos trechos, quando o pensamento do autor se arroja para as regiões imponderaveis do mundo abstracto.

Isto porém não é desgabo para a impressão geral do livro, que, dest'arte, offerece attractivos para todos os leitores, qualquer que seja a craveira do seu entendimento.

Sem conter o zão-zão monotono das obras philosophicas, é um estudo digno do trabalho extraordinario de Graça Aranha.

Vê-se, ali, o carinho que lhe mereceu o expungir minucioso dos principios criticaveis da «Esthetica da Vida». Em cada linha, em cada palavra, transparecem o respeito e a admiração do critico á obra do illustre academico patricio, que tem assim o melhor elogio, o mais sincero applauso, a mais eloquente recommendação.

Angelo Guido patenteia neste livro a solidez da sua cultura, o profundo conhecimento da philosophia que abraçou, e o seu entranhado amor á Arte soberana, que cultúa com um fervor de lidimo estheta.

Por entre as louçanias dum estylo suave, sonoro, bem penteado, e, comtudo, despido de quincalharias, fiorituras e pinchebeques artificiosos, assoma, fascinante pela espontaneidade da sua belleza, uma individualidade amavel, delicada e scintillante, que diz em voz alta o que pensa, sem, no entanto, transpor os limites da tolerancia.

Por todos os titulos, o livro «Illusão» merece ser lido, e as idéas, que suggere, hão mistér de ser meditadas e acatadas.

AUGUSTO LOPES.

OS NOVOS DE PERNAMBUCO

Alguem procurou ligar esta nova geração de Pernambuco aos tempos de Tobias Barreto.

Não ha pelos motivos nenhuma semelhança, ou melhor, nenhuma influencia do mestre taciturno sobre ella. Laurindo Leão e Joaquim Pimenta continuam a falada «Escola do Recife». É preciso accrescentar que das theorias do mestre esses dois vultos se afastam com mais aspectos modernos e interessantes. Joaquim Pimenta, por exemplo. Vem da sociologia

a sua sciencia reformadora, de altos estudos intimos e caracteristicos. Tobias é apenas um marco de independencia intellectual. Aqui em Pernambuco houve, como é natural, por ser um dos pontos mais sensiveis das nossas emoções lyricas, a mesma rapida successão de escolas, com seus poetas, seus artistas e seus pensadores. Tivemos os classicos, os romanticos até o exaggero hugoano de Castro Alves, e os romanticos da proza com Gauthier, e os dos vicios scepticos e torturas moraes

com Musset. Depois vieram as figuras bizarras de Beaudelaire, com a sua extravagancia de côres e paladar. Laconte de Lisle, o marmoreo estatuario das coisas formosas e rijas. Catulle Mendés, Heredia e Anatole. O realismo detalhado de Zola, o romance psychologico de Bourget, tiveram por aqui representantes exactos e imitadores exigentes. A todas essas manifestações de arte, de pensamento, apresentaram-se cultores de nota. Em tempos mais modernos, um pouco retardatario para a cultura que ia pela Europa, revolucionou as lettras brasileiras a proza classica de um poeta do seculo, Eça de Queiroz. E não faltaram «Eças» de todas as côres a dizer frases estudadas que no mestre teriam a perfeição de um estylo poderoso de *verve* e originalidades de forma. Havia de todos os tempos da formação litteraria do Eça: os byronianos das «Prozas Barbaras», os realistas frios do «Padre Amaro», os patriotas das «Cidades e as Serras». Mas tudo isto afeiado, sem a nota eterna de belleza, de ironia e sarcasmo que vive magnificamente por dentro áquelles blocos de estylo, e áquellas pedrarias raras de graça e sabedoria moral somente equiparada, por um grande critico equilibrado aos rasgos *missianiacos* de Tolstoi. A essa irradiação de arte masculina succedeu a da arte feminina, os donairosos da elegancia futil, a chusma delgada das coisas pouco bellas de João do Rio. Paulo Barreto foi, na verdade, um suggestionador de talentos com muitos lados ridiculos.

Os seus discipulos pela estreiteza de cerebro pegaram no que tinha de fragil o estheta milagroso, e o imitaram impiedosamente. Ninguém poderá negar que foram Eça de Queiroz e Paulo Barreto os modelos e os oraculos da mocidade de cinco annos passados. Nada menos que influencias indirectas de Flaubert e Catulle Mendés.

Passou, porém, essa exitação perigosa, Actualmente, não ha positivamente, uma influencia definitiva. É verdade que a litteratura sul-americana com os seus poetas admiraveis, os seus esthetas novos, e prosadores paradoxaes, mantem alguma coisa de impressionante sobre a juventude das nossas lettras.

Ruben Dario, Santos Chocano, Amado Nervo (do Norte), Rodó, têm tido traductores impeccaveis e Vargas Villa alguns arrebatados do fôgo de sua rethorica decadente.

Pelos poetas, pois a «poesia é um pro-

ducto da vida simples, espontanea, da communhão com a natureza, da impressão immediata das coisas», revelam-se as aptidões e as possibilidades de qualquer geração. Ha na nova geração de Pernambuco, grandes poetas, e grandes emoções poeticas. A poesia continua a ser a faculdade mais humana dos homens. Edmonde Scherer aventurou palavras de pessimismo sobre a imaginação que já vae para elle, perdendo a força de criação sobre as coisas mōraes. Substituir a arte dos nervos, dos sentidos mais fortes pela methodologia da sciencia, seria levar o homem a um degredo barbaro sobre a terra, seria prender os labios e o coração aos aneios de vida, de amor e de sonhos. O poeta «não é um resto da humanidade primitiva» pelo simples motivo de continuar a viver com elle todas as grandes idéas do espirito, todas as grandes elegancias da vida. E pelos poetas moços do Recife vê-se a força imaginativa e espiritual de um punhado de mocidade feliz. De todos elles, para mim, sinão o mais poeta, pelo menos o mais artista, é Silva Lobato. A arte de seus versos não é nova: ha uma poderosa projecção parnasiana, da qual se afastou Bilac na sua ultima faze genial.

Alguem já disse que pelo ambiente calcrento dos tropicos de uma natureza de contrastes, a todas as horas, se torna impossivel um temperamento brasileiro guardar a serenidade, a fria admiração, a fortaleza imperturbavel de um Leconte. É o que vemos em Lobato: ao lado de um verso de elevada arte grega, explodir um lyrismo de vigorosos entusiasmos. O cantor pagão da «Morte de Orpheu» é um dos enlevados do rythmo largo, da poesia espiritualista de Dario e Santos Chocano.

Podemos mesmo dizer que esses dois poetas tiraram do seu espirito a primasia emocional que tinham os francezes. Lobato é um remanescente de um grupo que passou, uns para a gloria da publicidade, outros para o silencio do ineditismo. É o mais velho dos moços, porém o mais seguro, o mais completo, pela procura de motivos e escolha de esthetica. Rodoválho Neves e Agripino Silva, aquelle um suave symbolista de ternuras, são duas mocidades de artistas despreoccupados.

Ha, porém, o mais poeta de todos, uma grande emoção lyrica, um livre, palpitante, com rozas vermelhas na alma quente, um simples que faz versos com coração, um bello coração ingenuo, é Austro-Costa.

No começo era um louco, agora já o lêm. E que poderei mais dizer desse poeta «doido» que é quasi meu irmão? Dêm a essa creança dois annos de treguas ao seu laborioso noticiar bons livros e o Brasil terá um dos seus maiores espiritos, porque a sua imaginação concentra os mais bellos estados de uma alma que tem amplitudes de visão. Os seus versos sobrecarregados de imagens, com uma rythmia singular, sempre a procurar alguma formosura subjectiva, reproduzindo sensações com sonoridade fazem pensar num Antonio Nobre, num Cezario Verde. Ha outros ainda, Mariano Lemos, Armando Gayoso, Franklin Séve. Leonidas do Amaral exercita-se com successo popular nos epigrammas felizes. Dá-se no Recife o logar commum da immigração de todas as provincias. Já temos uma parte de nossa mocidade brilhando no Rio, na proza, e nos versos. Oliveira e Souza é uma rara inspiração com altos pensamentos symbolicos, um contemplativo de sua anciedade de artista.

Barbosa Lima Sobrinho, um sobrevivente da ironia sã num paiz de sarcastas, culto educado, ha em seu estylo, levemente malicioso e proprio, aquella philosophia amarga que Machado de Assis tinha para olhar e escrever as coisas boas ou más da terra.

Mucio Leão é o psychologo das exterioridades, o homem que gira em torno da vida sem procurar a dor dos seus segredos, uma especie anormal de Anatole a deslizar pelas almas; não as investiga, não as sonda dizendo as suas impressões com uma doce harmonia de linguagem. Théo-Filho um «boulevardier» com um espirito sagaz, uma intelligencia moderna, recamada de paradoxos parisienses, borbulhando de imprevistos e a dar em tudo que é seu o traço vivaz de uma originalidade escandalosa. Dentre nossos muros brilha uma mocidade de escól.

Lucillo Varejão apresenta-se no romance moderno como um verdadeiro homem de livros. O romance actual tem as-

pectos difficeis, um tanto realista e muito psychologico, olhando os homens nos seus gestos e em suas intimas locubrações. E Lucillo Varejão faz um romance dando tintas e emoções ás suas personagens e aos seus quadros, creando ambientes de pura realidade, tudo n'uma linguagem de musicista de fraze, sem perder a linha de escriptor.

No jornalismo resplandece uma pleiade formosa de espiritos lucidos. José de Sá, jornalista e critico social, Anisio Galvão, chronista de talento, Manoel do Prado, poeta e orador, Osorio Borba, uma bella organização de intellectual, Chagas Ribeiro «conteur» de bellos effeitos, José Cordeiro com vinte e dois annos, pensando assumptos de sociologia como um velho de gabinete e Debora Monteiro com tonalidades novas em sua proza graciosa.

E no emtanto não ha um meio compensador para tão ricos espiritos. Vivem todos dispersos, sem cohesão de almas e idéas, sem esse mutuo carinho que faz revelações. Aquelles tempos romanticos de Castro Alves e Tobias Barreto, periodo de grandes fermentações não se repete em nossa historia. Foi um caso esporadico em Pernambuco. A Faculdade de Direito perdeu a sua funcção social, nada é mais do que uma grande casa cheia de grandes cerebros que não agem.

Vivem todos dispersos com o unico desejo, o de fugir para o sul. Esta bella patria do Norte chegou ao ponto doloroso de não suportar as suas elevadas brotações de intelligencia: Exporta-as. Ficar, é aniquillar-se para o resto do Brasil.

Só triumpham as glorias da metropole, falsas ou verdadeiras, mas sempre gloriosas.

E os garimpeiros do idéal esculpem emoções, accendem bellezas em diffusão por toda parte, garantem a integridade da nossa cultura, com a condição barbara de deixar a terra de seus motivos, de seus sonhos, de suas saudades.

LINS DO REGO.

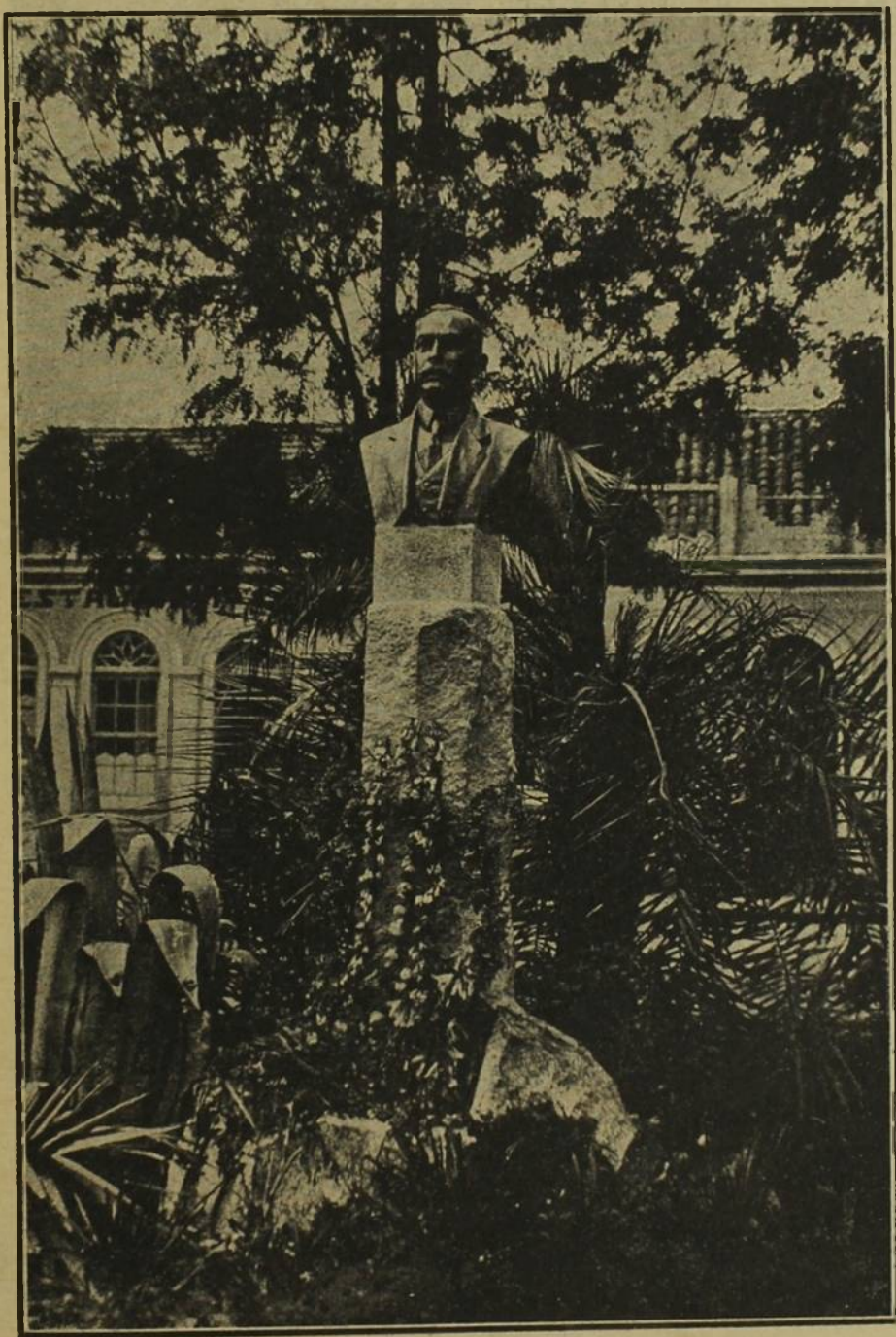


ARTE

DOIS ESCULPTORES

Encontram-se presentemente no Rio de Janeiro dois jovens, porém já illustres artistas paranaenses, cujos nomes por mais de uma vez

á inauguração das hermas de Emiliano Pernetta, Emilio de Menezes e Domingos Nascimento, numa das mais bellas praças publicas da flo-



Herma de Domingos Nascimento

têm occupado, em occasiões diversas, a attenção dos centros artisticos de Paris e Bruxellas. Queremo-nos referir a João Turim e João Zaco Paraná, que vieram ao Brasil agora para assistir

rescente e linda Coritiba. Trabalharam ambos irmãmente na confecção dessas hermas, que são tres puras obras de arte, de linhas admiraveis. Em rapida resenha, damos abaixo os traços

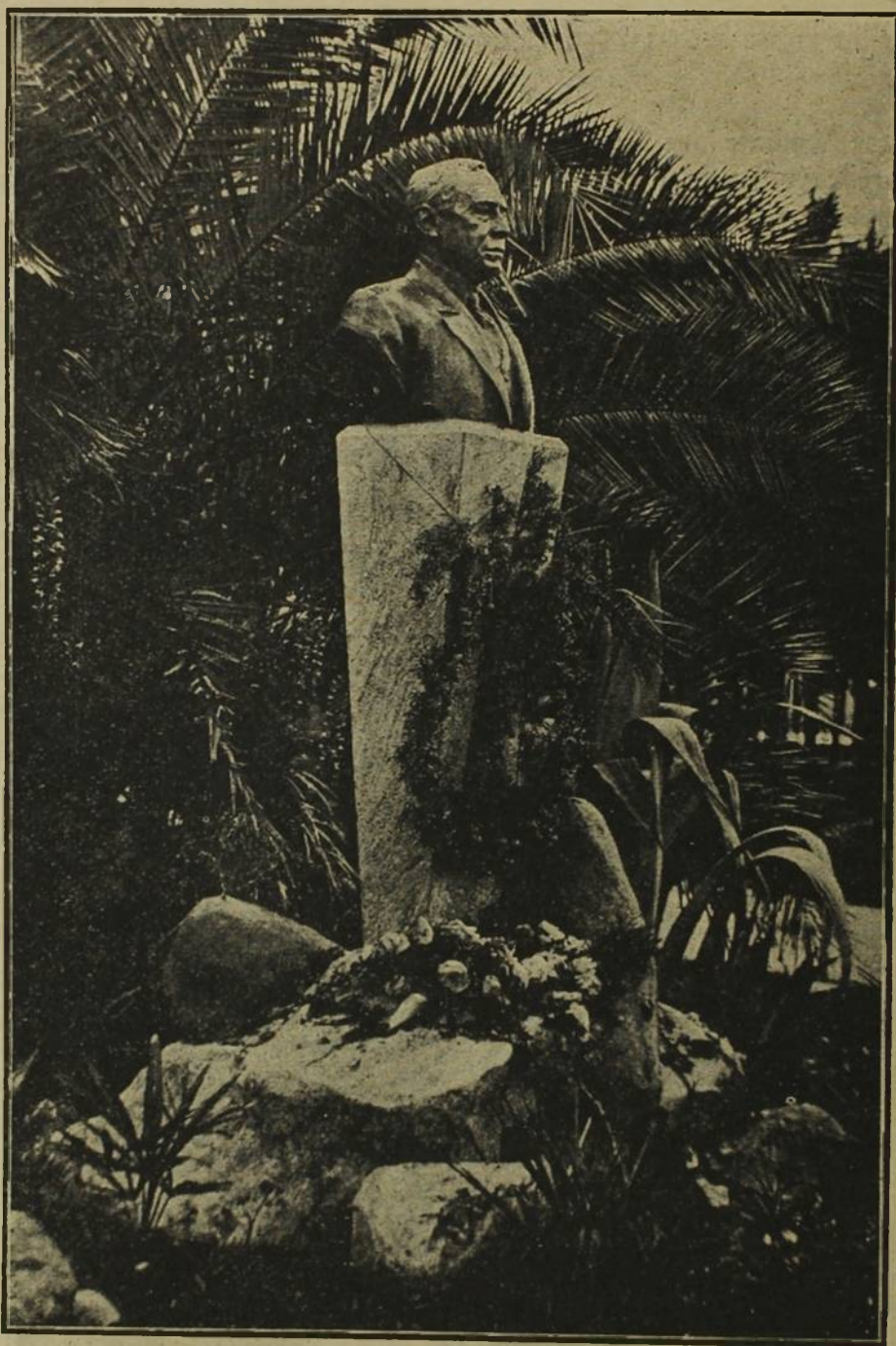
biographicos dos dois jovens esculptores, que são hoje motivo de orgulho para o Brasil inteiro.

JOÃO TURIM

É filho de paes italianos e nasceu em Porto de Cima, neste Estado. Estudou em Bruxellas

e um 2.º com distincção no curso pratico de trabalho em pedra marmore.

No quarto anno, tendo obtido o maior numero de premios, o estatuario, Van der Stappen, director da Academia, entregou-lhe um atelier na escola para que executasse uma obra prima, pagando a municipalidade de Bruxellas a modelagem.



Herma de Emiliano Pernetta

com uma pequena subvenção do Estado, frequentou a Academia de Bellas Artes de Bruxellas durante os annos de 1906 a 1911. Na Academia obteve um 1.º premio no curso de esculptura, figura antiga e baixo relevo, um 1.º e 2.º premios em esculptura de modelo vivo, um 1.º premio e um 2.º, com distincção e um 2.º premio em anatomia humana, um 1.º premio e um 2.º com distincção e um 2.º em anatomia animal, um 1.º e um 2.º premios com distincção e um 2.º em historia do vestuario, um 1.º premio

Compoz uma figura de dous metros, intitulada «No Exilio», que foi exposta no «Salon» de Paris, em 1912, obtendo uma menção honrosa. O modelo desta obra, em miniatura, foi exposto na Exposição Universal de Bruxellas em 1910.

Em 1913 expoz uma figura de dous metros «O Fogo Sagrado» e o busto de Rio Branco; em 1914 expoz as plaquettes do Barão do Rio Branco, Olavo Bilac, este do natural e Pinheiro

Machado, e o retrato do dr. Mac Auliff, director da Escola de Altos Estudos da «Sorbonne».

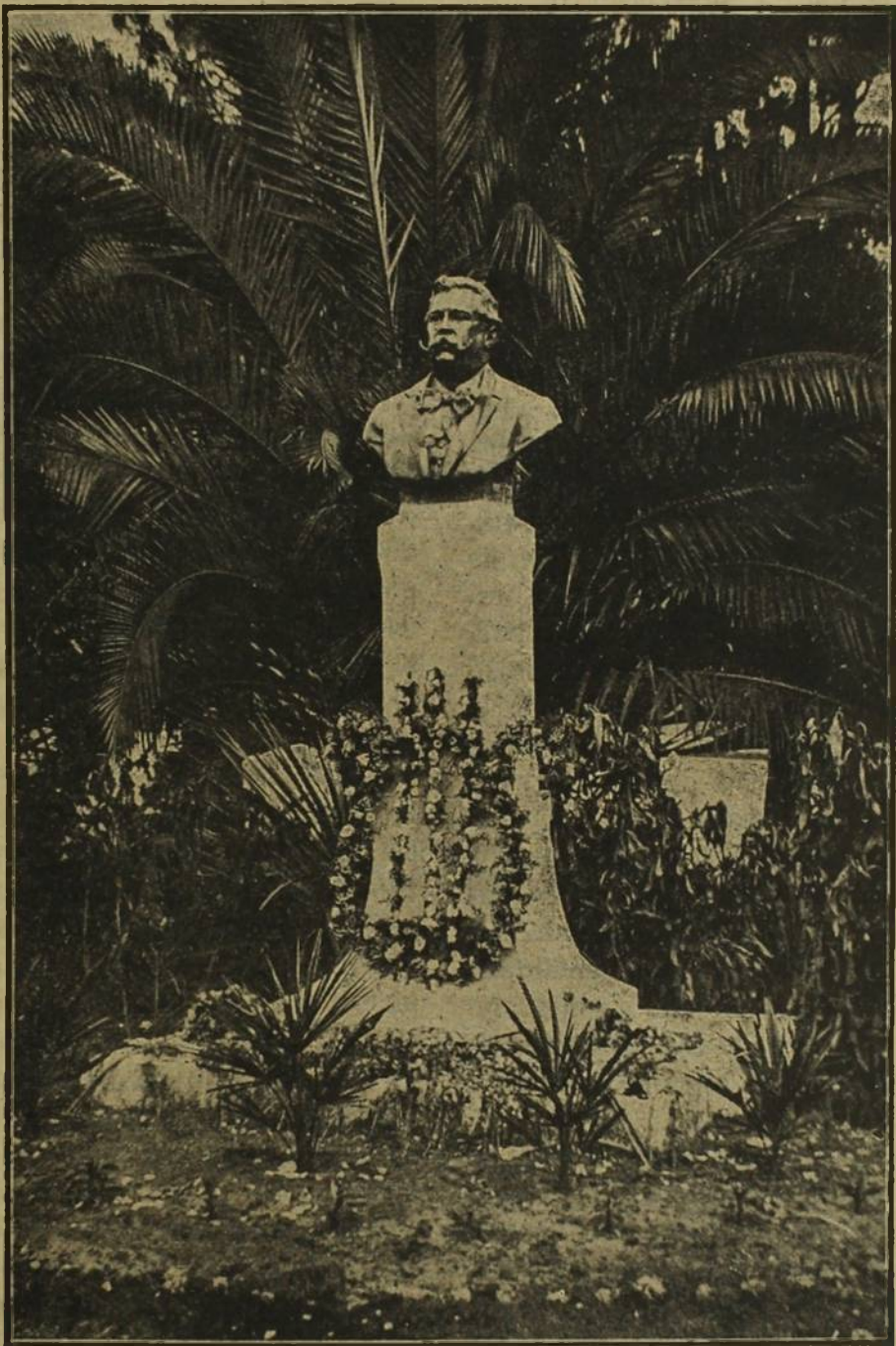
Em 1914 com a guerra fez de tudo para viver; em 1915 empregou-se como enfermeiro num hospital militar francez, trabalhando de noite no jornal «Le Matin». Em 1918 compoz um grande baixo relevo «A Piedade», em pedra para uma igreja da Normandia.

com as photographias por tel-os feito para viver.

Em Paris ha para mais de 8.000 esculptores, de modo que viver da arte, mesmo tendo grande merecimento, não é facil, principalmente sendo estrangeiro.

Escrevendo a um amigo, dizia a este respeito, recentemente, Turim:

«Viver de arte aqui (Em Paris), onde ha



Herma de Emilio de Menezes

Em 1920 expoz no «Salon» duas plaquettes do dr. Epitacio Pessoa, feita do natural e do dr. Gastão de Argollo. Em 1921 expoz um cão de tamanho natural (Lobo).

No «Salon» de 1922 expoz uma estatua de 2 metros «Tiradentes-Martyr», que virá para o Brasil.

Durante esse tempo concorreu para 4 monumentos, e fez innumerous trabalhos de criação sua — bustos, baixo-relevos e figuras por encomenda, das quaes não poude ficar nem

8.000 esculptores, não é facil mesmo tendo talento ou genio, especialmente sendo estrangeiro, e pobre. O que torna mais difficil a vida aqui é a confiança absoluta que os francezes tem nos seus filhos. Tudo que o estrangeiro faz, por bom que seja, não vale a obra do francez. Fizemos um monumento, um amigo francez e eu, mas a obra foi assignada só pelo meu amigo, porque em França nenhum artista estrangeiro tem o direito a concorrer para obras do Governo».

JOÃO ZACO PARANÁ

Filho de colonos poloneses, João Zaco desde muito creança revelou grande vocação pela escultura. Fazia por curiosidade, quando ainda em companhia de seus paes, esculturas em madeira, a canivete, as quaes denunciavam o futuro artista.

O Governo do Estado, reconhecendo o seu merecimento, concedeu-lhe a subvenção de ... 100\$000 mensaes para que elle pudesse aperfeiçoar-se na Europa.

Como João Turim segiu para a Belgica, matriculando-se em 1903 na «Academia Real de Bellas Artes de Bruxellas».

Na Academia estudou pintura e escultura durante alguns annos, dedicando-se tambem ao estudo das sciencias e da literatura. Obteve na Academia 1 premio com grande distincção em composição de escultura do curso superior, 1 premio com distincção em desenho de modelo vivo, 1 premio com distincção em estudos de escultura de figura antiga e baixos relevos, 2 premios com distincção em historia de literatura, 2 premios com distincção em escultura de modelo vivo, 13 premios e 12 accessits em esculturas, anatomia humana, historia da arte, desenho, esthetica das artes decorativas, historia do vestuario, noções de architectura, etc.

Além dessas provas fez uns 10 concursos para logares para os quaes não ha recompensas. Fez com successo muitos exames.

No «Salon» de Bruxellas de 1907, expoz uma grande figura em gesso, maior que o natural, intitulada «Amor Maternal», sendo auxiliado na execução dessa obra pela municipalidade de Bruxellas, que lhe concedeu um grande atelier na Academia, tendo pago as despesas, o que constitue recompensa aos alumnos que mais se distinguem.

Demorou-se em Bruxellas até o anno de 1910, epoca da Exposição Universal, na qual esteve exposto no Palacio da cidade de Bruxellas um estudo seu em gesso, 1.º premio da Academia. Expoz em 1908 no «Salon» de Bellas Artes de Antuerpia, um busto de mulher, em gesso.

Trabalhou durante dous annos no atelier particular do celebre estatuario Carlos van der Stappen, que foi professor e director da Academia durante mais de 25 annos. Trabalhou nas decorações do monumental palacio do «Cinquantenaire» e collaborou no «monumento ao Trabalho», o qual infelizmente não foi terminado por causa da morte do mestre. Uma parte deste monumento «Sciencia e Industria», inspirada no esboço do mestre foi executada por Zaco. Esse monumento devia figurar na praça Jean Jacobs, ao lado do «Palais de Justice».

Executou um busto do celebre martyr bruxellense Fr. Anneenssens, que lhe foi encomen-

dado pelo Barão de Cavens (um Mecenas de Bruxellas). Este trabalho está collocado no salão de honra do Palacio da Camara Municipal de Bruxellas. Durante 5 annos trabalhou em marmore no atelier do estatuario Aerts.

Depois de ter feito uma viagem ao Brasil, installou-se no fim de 1910 em Paris.

O seu objectivo era, além de se aperfeiçoar mais pelo estudo nos museus, tratar de expôr alguns trabalhos no «Salon» de Paris. Matriculou-se e trabalhou algum tempo nos ateliers da Escola Superior de Bellas Artes de Paris, com o fim de poder concorrer ao «Salon». Recebeu o titulo de alumno definitivo deste estabelecimento, o que é muito difficil por causa de um severo exame de admissão. Nessa prova foi classificado em 3.º lugar entre 110 concurrentes.

Em Paris, onde a concurrencia de artistas é muito grande, rude foi a existencia do joven escultor. Para poder viver atirou-se a varios trabalhos, fez desenhos, taboetas, trabalhou para uma grande empreza de retratos, fez-se «patrien» (escultor) em madeira e marmore, trabalhando para outros estatuarios. Apesar dessa luta pôde frequentar a Escola Superior de Bellas Artes de Paris, trabalhando especialmente no atelier de escultura, dirigido por J. Coutan, membro do Instituto de França e presidente do «Salon» deste anno (1922).

Em 1912 expoz no «Salon» de Paris um busto de velho, em gesso, em 1913 uma figura em tamanho natural em gesso, intitulada «Jeune fille aux masques» (rapariga de mascara) e um grande busto em gesso, tamanho natural «La Priere», em 1914 um grande busto em gesso, maior que o natural, do Imperador D. Pedro II e uma estatueta denominada «Dionisos». Em 1913 durante 6 mezes trabalhou para o celebre pintor americano James Wall Tinn, na execução de grandes trabalhos decorativos em pintura por encomenda do archi-millionario Astor.

Durante a guerra houve um periodo de quasi completa inactividade. Occupou-se nesse tempo das cantinas organisadas para os artistas sem recurso e para as familias dos artistas mobilizados. Em 1917 expoz em Paris no «Salon» da Galeria de Luxemburgo dous estudos de nú (desenhos retocados a pastel). Depois, durante dous annos, trabalhou em uma grande fabrica de ceramica, occupando-se, especialmente, de escultura applicada a este ramo de industria artistica.

Durante sua estadia na Europa visitou os museus de varias cidades da Italia, Suissa, Alemanha, Hollanda, Londres, Lisbôa e tambem os de Nova York.

O seu atelier em Paris, á rua Belloni 7, era conhecido e frequentado por muitos artistas de renome da grande capital artistica.



Francisco Costa — «Pó».

Vem-me de Portugal este pequenino volume de poemas, em que se revela uma alma muito irmã da de Antonio Nobre, irmã no soffrimento e na tristeza, que são o intimo perfume de seus versos.

Nos accentos dolorosos de sua queixa, Francisco Costa diz commovidamente a amargura espiritual de uma juventude a que não sorriram as claras alegrias da vida. É por certo bem sincera esta amargura, cuja expressão artistica nos penetra a fundo a sensibilidade emotiva.

Mas não é apenas um sentimento amargurado que nos mostram estes versos. Revelam elles tambem um pensamento original, espelho em que se reproduzem as imagens da vida em perturbador reflexo. Na sua meditação, faz-se o poeta um philosopho sereno. E os conceitos que lhe saem trazem a marca profunda de uma individualidade singu'ar.

Em «Alma esparsa», soneto dos mais bellos do volume, ha traços notaveis dessa individualidade:

«Nada por si fala a verdade ou mente.
Nada se impõe, nós é que nos impomos.
A verdade está só aonde a pômos.
Em nós é que ella existe realmente.

As cousas são como a nossa alma as sente.
Nós descobrimos nellas o que somos,
e nunca o que ellas são, como supponmos...
cada olhar vê um mundo differente.

Cousas que eu vejo e que a minha alma escuta
para quantos são só materia bruta
— cousas baças, sem côr, cousas sem voz!

Nada vale por si sómente... A Vida
é a nossa alma em volta repartida.
O mundo somos nós vistos por nós!

Brenno Arruda — «Flor de Manacá».

«Flor de Manacá» é uma novella simples.
Ha nella um entrecho muito nosso, quatro ou

cinco typos admiravelmente desenhados, e, sobretudo, magnificas paginas descriptivas, em que a paisagem brasileira apparece em todo o seu esplendor, sua exuberancia e perfume, seu maravilhamento incomparavel.

Brenno Arruda é senhor da floresta tropical do Brasil, no sentido de que, conhecendo-a como poucos, sabendo designar, á primeira vista, pelos seus suggestivos nomes populares, arvores e parasitas, flores e folhagens, póde integralmente sentir-lhe o dominador encanto e intimamente conviver com ella. Alguns dos seus trechos descriptivos são verdadeiramente notaveis.

Como em relação á floresta, penetrôu tambem a fundo, o espirito do artista, a alma feminina brasileira. Os dois typos de jovens mulheres que nos apresenta, uma em plena floração de sua juventude ardente, impetuosa e roubada, outra mal sahindo da sonhadora adolescencia, debil e delicada, são de um encanto indizivel. Tratou-os o escriptor com amoroso carinho.

Se ha um defeito a notar no formoso trabalho do sr. Brenno Arruda, é o que diz respeito ao modo de conduzir a fabulação da novella. Deixa-se adivinhar muito cedo o desenlace. O espirito do leitor não é solicitado pelo imprevisto do final que se encontra quasi sempre na obra dos grandes romancistas e novellistas, e, entre elles, o nosso extraordinario Machado de Assis. Em «Don Casmurro», por exemplo, a meu ver a obra capital do Mestre brasileiro, só ás ultimas linhas do romance percebe o leitor a traição de «Capitú», e tão inesperadamente que o effeito resulta formidavel. No entanto, a verdade é que o artista espalhára por todo o romance indicios sobre indicios daquelle facto, mas com que suprema habilidade! Com a habilidade com que a vida dispõe as coisas, expondo-as aos nossos olhos e cegando-nos ao mesmo tempo, de fórma que só depois de passado o desenlace fatal é que vemos que o pudéramos ter adivinhado...

Brenno Arruda, porém, é muito moço ainda. A experiencia lhe dará, neste sentido, a mestria necessaria. Com as raras qualidades, que já nesta novella demonstra, poderá ser um dia um de nossos notaveis escriptores do genero.

Não lhe falta, para isto, sensibilidade e vibração artistica nem o imprescindível senso psychologico.

Carlos Rubens — «*Impressões de Arte*».

Se ha genero literario de que esteja quasi inteiramente desservida a mentalidade brasileira é, certamente, o da critica de arte. Com o desaparecimento de Gonzaga Duque, mestre de fino gosto e clara intuição, ficamos sem quem representasse, de modo perfeito e integral, nossa visão critica da arte, annunciando a compreensão que temos da belleza plastica.

Hodiernamente, apenas dois jovens espiritos procuram, neste sentido, fazer alguma coisa. São elles Nogueira da Silva e Carlos Rubens, ambos muito moços, e ainda iniciando uma carreira que poderá ser das mais brilhantes e fecundas, mas a que falta por emquanto maior experiencia.

Da intelligencia de Carlos Rubens, como critico de arte, tivemos, ha pouco, promissor testemunho num volume de «*impressões*» em que já se revelam qualidades raras.

Carlos Rubens observa com isenção de animo, e escreve com elegancia, clareza e honestidade.

Já não é pouco. O que sobretudo resalta no livro do joven analysta é a coragem com que profliga deficiencias Moraes de nossos meios artisticos. Na arte, como em tudo, o sentimento moral é a base indispensavel para qualquer realização de maior vulto. Faltar a elle é comprometter os resultados.

Leia-se, por exemplo, esta pagina, em que o autor de «*Impressões de arte*» tece commentarios em torno dos premios de viagem concedidos pela nossa Escola Nacional de Bellas Artes:

«De quem a culpa? Do «Salão». De um jury sem honestidade de julgar, que dá ás vezes premios por affeição a incapacidades, como a Camara reconhece coroneis provincianos que não foram eleitos. De um Jury que recebe agora trabalhos antes recusados, julga as telas pela assignatura, pelo mestre do artista, pelo voto que um dos seus membros mendigou para ser «do Jury», raramente fazendo-o pela obra.

Dão-se premios vertiginosamente da mesma maneira como se os negam a quem os merece e não pertence á «coterie» do «Salão».

Um joven apparece hoje e logo o Jury, porque elle é alumno do professor A ou B, dá-lhe menção honrosa; no anno seguinte, expõe e já faz questão (é o termo) de ter nova recompensa, já se envergonha se nada conseguir; dão-lhe medalha de bronze, e se é apadrinhado, a de prata, que é a cancella que abre caminho á terra de Chanaan...

Está o joven habilitado a concorrer no anno seguinte ao Premio de Viagem. Nada fez, não pode fazer cousa apreciavel. Perpetra um attentado contra a esthetica, gasta tempo e tinta e lá põe na parede a sua bonecaria tragica.

É um concorrente. Pessimismo. Mas concorrente».

Théo-Filho — «*Uma viagem movimentada*». — «*A grande felicidade*».

Ao sr. Théo-Filho não se pôde negar talento, nem graça e elegancia de expressão, nem capacidade inventiva, coisas estas que abundam nos seus livros. Falta-lhe, comtudo, um elemento essencial para a completa victoria do seu espirito: é o sincero e profundo desejo de construir obra duradoura, o sentimento moral que faz do esforço humano, em qualquer ramo de actividade a que se applique, um acto de fé constricto nos destinos superiores da intelligencia.

O sr. Théo-Filho escreve com um displacente e jovial scepticismo. Dir-se-ia que explora a espontanea veia artistica com que foi dotado por simples desfastio, deixando-se levar na corrente dos applausos faceis, que menos lhe affectam a ansia de gloria do que o senso pratico de escriptor «profissional».

Assim, corre pressuroso ao encontro do gosto da futilidade e do *faisandé moral* que caracterizam o nosso grosso publico literario de hoje, fabricando livros que se destinam a mais de uma edição e a francos successos de vendagem.

Seja como fôr, porém, e por estes proprios motivos, o sr. Théo-Filho reflecte uma face de nosso mundo espiritual. É, deste ponto de vista, um representativo, o que talvez não seja tão sem importancia como poderá parecer a espiritos mais graves e desinteressados, porém mais affastados da viva realidade da época que atravessamos.

Ronald de Carvalho — «*Epigrammas ironicos e sentimentaes*» — Rio, 1922.

É uma obra que perturba e desorienta, esta que Ronald de Carvalho agora nos dá, não sei se como gentil offerenda de sua sinceridade profunda, ou como leve sorriso de attica ironia pela nossa mesquinhez espiritual... Epigrammas ironicos e sentimentaes... Ha neste livro, sem duvida, uma tentativa corajosa de renovação. Ha indicações preciosas do que poderá ser a nossa poesia futura, e, aqui e alli, notaveis realizações que são como a assignatura do poeta em meio das estranhas paginas que elle por todo o volume nos apresenta. Mas ha, sobretudo, uma intenção mysteriosa, de sarcas-

mô talvez, mal escondida na arithmia insolita dos versos, nas violentas e obscuras syntheses de pensamento, na evocação forçada de coisas e ambientes do mais flagrante prosaismo.

Esta *Musica de Camara*, por exemplo:

«Um pingo d'agua escorre na vidraça.
Rápida, uma andorinha cruza no ar.
Uma folha perdida esvoaça,
esvoaça...
A chuva cáe devagar...»

Ou, então, este *Epigramma*:

«Sobre uma rosa aberta um besouro ven' e vai...

O vento chega. O besouro foge.
E, folha a folha,

a rosa se desfolha,
e cáe...»

Ou, melhor ainda, este poema em dois versos:

A verdade é talvez um momento feliz.

O teu momento mais feliz...»

Tratando de outro poeta de sua geração, Ronald de Carvalho escreveu, ha pouco esta phrase: «dos jogos pueris da humanidade, a poesia é o mais lascivo». Cito de memoria. É possível que a expressão do poeta seja um pouco differente; mas o sentido é o mesmo. Que revelará aquella phrase do pensamento intimo desse artista, que é também um philosopho e um critico? A mim me parece que poderia conter toda uma doutrina esthetica. E a poesia encarada como jogo lascivo e pueril perderia a sua profunda significação de reveladora do alto mysterio humano, de eternizadora da tradição do soffrimento para consolo dos homens, como já disse um dia Mario de Alencar.

Tal esthetica explicaria muitas das paginas deste livro. Mas se Ronald de Carvalho a professa, é em fugitivos instantes de alheamento do seu ser interior. Porque elle é poeta de singular sentimento e alta nobreza, como provam seus livros anteriores, e como o provam ainda alguns destes eprigrammas, tão luminosos no seu isolamento e tão profundos na sua musica admiravel:

«O céu parece que adormece,
o céu profundo...

Paira no ar um longo beijo doloroso,
caricioso...

A tarde cáe.

A sombra desce sobre o mundo.

A sombra é um labio si'encioso, silencioso...»

Agrippino Grieco — «*Fetiches e Fantoques*» — Rio, 1922.

Neste «*Fetiches e Fantoques*» Agrippino Grieco é um pamphletario elegante, mal escondendo, sob a formosura e a eloquencia da expressão, o poeta arroubado e commovido de outras paginas. Neste livro, como nos seus poemas, a phrase sonora e triumphante é um pleno desbordamento de alma: é a ardente alma latina do artista que vibra nos seus estros de entusiasmo, na sua ironia deliciosa, nas suas confissões e excommunhões.

Pela sua expressão voluptuosa Agrippino Grieco é um *dannunziano*, não obstante a pagina de revolta que contra o admiravel Mestre burilou. Mas pela sua energia espiritual é simplesmente um artista novo do Brasil de hoje, desses que vêm para ser a definitiva affirmacão de um povo e de suas esperanças gloriosas.

Fetiches e Fantoques contém paginas de desigual valor. A sobre Ruy Barbosa é imponderadamente excessiva. E imponderadamente injusta é a satyra final, feita, por excepção, em versos. Mas a que diz de *Dannunzio e Rapagnetta* é puramente admiravel, como é, no seu genero, admiravel a que o autor intitulou: *A irmã Paula na diplomacia*. No conjuncto, os senões empalidecem.

Rodrigo Octavio Filho — «*Alamêda nocturna*» — Rio, 1922.

Nos versos simples e melodiosos de *Alamêda nocturna* transparece a alma bôa desse artista, cuja doce melancolia tem um resaião de felicidade serena e sonhadora. Rodrigo Octavio Filho contempla o mundo sem angustias interiores e sem vertigens de pensamento. A suave tristeza que lhe vem é antes uma manifestação nova de sua intima alegria de viver. De resto, de todos os seus poemas esponta incontido, embora velado optimismo, filho da sua saúde espiritual e da visão maravilhada que tem dos homens e das coisas.

Leia-se este sereno portico do livro:

«Nem todo sonho neste mundo é vão...

Tu verás, minha amiga silenciosa,
Nos longos passos que nós vamos dar,
Que, se ás vezes a estrada é dolorosa,
Outras vezes iremos a cantar...

Um dia, enfim, quando chegar o Outomno
E nossa vida mergulhar na bruma,
Não teremos a dôr de um abandono,
Nem illusões perdidas, uma a uma...

E eu, bem velhinho, poderei, então,
Sentindo teu olhar dentro do meu,
A tua mão sentindo em minha mão,
Pensar, para mim mesmo, olhando o céu:

— Nem todo sonho neste mundo é vão...

*Gastão Franca Amara! — «As
Bellas-Lettras» — Rio, 1922.*

Os dois livros publicados deste joven escriptor, — *Horror á Forma Humana* e este de agora *As Bellas-Lettras*, parecem indicar um temperamento de pedagogo, ou antes, de estudioso entusiasta, feito para as pesquisas longas e para os trabalhos de pura erudição. Falei em pedagogo, porque de seus labôres lhe vem a necessidade de transmittir o que aprendeu, educando e conformando espiritos porventura mais necessitados do que o seu.

Gastão Franca Amaral é um objectivador de pensamento; seu mundo intimo permanece isento de suas locubrações, mesmo quando o assumpto tratado, como acontece com o primeiro dos livros que citei, abrange esferas de philosophia e moral.

Com tal modo de ser, poderá, no terreno que semeia, colher para o futuro largas messes, tornando-se uma de nossas autoridades nessas difficeis materias que para o verdadeiro erudito têm o encanto da mais pura arte.

As Bellas-Lettras confirma as qualidades que se haviam entremostrado em *Horror á Forma Humana*. É firme e decisiva a evolução espiritual do moço autor.

*Wellington Brandão — «Des-
lumbramento de um triste» — S.
Paulo, 1920,*

Só agora me vem ás mãos este formoso volume de poesias publicado ha dois annos atraz. E ainda hoje muito joven o autor, pois ao

tempo do apparecimento do livro estava em plena adolescencia. E para um adolescente, versos como os que vêm abaixo são grandemente significativos, pela accentuada nota pessoal e pela mestria technica que revelam:

«Ó Belleza pungente, ó Arte, sou
o misero, o vencido que passando
viu teu templo na altura cintilando
e deslumbrado e fascinado o entrou.

O incenso de teus ritos me embriagou,
e as tuas harmonias escutando
senti que a antiga dor se ia mudando
numa dor que meu ser nunca provou.

Cegou-me a tua luz. O teu encanto
deixou-me na alma um languido quebranto,
inutil febre, mudo sofrimento.

Arte augusta: adorando-te, eu te abjuro,
pelo ideal impossivel que procuro
e a angustia vã do meu deslumbramento.

Aliás, Wellington Brandão já teve de outros o louvor merecido.

T. S.

Volumes recebidos:

- Dario Vellozo — «Horto de Lysis».
- Angelo Guido — «Illusão».
- José Augusto — «Eduquemo-nos».
- Antonio C. Arruda Beltrão — «O esperanto como lingua internacional».
- Mario Sette — «Senhora de Engenho».
- Pedro Saturnino — «Grupiaras».
- Mario Vilalva — «Arrebóes e clarins».
- Padre Alcidio Pereira — «O ensino religioso facultativo».
- Sebastião Paraná — «Galeria Paranaense».



FISICA «VERSUS» WAGNER

Et quibus una, levem jactato crine per auram:

«En, ait, en hic, nostri contemptor»; est hastam Vatis apollinei vocalia misit in ora...

*(Orpheus e Bacchis disceptus.)
Ovidio: As Metamorphoses.*

A quem quer que se dê ao trabalho de esmiuçar o tomo III do «Gesammelte Schriften Uber Musiker», creio lá por volta da página quadrajésima quinta, se lhe ha de deparar um dos ditérios mais picantes atinente a este tão debatido, quanto incompreendido Wagner.

Vem á balha o «Tannhauser»:

— Se o autor fôra tão melodioso quanto inteligente, seria o homem da época».

Rivalidade de artistas?

E a interrogação amplia-se numa hipérbole desmedida; substitue a figura alegórica da Valquiria: — Wotan já não apostrofa do cimo dos pendores alterosos; é Nietzsche — omisso e fleugmático, a desafiuzar na questão: «Terá Wagner o dom musical?»

A partir de alguns séculos, a Física não mais ferrou as velas á investigação de todas as conjecturas e fenómenos: — Do astrónomo e do naturalista, armou-lhes o aparelho visual com essas maravilhosas lentes de Leitz ou Zeiss, para a contemplação dos grandes sois das alturas e dos gérmenes supostos invisíveis, cujos diâmetros diminutos não se enquadram nas menores sub-divisões do micro; dos fisiologistas, aguçou-lhes a audição e o tacto imperfeitos com estes fonendoscópios e estetoscópios modernos, estes esfigmógrafos, esfigmómetros e todo o instrumental de nomes exóticos e jocosos, cujos étimos greco-latinos enchem catálogos e catálogos de fabricantes estrangeiros; criou os raios de Roentgen; condensou um sem conto de atmosferas num autoclavo poderoso, na vitória destruidora dos esporos resistentes, maravilhou; pas-

mou; assombrou; empolgou; esposou a Arte, desfrutando-a, na intimidade, dos seus prodíjios e mistérios; e pretendeu interpretá-la...

Apparelhou-se dos novos enjenhos de Irradiação de Thirty; dos compassos vibratórios de Blumenthal, dos modernos tubos de Von Grey, dos diapasões cronográficos de Symphon, de todos os inventos hodiernos, com que a Física dos últimos tempos se nos antolhou, para que tivéssemos o pasmo da grandeza infinita das coisas que julgamos pequenas, da pequenez eficiente dos nossos sentidos, que julgamos imensa.

Insistindo na sua tineta pretenciosa, fêz a análise dos sons, repousando inteiramente sobre o argumento da tonalidade; contando, enumerando as vibrações sonoras, alçou uma fórmula aljébrica; Liszt esperou sob a raiz da equação o desdobrar vagaroso do problema; e vieram «Nós e Ventres» a comento; e tudo mediu, descompôs e perquiriu, — os estados da alma, a velocidade da corrente nervosa, Verdi e Wagner, Schubert e Schumann, classificados em caracteres gregos e em facetos esquemas de geometria.

Dai, para os últimos, as suas adaptações especializadas, conforme com as suas manifestações sobre o neurónio.

Schubert ou Schumann eram a doçura comunicativa, os colóquios, as palavras amorosas; correspondiam a uma amplitude maior, mais suave e rítmica das ondas sonoras.

Porque a musica de Beethoven pela conexão destas ondas, mais aconchegadas e irregularmente vibráteis, era a incerteza, as interrogações mudas, subjectivas, dolorosas.

E Wagner?

Wagner foi antes um desapontamento, senão uma desilusão.

O ditério de Schumann correu parêlhas com as deduções da Física, as manifestações fisiológicas do som. De uma pretensão desmarcada de investigar a musica, no deduzir matemático de fórmulas e de aparelhos registradores inconscientes, a Física perpretou um erro colossal.

É que a haste metálica não sente, a fór-

mula não raciocina, os «condensadores» não entendem de Arte.

E a de Wagner é o todo, o epítome, a síntese, o término, o ápice, o zénite, o limite...

A arte vem pulsando para o requinte.

O verso despiu-se das cadências monótonas, dos ritmos reincidentes, dos mitos, dos madrigaes injênunos e prosáicos, para vestir as grandes idéas, os grandes pensamentos...

Vai por um século, R. Manzoni doutrinava: «Odio Il Verso Che Suona, Ma Mon Crea». E um século empós, inda se não penetrou o sentido das palavras de Manzoni.

Do mesmo jeito, ha oito anos festejávamos o centenário de Wagner, e hoje inda se não compreende a musica de Wagner. É que

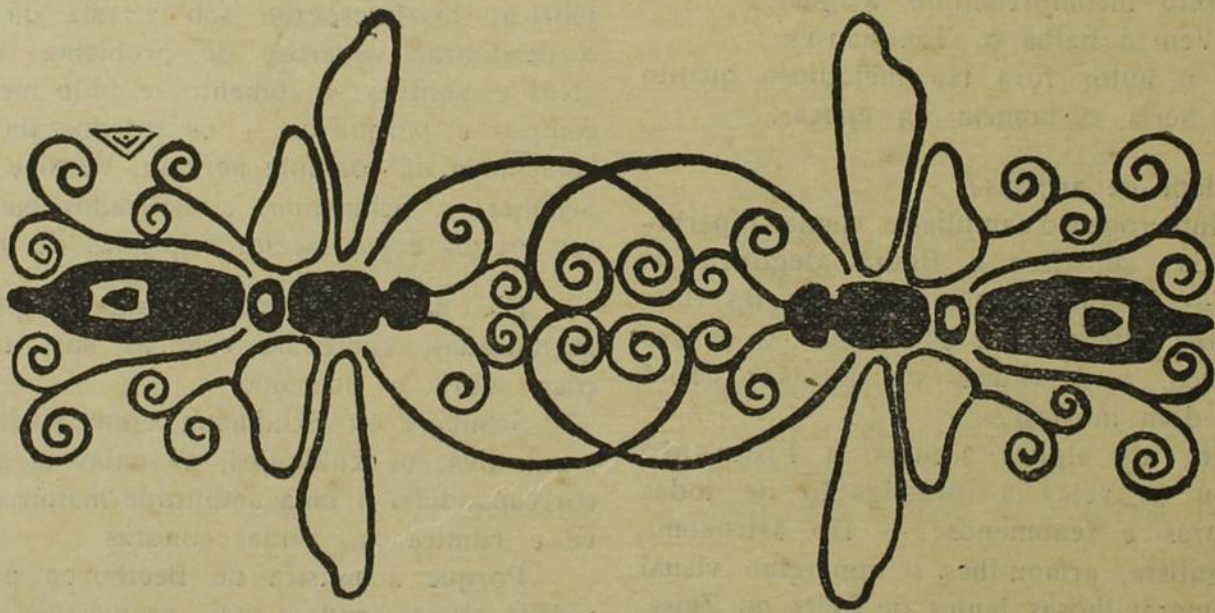
êla é a estesia máxima, e somente os aristocratas, os verdadeiros, os finos artistas podem sentir-a.

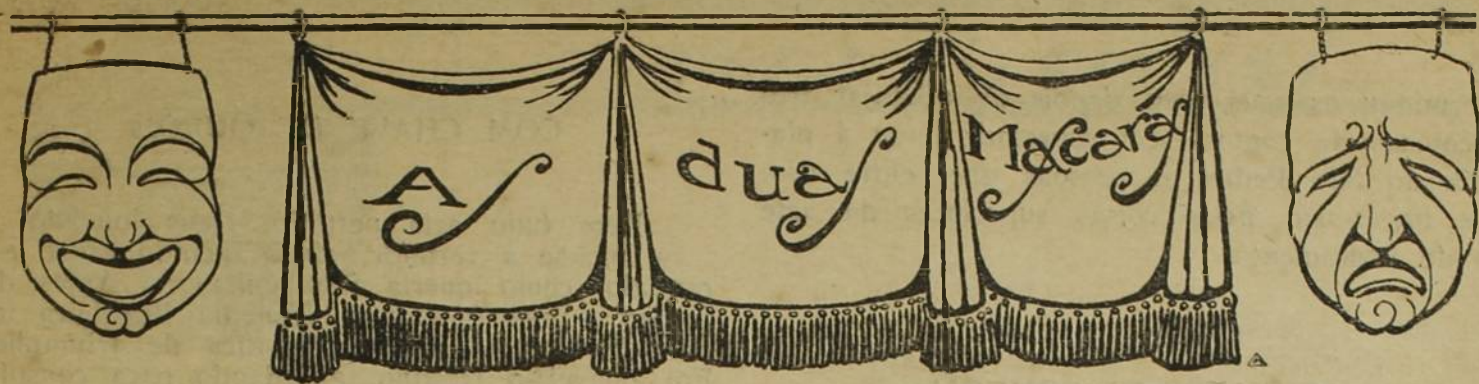
Não interpreta a natureza, sujere-a.

E se não arremeda essas doces ou dolorosas vozes da alma, transmite as sensações. E são perguntas de fadas e falas de Wotan ou Flosshilde, cavalgadas celestes, jestos líricos de Brunildas, ou ainda, a humana e doce expressão do «Taunhauser» pelos divinos labios de Citera: — «Geliebt, sag; wo weilt deins Sinn?»

Se trabalhasse a física um aparelho que des-se proveito a este quesito...

JORGE DE LIMA.





A FALLENCIA DO THEATRO OFFICIAL

O Theatro Nacional... Não sei se os senhores já ouviram falar n'elle. É um mytho — um mytho ingenuo e inoffensivo. Mas tem dado muito que falar, nestes ultimos tempos. Ainda agora está na ordem do dia. Depois do fracasso da Companhia de Comedia Brasileira, entretanto, creio que já não é mais possível ter illusões sobre o destino do nosso theatro. A temporada official do S. Pedro, cuja fallencia está escandalosamente annunciada, foi sem duvida um dos mais deploraveis desastres do Centenario.

Não nos enganavamos, evidentemente, quando diziamos, ha mezes, que o Theatro Nacional não podia ser creado por um simples decreto da Prefeitura. Longe estavamos, todavia, de supôr que fosse tão completo e lamentavel o fracasso da tentativa official.

Os factos, no entanto, mais cêdo do que esperavamos, vieram provar que tinhamos razão.

A Companhia de Comedia creada por obra e graça dos cofres municipaes, dissolvendo-se afinal, sem ter tido uma só noite de exito, veio provar que evidentemente o que menos convem, nessas questões de arte, é a intervenção official.

Como ha pouco diziamos nesta columna, a participação do governo nessas coisas — é a victoria irremediavel da rotina, da burocracia, da mediocridade. A intervenção official empresta a todas as coisas um ar lamentavel de funcionalismo publico. E não pode haver nada mais execravel do que a burocracia artistica.

Com effeito, o que á Prefeitura cabia era auxiliar, estimular; porém nunca superintender e dirigir uma instituição artistica como a Companhia de Comedia Brasileira.

O resultado foi o que se viu: — um desastre total. Sempre considereei estulta a veleidade do Prefeito, querendo criar o Theatro Nacional por decreto. Mas nunca imaginei que á Companhia do São Pedro estivesse reservada uma vida tão triste e tão ephemera... Mas o que ninguém pôde negar é que a mallograda tentativa da Prefeitura teve tambem a sua utilidade: serviu, quando menos, para nos mostrar que o Theatro Nacional não existe, e que não é cousa que se possa crear com uma subvenção ou um decreto.

Em uma palavra: de tudo nos ficou, afinal, com uma melancolica desillusão, uma experiencia amarga, mas salutar.

No outro Centenario talvez o Prefeito comprehenda que não é sensato nem prudente gastar os dinheiros publicos com iniciativas de tal ordem. Porque é preciso não esquecer a moralidade dos factos...

Mas, agora, uma pergunta: o que fez a Companhia Brasileira de Comedia nesses quatro mezes de existencia apagada e silenciosa?

Fez pouco, muito pouco: gastou algumas centenas de contos e enterrou meia duzia de peças. Nada mais.

Porém, é o caso de dar graças ao bom Deus, porque peor poderia ter sido. Imaginem, por exemplo, se a Companhia, com um programma maior e uma organização mais ampla, tivesse character definitivo!... Que horror! Seria uma calamidade. Mas resta-nos o consolo de saber que ella foi ephemera e innocua: passou sem de'xar sau'ades; gastou a'gun dinheiro; e fez pouco mal á nossa literatura...

Agora, sob o ponto de vista propriamente literario, não foi menor o fracasso do theatro official. A literatura theatral do Brasil, posto incipiente e desinteressante, possui comtudo algumas figuras representativas, cujo valor ninguém pôde negar: Renato Vianna, Orris Soares, Oscar Lopes, Coelho Netto, Claudio de Souza, Roberto Gomes, Viriato Corrêa. Todos elles escreveram dramas e comedias que não nos envergonham. Entretanto, no cartaz do São Pedro não brilhou jamais a gloria desses nomes illustres... Porque? Ninguém o sabe. O certo, porém, é que a Companhia official, que devia ser a mais alta expressão do Theatro Brasileiro, limitou-se a representar, além de duas peças antigas, trabalhos hesitantes de escriptores pouco mais ou menos desconhecidos. É verdade que alguns delles, como o Sr. Benjamin Lima e a Sra. Ruth Leite Ribeiro, revelaram, além de brilhante talento, apreciaveis qualidades theatraes; mas os outros, pelas peças que nos deram, não tinham absolutamente o direito de figurar no cartaz de um theatro official, que pretendia representar a nossa evolução e o nosso adiantamento de cem annos honestos de esforço, de estudo e de trabalho.

Por tudo isso, e por outras cousas mais, foi que a Companhia de Comedia Brasileira

terminou os seus dias, depois de esbanjar tres centenas de contos, sem conseguir levar á plató do São Pedro as pessoas que, entre nós, se interessam pelas coisas superiores da arte e do pensamento.

THEATRO DE COMEDIA

De tudo isso uma coisa se conclue: é que não temos ainda Theatro Nacional. Digam o que disserem, essa é que é a verdade. A Prefeitura decretou-o, é exacto; mas o publico, que nessas cousas é o poder supremo, vetou inflexivelmente o theatro official.

Denois de ter representado varias peças novas sem lograr obter uma só noite de exito, a Companhia do São Pedro recorreu ao velho repertorio brasileiro, exhumando dos nossos archivros «O Dote», de A. Azevedo, e «As Doutorinhas», de França Junior. Foi o ultimo recurso. E foi, tambem, a confissão tacita do fracasso. Denois disto só restava uma cousa: fechar as portas.

Porque, com franqueza, nós não podemos manter uma Companhia de Comedias: para isso falta-nos tudo, absolutamente tudo.

Por emquanto, o que existe entre nós, e o que merece a sympathia e a attenção do publico, é o theatro leve, espirituoso, moderno. O drama e a alta-comedia ficarão para mais tarde. Talvez no nosso segundo Centenario seja possivel levar a cabo, com exito, uma tentativa nesse sentido.

Agora, porém, o que existe no Rio, com os favores do povo, e possibilidades de triumpho, é a comedia ligeira, que se ouve sem esforço, com prazer. O Trianon está ahi para documentar o nosso asserto.

O Sr. Monteiro Lobato, ainda ha pouco, dizia em S. Paulo estar gravado que o theatro brasileiro leve, espirituoso, moderno, é possivel e está creado. Como elle affirmava isto referindo-se á «troupe» da Sra. Abigail Maia, estamos de accordo. É verdade. O theatro brasileiro, d'aquelle genero, existe, e é brilhante. Agora, o que ninguem pôde crêr é que exista o Theatro Nacional, isto é, o verdadeiro theatro, expressão esthetica da alma brasileira, indice de cultura e de evolução mental.

Para a criação deste precisamos ainda de viver muito. Não se trata de uma simples questão de titulo ou de dinheiro. É um problema que interessa a vida intima da nacionalidade — o drama da alma brasileira.

E creal-o é uma missão que vai caber ao esforço e ao trabalho consciente de todos nós, que somos a intelligencia e a alma nova da Patria.

COM CHAVE DE OURO...

Nem tudo está perdido, Deus louvado!

Diga-se a verdade, ainda quando cause escandalo, como queria Schopenhauer... Antes de fechar as suas portas, a Comedia Brasileira teve, afinal, uma noite authentica de triumpho. Foi amavel o Destino, guardando para consolo do nosso espirito, nestes dias melancolicos de desillusão theatral, uma surpresa tão grata e encantadora.

Isto quer dizer que nem tudo se perdeu no lamentavel naufragio do Theatro Nacional... A ultima peça que a Companhia do São Pedro representou, trouxe-nos com uma vaga illusão de belleza, uma esperança consoladora e salutar. A Prefeitura está paga dos trezentos contos que esbanjou com a Comedia Brasileira...

Evidentemente, foi para todos nós uma grata e confortadora surpresa a representação do original com que se encerrou a temporada do Centenario, no Theatro São Pedro. A alta comedia do Sr. Heitor Modesto foi uma revelação — uma revelação brilhante, formosa e imprevisista. Ninguem contava que o Sr. Heitor Modesto, sahindo da obscuridade deliciosa do seu theatro ligeiro de comedia, fosse salvar a Companhia Official da Prefeitura.

Mas o auctor do «Tú não partirás», sahiu da alegria frivola do Trianon para a gravidade municipal do São Pedro e, sobre triumphar ruidosamente, salvou a Companhia do desastre total a que estava destinada.

«Tú não partirás», que é esse o titulo da peça, pôde entrar para o archivo de ouro do nosso theatro ao lado das melhores peças que possuímos.

É um trabalho forte, de acção intensa, emocionante, e nas suas scenas passa por vezes aquelle sôno de alta belleza dramatica que illumina e agita o theatro de Bernstein... E, cousa rara entre nós, é uma peça, além de dramatica, — theatral. Se não é de todo em todo um drama original, é comtudo rico de qualidades. Revela talento e antidões invulgares, e traz para o theatro brasileiro os processos novos do drama moderno. Defeitos... Tem-nos, tambem, e nem seria uma boa peça, se os não tivesse. Mas as virtudes são grandes e altas, de modo a assegurar a harmonia e o equilibrio da belleza que se exige n'uma obra dramatica.

E o Sr. Heitor Modesto foi tão feliz, que até a famigerada Companhia da Prefeitura conseguiu interpretar a sua obra com tal ou qual encanto...

E dest'arte a Comedia Brasileira, antes de encerrar definitivamente o seu vellario, teve por fim uma noite de exito!

Antes tarde... E sirva-nos isso de consolo. Nos escombros deploraveis do Theatro Official aquella peça ficará sorrindo melancolicamente, com a ironia subtil das flôres de ruínas...

Emfim, se me perdoassem o mau gosto do sedico chavão, eu gravemente diria que a Comedia Brasileira tinha encerrado a sua vida — «com chave de ouro...»

PEREGRINO JUNIOR.



Os homens e as COUSAS...

REVOLVENDO UM ARCHIVO...

Continuamos a publicar documentos importantíssimos, que dizem respeito á politica do Rio Grande do Sul na epoca em que o Marechal Floriano Peixoto dirigia os destinos da Nação.

Carta do Conselheiro Gaspar da Silveira Martins escripta em 21 de Julho de 1892 ao Marechal Floriano.

Illustre Marechal

Como brasileiro e republicano tomo a liberdade de dirigir a V. Ex. estas despretenciosas linhas apontando a V. Ex. o caminho que, como presidente da Republica deve V. Ex. seguir.

Em primeiro logar V. Ex. deve chamar para secretarios homens de estatura moral tão alevantada que inspirem á nação confiança e certeza da moralidade na gestão dos negocios da patria. V. Ex., honesto como é, deve dimittir o ministro que não interpretar bem os principios a que deve cingir-se.

Severo e rigido V. Ex. deve mandar voltar os desterrados politicos mas ser sempre rispido para com aquelles, que tentarem contra a republica.

Apoio *in tolum* o zelo que tem tido V. Ex. para com o thezouro nacional, não permittindo que gananciosos e ousados salteadores violem as arcas santas d'aquelle estabelecimento.

Regularisar o mais breve possivel o serviço das estradas de ferro, mormente o da Central que tem sido pessimo. V. Ex. como poder executivo não deve intrometer-se no poder judiciario, que é o mais elevado e importante de todos os outros poderes. Dar aos Estados mais larga autonomia, moralisar os pleitos electoraes, é um dos objectos mais importantes a que V. Ex. deve dedicar-se de corpo e alma.

Marechal. O Brasil é o mais bello e rico paiz do mundo só falta patriotismo nos seus homens e seriedade na sua administração; portanto como presidente da Republica V. Ex. deve inspirar-se nos principios que tão alto levantaram os grandes vultos da America do Norte.

Esperando obter algum proveito da presente carta sou com veneração e respeito de V. Ex. *Gaspar da Silveira Martins*. Capital Federal, 21 de Julho de 1892.

Acta da conferencia entre o Sr. Senador F. M. da Cunha Junior e o General João Nunes da Silva Tavares.

Aos desenove dias do mez de Junho de mil e oitocentos e noventa e tres, na Estancia do Snr. Ramon Silveira, Estado Oriental, lugar previamente escolhido por ambos para reunião, e presente ambos, foi aberta a conferencia. O Ex.^{mo} Snr. Senador Cunha Junior fazendo uma exposição do estado penoso do Rio Grande do Sul, recordou os grandes serviços prestados pelo General Tavares, tantas vezes quantas a Patria tem d'elles precisado e apelou para seu patriotismo para que ensarilhassem suas armas de guerra, porque impossivel como é de ser vencida a União, a lucta só pode traser o mal e a desgraca do Estado. O General Tavares respondeu: Não fui o provocador da lucta. Ninguem mais do que eu deplora a desgraca do meu Estado. Mas não tendo garantias de vida, propriedade e liberdade, o unico recurso que tinhamos era conquistal-as pelas armas e acrecentou; o que deseja o meu velho companheiro de mim? Respondeu o Snr. Senador: Vim ao Rio Grande, já como homem politico, mas principalmente como emissario de S. Excia. o Snr. Presidente da Republica para me entender com V. Excia., que é o chefe da revolução, e offerecer-lhe todas as garantias que a Constituição Federal concede, mas concedel-as positiva e terminantemente, uma vez que a revolução não tenha intuitos monarchicos ou restauradores ou quaesquer ideas contrarias á Republica Federal tal qual está consagrada em nossa Constituição.

Disse o General: Sou republicano antes da Republica; eu e todos os companheiros que estamos de armas na mão, nunca nos serviremos d'ellas para combater a Republica, mas para sustental-a e nem mesmo contra a União a cujos poderes nos submettemos.

Quanto ás garantias nós as aceitaríamos se acreditassemos que fossem respeitadas pelo Governo do Estado do que absolutamente duvidamos. A nossa questão é toda local. Continuou o Senador Cunha Junior. Mas então, se a revolução não é restauradora, não é contra a União, a que intuitos obedece a revolução? Respondeu o General Tavares:

Queremos eleição livre para disputarmos nas urnas a direcção e governo livre do Estado porque a eleição que collocou o Snr. Julio de Castilhos, foi uma violação flagrante de todos os direitos e liberdades. O Snr. Senador Cunha Junior disse: A minha missão nada tem com o governo do Estado. Venho por fim offerecer, como offereço, as garantias constitucionaes e saber da propria boca do chefe da revolução quaes os seus intuitos. O General Tavares disse: Tambem nós nada temos com a União cujas torças mandamos respeitar até sermos por ellas atacados. No momento que seja modificada a direcção do Estado, deporemos immediatamente as armas, recolheremos ao nosso lar, para solidificar a Republica. Disse o Snr. Senador: Já disse

que nada tenho com a questão estadual, mas, se porventura o Snr. Julio de Castilhos, inspirando-se no seu proprio patriotismo, deixar a direcção do Estado, V. Excia. assume a responsabilidade por si e pelo exercito que commanda a plena execução do quesito acima?

O General Tavares disse: Assumo a responsabilidade por mim e mais companheiros de armas da plena execução a que se refere, uma vez que o governo da União colloque a frente do Estado pessoa de sua confiança e dos chefes da revolução. Terminada a conferencia, eu Snr. Joaquim da Silva Tavares, escrevi a presente acta que vai por ambos assignada. Gal. João Nunes da Silva Tavares, F. M. da Cunha Junior.

Notas e Commentarios

A «LEI DE IMPRENSA»

A lei de imprensa tal como nol-a querem, á viva força, impingir os rhetoricos *blasés* do Senado, não pôde e não deve ser approvada. O que se pretende, forçando todos os principios que deveriam regel-a e aproveitando-se uma epoca excepcional, em que, sob a vigilancia do sitio, se acham suspensas todas as garantias individuaes, é commetter um attentado que vem ferir em cheio não sómente a nossa infeliz Constituição, como tambem os nossos fóros de povo civilizado.

Não se procure nestas justas considerações o menor vislumbre de incoherencia. Poucos como nós poderão criticar a attitude apaixonada e injustificavel do Senado, onde vegeta uma geração de valetudinarios, salvo raras excepções, tanto prova o que, em nosso numero inicial, escreviamos a respeito dessa lei. Pensavamos, quando bordámos aquelles commentarios, que a «lei de imprensa» seria elaborada e discutida debaixo dos mais rigorosos principios moraes, não como uma medida de perseguição a jornaes e jornalistas, em que já agora a estão transformando, mas como um meio legal e necessario de se reprimirem certos abusos commettidos pelos maus jornalistas, e que tanto deprimem a nossa cultura. Ao revés, não é isso o que se está a fazer. A paixão politica sobrepujou os nobres intuitos que pareciam dital-a, e o que se vê, o que se enxerga em tudo isso, agora, é um grupo de politicos apaixonados pretendendo, discricionariamente, abafar a unica voz capaz de criticar os seus deslises, pondo-os ao

conhecimento do povo. Porque, de outra maneira não se pôde encarar a questão, nos termos em que a collocaram o senador Adolpho Gordo e quantos com o embaixador paulista nella veem collaborando, empolgados todos pela antipathia que votam ao «quarto poder».

Nós somos, por principio, favoraveis a uma «lei de imprensa», dentro, porém, dos moldes permittidos pela epoca de grandes conquistas sociaes, e de progresso em que vivemos. Achamol-a, mesmo, «uma necessidade que de ha muito se vinha impondo, e agora mais do que nunca se torna imperiosa», consoante nos expressavamos em nosso numero de Agosto.

Rigorosamente coherentes com o que diziamos, então, só poderemos, contrarios ao que se quer consumir, concordar com «a criação da lei, que, longe de ameaçar direitos que o nosso Pacto Fundamental nos assegura, de plena liberdade de pensamento, não permittindo, embora, e com justa razão, o anonymato, venha, apenas, em soccorro do proprio jornalismo, com o fim nobre de eleva-lo, para que, respeitando-se os nossos homens, parem elles nas culminancias do poder, ou rastejem no chão amargo do «struggle», sejam jornaes ou jornalistas acatados, de modo a, com elevação, desempenharem o papel que lhes cabe na communhão social». De outra maneira, não; mesmo porque não se pôde conceber um povo despojado da voz que tanto ergue monumentos aos que são dignos delles, como tambem sabe, dentro da Moral e da Razão, derribar os falsos politicos, aquelles mesmos maus cidadãos que acima dos sagrados interesses da Patria, collocam a barriga insa-

ciavel e as mesquinhas ambições do seu «entourage».

Pensem, pois, com sensatez e equilibrio, os nossos admiraveis lycurgos, de maneira a não darem triste attestado da nossa cultura, nem ferirem os direitos que cem annos de lutas e de trabalho incessantes nos asseguram como o nosso melhor patrimonio moral.

Feitos estes commentarios ditados exclusivamente pelo bom senso, esperamos que o Senado entre no bom caminho e nos dê uma «lei de imprensa» que venha «sómente, sanear; nunca obrigar ao silencio despotico as vozes que communicam o povo com o poder, e os individuos entre si».

«NUESTRA AMÉRICA»

Das homenagens recebidas pelo Brasil, por motivo da commemoração do primeiro centenario de sua emancipação politica, nenhuma, por certo, nos tocou mais fundamente, do que a com que nos honrou «Nuestra América», a esplendida revista argentina de diffusão de cultura americana, brilhantemente dirigida por Enrique Stefanini.

O numero especial que, do seu representante nesta capital, Sr. Saul de Navarro, acabamos de receber, attesta em alto gráo o proposito nobilissimo de «Nuestra América», de pugnar pela concordia entre o Brasil e a Argentina e est'outro mais elevado ainda, de approximar os dois grandes paizes através a mentalidade de seus filhos.

Esta commovedora homenagem não nos surpreendeu, entanto. Por ella esperavamos ha muito, sabedores que somos da grande e sincera amizade que ao nosso Brasil e a seus homens dedica Enrique Stefanini, a quem tanto devem já as duas patrias irmãs pelos esforços empregados a prol da sua approximação, fazendo com que ambas se conheçam melhor, justamente através daquillo que um povo tem de mais precioso — a intelligencia.

«Nuestra América» que é, sem favor, das maiores e mais prestigiosas publicações argentinas, deve orgulhar-se do numero especial com que commemorou a nossa data maior, nem só pelo que representa elle em esforço a prol de um ideal digno do melhor applauso, senão tambem por que elle vem marcar uma nova era na vida intellectual tanto da Republica Argentina como do proprio Brasil.

«Arvore Nova», em cujo programma figura tambem como parte principal, essa campanha a favôr da amizade sempre crescente dos dois paizes, vizinhos, agradece o exemplar recebido e faz votos por que o ideal de «Nuestra América», que é, como já o dissemos, esposado pelos que a dirigem, seja comprehendido pelos homens de ambas as nações e notadamente pelas suas gerações intellectuaes.

O CASSANGE CARIOCA

Como falaria o carioca de 1822?

A essa pergunta não se póde dar senão uma resposta vaga, pela minguia de documentos que a esclareçam. Os cariocas de 2022, porém, encontrarão a nossa fala de hoje fixada com fidelidade e methodo no *Linguajar Carioca em 1922*, agora dado à publicidade pela *Livraria Scientifica Brasileira*, centro de cultura onde um grupo de rapazes de iniciativa e talento vae cumprindo um programma a que tão bem fica por emblema a prodigiosa figura do *Pensador* de Rodin.

Esta monographia é uma valiosa contribuição para os estudos de dialectologia brasileira e assigna-a um dos homens mais bem qualificados para fazel-a, — o prof. Antenor Nascentes, cathedratico da cadeira de hespanhol no Collegio Pedro II. Com ser um philologo especializado nas linguas romanicas, o prof. Nascentes é um carioca da gemma, cujo ouvido não recolheu de outras modalidades dialectais senão aquellas vozes que se infiltraram no linguajar da sua cidade. Sem duvida a variante carioca é a mais difficil de estudar, em consequencia dessa mesma infiltração a que vimos de alludir e que não se limita apenas aos elementos de outras provincias, mas absorve tambem numerosas dicções estrangeiras. É um cassangue cosmopolita. Por isso mesmo o prof. Nascentes, atilado que é, não dá o seu trabalho senão como obra de preparo.

Diz elle:

— «No Rio se fala assim; entretanto muita cousa veio de fora. Quando mais tarde em outras provincias se houver feito o que fiz aqui e o que em São Paulo fez Amadeu Amaral, poder-se-a por cotejo isolar o elemento irreduzivelmente carioca.»

Por ahi se defendeu *avant la lettre* dos criticos pechosos que lhe saíram ao encontro gritando: — «Isto é tambem de Minas!» — «Isto é tambem do Pará!»

O *Linguajar Carioca em 1922* é de leitura amena e deleitosa, escripto com simplicidade, e digno da grande data que ainda agora festejamos.

«ARVORE NOVA» E A IMPRENSA

Continua a imprensa desta Capital e dos Estados a dispensar-nos o mais captivante e honroso acolhimento que pudéramos desejar. Mil vezes gratos. «Arvore Nova» vive deste estimulo generoso, que espera lhe seja tão duradouro quanto é intenso, da parte de seus directores, o desejo de a elle corresponder por um esforço cada vez mais firme e constante em bem de nossa terra e do espirito brasileiro.

Registamos, abaixo, algumas das carinhosas palavras com que foi noticiado nosso 2.º numero:

De «A Foiha»:

«Está um primor o segundo numero da *Arvore Nova*!

Admiravel pela elegancia da feitura material e deliciosa pelo encanto do texto, a linda revista de Rocha de Andrade e Tasso da Silveira conquistou, com a presente edição, o principado das publicações congeneres no Brasil.

Não conhecemos revista que se lhe iguale, tal a expressão de formosura artistica e de pujança intellectual que palpitam nas suas paginas, ricas de uma seiva nova, como novo e bizarro é o expressivo espirito encantador de seus directores.

Arvore Nova veio confirmar a exactidão do titulo: é bem um elegante exemplar da floresta dos tropicos, em que estua a seiva moça da terra brasilica, cheia de encantamentos e de maravilhas.

Não se póde prescindir da leitura de *Arvore Nova*. Esta revista realizou um milagre: no seu segundo numero objectivou a finalidade maxima do seu programma, projectando nas letras a exacta impressão do nosso movimento cultural».

De «A Gazeta do Povo» (Coritiba):

«*Arvore Nova*» — Depois de algum reclamo, e como que satisfazendo a expectativa que se fez em torno do seu nome, e a curiosidade que se alvoroçou com a noticia de mais essa tentativa literaria — surgiu a «*Arvore Nova*», realização planejada com algum vagar por um pugillo de artistas do pensamento e da forma escripta, em cujo meio se evidenciam varios nomes paranaenses.

«*Arvore Nova*» veio, como se diz na phrase consagrada, satisfazer a expectativa e saciar a curiosidade. Feição moderna, leitura escolhida e de primeira mão, desenvolve-se o seu conteudo em artigos, escriptos, versos e pensamentos traçados, á maneira de cada autor, por pennas conhecidas e algumas já consagradas.

Bella surpresa para as nossas letras, não ha duvida.

Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, estão na direcção da «*Arvore Nova*». No corpo de collaboradores, uma pleiade distincta e em evidencia de pensadores, poetas, literatos, artistas e criticos, toda uma cohorte de gente que honra a nossa cultura.

«*Arvore Nova*» surge assim, em ponto branco, para, á liça das letras, arma em riste, terçal-a em prol da nossa grandeza intellectual, — a acalentadora dama dos sonhos desses novos paladinos da grande cruzada, cujas fileiras vieram engrossar, agitando, a guiza de estandarte, todas as promessas que «*Arvore Nova*» acena...

Na sua apresentação, a formosa revista desvenda-se: — «*Arvore Nova*» é a propria «*Arre Nova*», moça e antes de tudo confiante no seu papel nas nossas letras jovens».

Uma revista moderna, na feição, no pensamento, nas pennas que a constroem. Uma juventude literaria.

Daqui vão os nossos votos de vida longa e longa mocidade. — E. C.»

De «O Parahyba do Sul»:

«*Arvore Nova*» é o nome da sympathica revista que acaba de surgir na Capital Federal sob a competente direcção dos talentosos jornalistas Rocha de Andrade e Tasso da Silveira.

A bellissima producção litteraria com que se apresenta em publico, da lavra de conhecidos e apreciados escriptores modernos, como sejam Olegario Marianno, Pontes de Miranda, Buarque de Hollanda, Cecilia Meirelles e tantos outros, é a esperança segura do completo triumpho que certamente ha de alcançar a nossa collega, muu justamente denominada «revista do movimento cultural do Brasil».

À frente da sua direcção está Rocha de Andrade, jornalista de folego, que, possuidor de grande talento e de invejavel força de vontade, por si só garante o successo do novo jornal carioca.

Rocha de Andrade, succedendo a Ildefonso Falcão, redactoriou por algum tempo este jornal; bem o conhecemos e grande foi a nossa satisfação ao vermos o seu nome incluído na direcção da «*Arvore Nova*», ao lado das maiores esperanças da nossa literatura.

A «*Arvore Nova*» é editada na Capital Federal. Foi o seu primeiro numero, de que gostosamente recebemos um exemplar, publicado no mez de Agosto ultimo.

Aqui deixamos consignados os nosos votos pela felicidade e constante prosperidade da prezada collega e dos seus redactores e editores».

De «A vida carioca»:

«Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, os dois escriptores da nova geração de maior talento e cultura, acabam de dar a sua bellissima revista mensal — «*Arvore Nova*», anciosamente esperada em o nosso microcosmo literario.

A amostra é magnifica, a começar pela suggestiva capa, com cerca de 70 paginas e uma collaboração escolhida, variada e inedita. A impressão que nos deixou foi empolgante, pois lemos paginas de prosa e verso assignadas por Ildefonso Falcão, Carlos Rubens, Olegario Marianno, Moacyr de Almeida, Affonso de Carvalho, Alvaro Moreyra, Gilberto de Andrade, Rodrigo Junior, Murillo Araujo e outros nomes preza-dos no belletrismo que está vencendo sem doestos, sem resentimentos, mas a golpes de talento, de estudo, de verdadeira paixão intellectual pelo Bello, sob todos os prismas.

Bemvindos sejam os novos arautos do pensamento que nos vieram trazer as flores trescalantes do seu espirito e os frutos doces e deliciosos das suas locubrações literarias, philosophicas e artisticas. Parabens a Tasso Silveira e Rocha de Andrade».

De «A Vanguarda»:

«Nunca é tarde para se falar de uma idéa nova, de uma nota de arte, de um bello livro ou de uma mulher bonita...

Vimos, pois, trazer os nossos parabens ao joven Rocha de Andrade pela sua feliz iniciativa de fazer uma revista nova para a arte nova.

«*Arvore Nova*» é uma revista do movimento

cultural do Brasil e merece todos os applausos e o apoio daquelles que se interessam pela arte brasileira.

Ha uma tendencia para a realisacão de um grande movimento artistico-intellectual, entre os jovens brasileiros, afim de se fazer uma arte genuinamente nacional. Para que se levante um movimento de arte nova e de estylisacão de motivos nacionaes, um grupo de jovens artistas tem trabalhado com insistencia.

«Arvore Nova» pretende ser o vehiculo dessas idéas novas».

A importante revista *Nuestra América*, de B Aires, assim se expressou:

«Mundo Literario» y «Arvore Nova»

Dos nuevas publicaciones se incorporan al periodismo fluminense, con aporte de valores literarios que seguramente pued figurar en el más alto nível de la cultura brasileña y continental.

«Mundo Literario» es una de ellas. La dirigen los distinguidos escritores Pereira da Silva e Théo-Filho. Los números que tenemos a la vista, son exponente de un esfuerzo plausible, tanto por el selecto material que contienen como por la presentación.

«Arvore Nova», la otra revista, dirigida por los conocidos intelectuales Rocha de Andrade y Tasso da Silveira, presenta un notabilísimo conjunto de colaboraciones y descubre una nueva orientación espiritual, en cuanto a las líneas generales de la revista y a la unidad de sus trabajos, firmados todos por valiosas plumas.

A ambas publicaciones, nuestro saludo y augurios de incessantes éxitos.

CONFRATERNIZAÇÃO INTELLECTUAL

Sob este titulo publicou o importante matutino *O Dia*, em sua edição de 15 de Setembro do corrente anno, as seguintes linhas, que penhoradamente agradecemos:

«A verdadeira approximação dos povos só poderá se firmar por uma solida sympathia intellectual. São os homens de letras, os artistas de todos os generos, os grandes propulsores da harmonia entre as nações. A approximação entre a actual mocidade intellectual argentina e brasileira, devida quasi que exclusivamente ao trabalho intelligente e pertinaz de Ildefonso Falcão, este brilhante poeta e diplomata, já vem produzindo resultados reaes. A nova geração brasileira e argentina já se tem, por varias vezes, manifestado e recebido evidentes provas de mutua cordialidade.

Desse intercambio de relações e amizades continuas, medida do decorrer dos annos, quando os moços de hoje dominarem amanhã na politica e nos destinos de ambas as nações, os

elementos de uma solida confraternização hão de vigorar, certamente, entre os dois povos vizinhos.

As mensagens trocadas entre os moços que dirigem as revistas «Nuestra América», em Buenos Aires, e «Arvore Nova», no Rio de Janeiro, dão uma prova bem significativa da cordialidade literaria existente entre a mocidade destes paizes.

O sr. Enrique Loudet, secretario da Comissão Argentina de Homenagem ao Centenario do Brasil, foi o portador da mensagem de «Nuestra América». Ao chegar ao Brasil, o sr. E. Loudet enviou aos srs. Rocha de Andrade e Tasso da Silveira as seguintes linhas:

«Enrique Loudet, que le ha cabido la honra de volver a la incomparable Rio de Janeiro en hora de gloriosa rememoración histórica, ha recibido con intima complacencia el telegrama que el digno director de «Arvore Nova» se ha dignado dirigirle.

Enrique Loudet, entre las multiples representaciones de que es portador, trae una especial de «Nuestra América»: la de saludar cordialmente a «Arvore Nova», y a sus brillantes directores Rocha de Andrade y Tasso da Silveira, en ocasión de la fecha centenaria que el mundo internacional hoy festeja alborozado de jubilo.

Rio de Janeiro, en el dia glorioso del Centenario del grande Brasil».

Os nossos patricios, directores da «Arvore Nova», em retribuição, enviaram ao sr. Loudet a seguinte resposta:

«Rocha de Andrade e Tasso da Silveira, summamente penhorados e commovidos pela saudacão de «Nuestra América» — de que foi portador esse espirito gentil e admiravel, que é Enrique Loudet, batalhador infatigavel pela fraternal união das duas grandes Republicas sul-americanas — enviam a Enrique Stefanini a expressão de seu alto respeito e acatamento e os votos pela mais perfeita victoria do ideal luminoso de «Nuestra América», tambem ardentemente sonhado por «Arvore Nova», de que são modestos directores espirituales.

«Arvore Nova» sente que, neste momento, póde falar em nome da mocidade intellectual brasileira e, assim, pede a esse elevado expoente da cultura argentina, que é «Nuestra América», dizer á juventude desse nobre paiz a sua saudacão cordial e a confiança de que os moços de uma e outra nação, conjugados no mesmo sonho, levarão a America Livre ao integral cumprimento dos seus destinos profundos. — Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1922».

Estas manifestações revelam, de um modo amplo, a actual orientação da nova gente para a grandeza dessas duas nações».

O popular diario «A Vanguarda» tratou tambem deste assumpto, estampando na integra as mensagens trocadas entre *Nuestra América* e *Arvore Nova*, precedidas das seguintes brilhantes expressões:

«Os intellectuaes estrangeiros que vieram assistir á commemoração do centenario da nossa independencia, desejam estreitar mais ainda o intercambio intellectual entre o nosso paiz e as nações amigas do Brasil.

Um jornalista norueguez veio ao Rio estudar o meio da mais facil propaganda intellectual entre o nosso paiz e a terra de Swedenborg. O illustre dr. José Vasconcellos, embaixador especial do Mexico, pretende approximar o pensamento mexicano do pensamento brasileiro.

Tambem o proprio brasileiro está intensificando a propaganda intellectual da nossa terra nos outros paizes. O joven diplomata e poeta Ildefonso Falcão, que se encontra actualmente na Allemanha, tem sido um ardoroso trabalhador nesse sentido. Quando esteve em Buenos Aires no ultimo inverno, Ildefonso Falcão fez uma serie de conferencias sobre o intercambio intellectual das duas republicas irmãs, escrevendo tambem muitos artigos nos jornaes portenhos, pela approximação do pensamento sul-americano.

Acabam de ser trocadas mensagens entre os jovens artistas que dirigem a «Nuestra América», de Buenos Aires e «Arvore Nova», do Rio, firmando contrato de mutua sympathia e significativa prova de cordialidade litteraria existente entre a mocidade destes paizes.

O sr. Enrique Loudet, secretario da Comissão Argentina de Homenagem ao Centenario do Brasil, foi o portador da mensagem da «Nuestra América».

«Estas manifestações», conclue a *Vanguarda*, «reve!am de um modo amplo a actual orientação da nova gente que surge para a grandeza dessas duas nações».

A SERIE DE CONFERENCIAS DO CURSO DE LITERATURA BRASILEIRA.

Em 26 de Outubro teve a sociedade culta do Rio oportunidade de assistir á verdadeira apothéose espiritual que foi a ultima conferen-

cia da serie que Adelino Magalhães e alguns dos seus confrades organizaram, para honra de nossa cultura.

Á primeira vista parece que um movimento tão sympathico quanto o Curso de Literatura Brasileira deveria merecer de todos os intellectuaes, indistinctamente, o maior acolhimento! Comtudo tal não aconteceu, rigorosamente falando, e o successo legitimo das vesperaes do Centro Paulista foram alcançados a custo dos maiores sacrificios.

Respondendo a um jornal de S. Paulo, que o entrevistou sobre o Curso, disse Adelino Magalhães com toda a franqueza que o caracteriza, que tudo fizera pela nobre cruzada «apezar de boycottado por alguns jornaes do Rio e apezar das picuinhas, das perfidias tolas, dos despeitos furiosos de alguns mancebinhos descerebrados que por ahi, em outros diarios, pelos cafés e pelas livrarias, andaram perdendo tempo tentando diminuir o exito de meu trabalho e do de meus amigos. Felizmente, por um lado, eu me lembrara de que era o auctor de quatro livros que fazem o desespero de todos esses rapazitos: e por outro, eu não me esqueci jamais de que me deveria comportar em todo esse movimento como um simples operario da Bôa-Causa, sem vaidades mas sereno até ao fim...»

Mais adiante, confessa-se Adelino grato todavia a alguns jornaes que mantiveram a respeito das vesperaes uma attitude sempre gentil.

Seja como fôr, é-nos grato, a nós da *Arvore Nova* registrar o successo do Curso de Literatura Brasileira — successo que representaram, além do esforço do organizador, as magnificas palestras de Austregesilo Athayde, Claudio Ganns, José Felix, Aggripino Grieco, José Vieira, Brenno Arruda, Marques Pinheiro, Viriato Corrêa, Pereira da Silva, Mario Hora, Horacio Cartier, Murillo Araujo e Mario Vilalva, dentre outros.

Sobre o symbolismo discorreu o nosso director Tasso da Silveira, na sessão de 19.

De um balanço geral, deprehende-se que todas as escolas literarias têm admiradores no Rio e que os assumptos belletristicos felizmente attrahem a attenção de grande parte da população carioca.

A assistencia das vesperaes foi sempre numerosa e selecta, os oradores muito applaudidos havendo merecido a maxima attenção do auditorio.

Deixaram emfim a mais agradavel impressão, e por certo bem duradoura, as tardes de fina arte e espirito, ás quintas feiras, no elegante salão de conferencias do Centro Paulista.

Que a pertinacia dos denodados batalhadores nos proporcione, em breve, outras sob a direcção do distincto homem de letras, que é Adelino Magalhães.

LEOPOLDO GOTUZZO

Leopoldo Gotuzzo é uma das mais significativas intelligencias jovens de nossa pintura. Suas telas, de algumas das quaes damos reproduções no presente numero de *Arvore Nova*, revelam capacidade de observação e criação, que ainda se apura e busca definir-se mais largamente, mas que já attingiu á firmeza necessaria



Leopoldo Gotuzzo

para nos transmittir o pensamento do artista, e o seu extase commovido diante das almas e das coisas.

Na exposição que realizou o anno passado, Leopoldo Gotuzzo deu a prova calara de decidido temperamento de pintor, conquistando a admiração dos entendidos. Formam já, seus trabalhos, extensa galeria, não obstante ainda ser o artista muito moço. Quando, por mais alguns annos de esforço continuo e acurado estudo, se houver inteiramente libertado dos precalços da technica, virá talvez a ser um dos mestres da pintura brasileira.

A VAGA DA ACADEMIA DE LETRAS

Movimentam-se os arraiaes academicos, os meios literarios, todo o Brasil que lê e escreve, em torno da vaga que o desaparecimento de D. Silverio deixou aberta na «Academia de Letras». O pleito promete ser renhido. Uma chusma de candidatos propõe-se a vencer... E no entanto só dois nomes contam com as probabilidades da victoria. São estes os candidatos Rocha Pombo e Gustavo Barroso, cada qual reunindo em torno de si grande numero de sympathias. Qual dos dois vencerá? A pergunta é um tanto arriscada... Rocha Pombo, o grande

Historiador Brasileiro nunca ambicionou sua entrada para a Academia. Amigos seus, porém, obrigaram-n'o a tal, procurando, assim, reparar uma grave injustiça. O Mestre oppoz-se; mas tamanha foi a insistencia com que lhe falaram, que elle nada mais teve a fazer senão dar-se por vencido. E candidatou-se.

Ha, entretanto, em torno desse pleito, uma serie de attitudes que só podem reflectir-se de maneira pouco recommendavel para os que as estão tomando. Na sombra, combate-se Rocha Pombo, nome que só poderá encher de respeito a Academia, cabalando-se desabridamente a proi do outro concorrente á vaga. E — pasmem todos, como nós já pasmámos! — quer-se até transformar a proxima eleição em «caso de honra», em «questão politica»... que sabemos nós, afinal?! Rocha Pombo, entretanto, do seu canto, olha tudo isso com aquella serenidade generosa que sabe perdoar, tendo, quando lhe tocam no assumpto, uma expressão mais de ternura do que mesmo de magua.

Emquanto isso, do outro lado, a lucta se vae desenvolvendo em meio á cabala mais immoral, justamente por tratar-se de um pleito em que se reconhecerão valores (e o paralelo... vale a pena estabelecer-se?) e não elegancias nem quantidades de *crachás*.

Que sairá dessa *boite à surprises* que é o cenaculo da praia da Lapa? Rocha Pombo ou Gustavo Barroso?

...Emquanto isso, nos jornaes se faz o panegirico dos immortaes que vão votar...

DOIS DEDOS DE HUMORISMO

Abrimos, hoje, excepcionalmente, nossas columnas para uma pagina humoristica. Traçou-a *Terra de Senna* com a graça e o encanto requintados que tanto o distinguem entre os nossos escriptores do genero. A pagina vale a excepção, pela qual, sem duvida alguma, nos serão gratos os leitores. Eil-a:

UM POETA QUE SURGE

Osório Duque Estrada e o seu «Alveolos».

Raro, bem raro, é o apparecimento de um verdadeiro poeta, como o é esse moço que acabamos de ler.

Da primeira á ultima pagina ha tanta sensibilidade, em cada estrophe, em cada verso ha uma technica tão vigorosa, em cada poesia ha tanta alma, tanto pensamento, que o joven estudante do Pedro II assume as proporções de um genio, de uma possante mentalidade que se firma, definitivamente, na historia das nossas letras.

E si Raul de Leoni, com o seu «Luz Mediterranea» conseguiu o applauso unanime da critica, a do «Jornal do Brasil», inclusive; si o poeta «Regina de Alencar» mereceu os mais li-songeiros encomios dos pensadores e moralistas de hoje, o sr. J. Osorio Duque Estrada, com a subtileza do seu espirito de Artista e a pureza dos seus versos, faz jús a uma brilhante apothéose á sua musa, aos seus 16 annos, ao seu incontestavel talento.

Ha nesse admiravel «Alveolos», forçoso é confessar, um tanto de ingenuidade salpicada, alli e acolá, por sobre as melhores producções do volume, o que, entretanto, é natural, numa obra de estréa, numa obra de adolescente, de um menino-moço que vive ainda por entre as carteiras do collegio e a grammatica de João Ribeiro.

Mas o que fica patente, da simples leitura de «Alveolos» é que o sr. J. Osorio Duque Estrada é um espirito formado sob as mais variadas influencias litterarias, misto de Verlaine e Paul Fort, Gilka Machado e Hermes Fontes, D'Annunzio e Noronha Gouvêa.

Ora simples, ora timido, ora assustadoramente erotico, o sr. J. Osorio Duque Estrada é, como bem diz no seu prefacio — «Um punhado de verdades» — a eloquencia patriarchal do sr. Sylvio Romero, «um mocinho de 16 annos estudante do collegio Pedro II».

A essa perdoavel creancice, que caracteriza todo o volume, devemos esses dois versos:

«Si da-me extasiando o nectar dos seus beijos!»
e mais adeante:

Que da-lhe o rei da luz, castello mouro».

O erotismo, tão proprio da tenra idade do poeta, explode de um modo assaz terrivel em «O Passeio»:

Quando passeias na praia
Em mim tal fogo se ateia,
Que todo o sangue na veia
Sinto pular... que elle saia,

Penso sómente. Na areia
Suspendes a lisa saia
Até por cima da meia
Deixando que outra vez caia!

E terminando:

Porém, (juro-o) no teu seio
Que treme e bate de enleio,
Eu hei de dar inda um beijo!

Em outras producções o poeta apparece, porém, mais calmo e, por consequencia, mais espirital, mais sonhador, mais Artista, como, por exemplo, em «Tú e Eu»:

Tu és, mimosa
Do prado a flor,
Tu és a Rosa
Eu — beija-flor!

Tu és a linda
Debil violeta,
És flor, ainda,
Eu — Borboleta!

És da corólla
Da flor vermelha
O odor que evóla...
Eu sou a abelha!

Tu és tão bella
Como Cecy,
Eu sou donzella...
..Sou teu Pery!

Na ultima poesia — Alter et Altera — encontramos esta admiravel quadra, onde ha uma profunda psychologia e uma dolorosa philosophia:

«Em vez de ser eu donzella
Com tantas maguas e dores
Quizéra ser como ella
Feliz, dormindo nas flores!»

É assim, em toda a sua Arte, sincero, humano, perfeitamente humano, o poeta que surge, o talento que espouca tão ruidosamente, na litteratura desse anno em que commemoramos o centenario da nossa emancipação politica.

O sr. J. Osorio Duque Estrada é, portanto, com o seu encantador «Alveolos», mais que uma estréa promissora, uma legitima realização.

TERRA DE SENNA.

Ao Grão Turco

Adelino Magalhães & C.

Casa especial de objectos de arte,
artigos de sport, leques, brinquedos,
jogos, etc.

96, Rua do Ouvidor

Tel. Norte 4034 Rio de Janeiro

Ribeiro Salgado & Cia.

Commissarios

Café, Manteigas, Queijos e mais
generos do Paiz

Consignações e Conta Propria
65, RUA DOS OURIVES, 65

Telephone Norte 1853

Caixa Postal 1424 — End. Teleg. "RISALDO"

RIO DE JANEIRO

Januario Basile

Alfaiate

18, Rua Rodrigo Silva, 18 - Sobr.

Esquina da Rua Assembléa

Teleph. 1058 Central—Rio de Janeiro

Advogados

Drs. Arthur Vieira Peixoto
e Americo Ribeiro de Araujo
Escriptorio:

Rua do Rosario, 172 - 1.º andar

Telephone Norte 4975

Acceitam-se causas no cível, no crime
e commercial

NESTA CAPITAL E NOS ESTADOS

Motores, Lampadas e Material
Electrico.

Installações Electricas, etc.

Haupt & Cia.

Telephones: Norte 2833 e 5238

RUA DE S. PEDRO, 50

RIO DE JANEIRO

Annibal Medina & Irmão

DESPACHOS ADUANEIROS

Rua 1.º de Março 123-sob.

Tel. Norte 3215

RIO DE JANEIRO

Agencia Novidades

Carvalho & Coutinho

Livros, jornaes, revistas nacionaes e
estrangeiras, figurinos, etc.

Agentes da "ARVORE NOVA"

RUA DE SANTO ANTONIO, 15

SANTOS

Papel Ferro-Prussiato, papel
para desenho, e tela vegetal.

**Companhia Papeis Photo-Technica
Limitada**

Telephone: NORTE 6967

RUA DO LIVRAMENTO, 84

RIO DE JANEIRO

"STELLA"
Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

Séde: RUA SILVA JARDIM, 16
 Caixa do Correio 1243
 Teleph. Central 5383
 Endereço Telegraphico «COSTELLA»
Rio de Janeiro

CAPITAL
 Rs. 1.000:000\$000
 REALISADO
 Rs. 500:000\$000
 DEPOSITO NO THESOURO
 200:000\$000

DIRECTORES
 Oscar Rudge Leonidas Garcia Rosa
 CONSELHO FISCAL
 Dr. Raul dos G. Bonjean
 Octavio Correia Dias
 Euclides Nascimento

Agentes em todos os Estados e principaes cidades

**Livraria Editora
 SCHETTINO**

Ultimas Edições:

Histórias e Sonhos, contos de Lima Barreto — Um vol broch., em papel buffon, 3\$500, enc., 5\$000.
Fetiches e Fantoques, criticas politicas, sociaes e litterarias, de Agrippino Grieco — Um vol. broch., 4\$000.
Uma viagem movimentada, scenas da vida dos touristes, de Theo-Filho. Um vol. broch. 4\$000.
Tabaréos e tabarôas — Contos regionalistas, obra premiada pela Academia de Lettras, do fino conteur Maroi Hora. Um vol. broch. 3\$000
Historia João Crispim, (2.^a edição) romance de Enéas Ferraz. Um ex. broch. 4\$000.
Inquietude, contos realistas por Adeino Magalhães. Um ex. broch., 4\$000.
Flor de Portugal, romance da campanha nacionalista, de Carlos Caváco. Um ex. broch. 4\$000.

Pedidos directos á Livraria Editora SCHETTINO
Rua Sachet, 18 - Rio
Tel. C. 5685
 Aceitam-se agentes no Interior

Estaleiros e Officinas
de Construções Navaes

Vicente dos Santos Caneco & Cia.

152 a 182, Praia do Retiro Saudoso, 205 a 211

CAJU'

Telephone 626 — End. Teleg. "NECO"

RIO DE JANEIRO

**DUQUE DE
 AMORIM & C.**

Commissões, Consignações e Representações
 Nacionais e Estrangeiras

Farinha de Trigo, Assucar, Tecidos, Algodão, Alcool,
 Oleos, Couros, Etc., Etc.

Importação e Exportação

Matriz: Rua do Commercio, 24
MACEIO' — (Estado de Alagôas)

Filial: Rua 1º de Março, 66 — Sala 5 — Edificio
 da Associação Commercial

Telephone Norte 5919 — Caixa Postal 217
 Endereço Telegraphico "KEMPS"

RIO DE JANEIRO